



Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Ensinar bem, aprender melhor: representações sobre o sucesso educativo

Relatório de estágio apresentado à Escola Superior de Educação
de Paula Frassinetti para a obtenção do grau de mestre em
Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Estudante: Ana Sofia Martins Ribeiro

Orientador: Professora Doutora Daniela Alexandra Ramos Gonçalves

Porto | 2019

Resumo

A grande finalidade do presente relatório de estágio prende-se com um processo de investigação/formação que temos vindo a desenvolver, no âmbito da prática de ensino supervisionada do curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, sobre o processo de ensino/aprendizagem promotor de sucesso educativo numa instituição de ensino privada situada na zona metropolitana da cidade do Porto e com uma filosofia educacional do tipo *Kaospilot*.

Todo o trabalho realizado foi enquadrado por uma abordagem qualitativa e interpretativa, com os dados a serem recolhidos através de análise documental, do inquérito por entrevista - grupo de docentes e à diretora da instituição de ensino - e do *focus group* - aplicados aos alunos, e analisados com recurso à técnica de análise de conteúdo. Atendendo a este enquadramento, apresentar-se-á este estudo exploratório sobre as representações de docentes e discentes sobre o que é um bom ensino e uma boa aprendizagem, destacando as representações de todos os participantes sobre estratégias promotoras de sucesso educativo, tendo em conta grandes categorias definidas. Os resultados apontam para um grande alinhamento entre a equipa docente e as considerações proferidas pelos alunos.

Palavras-chave: sucesso educativo; qualidade de ensino; processo de aprendizagem.

Abstract

The main goal of this report is to become a process of investigation/formation in which we've been developing, in the ambit of the supervised Master's Degree in Pre-School Education and Teaching of the 1st Cycle of Basic Education, about the process of the teaching/learning promo of educational success in a private teaching institute located on the metropolitan zone of Oporto with an education philosophy like *Kaospilot*.

All the work made was framed by an interpretive and qualitative approach, with the data being collected through documental analysis, of the inquiry by interview - group of teachers and the director of the educational institute - and of the focus group- applied to students, and analyzed using the technique of content analysis. Attending to this framework, will be presented this exploratory study about representations of teachers and students about what is good teaching and good learning, giving prominence to the representation of all the participants about their strategic promos of educational success, taking into account large defined categories. The results point to on big alignment between the teacher's team and the uttered considerations by the students.

Keywords: educational success; teaching quality; learning progress

Agradecimentos

Na elaboração deste relatório, no âmbito do curso de mestrado, contei com o apoio direto ou indireto de múltiplas pessoas. Foram dois anos de uma longa viagem, que incluiu uma trajetória permeada por inúmeros desafios, tristezas, incertezas, alegrias e vitórias. Desta forma gostaria de manifestar os meus sinceros agradecimentos.

Primeiramente à orientadora deste relatório, a Doutora Daniela Gonçalves, pela orientação prestada, pelo seu incentivo, disponibilidade e apoio que sempre demonstrou.

À minha mãe pelo apoio, pela preocupação, pela força e pelo carinho que prestou ao longo de toda a minha vida académica, sem exceção na elaboração do presente relatório.

Ao meu pai que esteve estes cinco anos fora do país para me poder dar uma vida melhor e tornar possível os meus estudos na área pretendida: um enorme obrigado.

Ao meu namorado por ter caminhado comigo, pela paciência, compreensão e ajuda prestada durante a elaboração do presente estudo.

Agradeço à minha amiga Andreia Silva pelas idas à piscina e saídas ao shopping como forma de atenuar os estudos.

Por fim, agradeço a todas as minhas colegas que estiveram sempre comigo ao longo destes cinco anos.

Obrigado a todos.

Índice

Introdução.....	9
I. Enquadramento Teórico	10
1. Sucesso Educativo.....	10
2. Metodologias Promotoras de Aprendizagem	12
3. Oportunidades do exercício profissional.....	15
4. Ambiente promotor de aprendizagem.....	17
5. Fases da intervenção educativa	18
II. Enquadramento Metodológico	20
1. Âmbito e objetivos da investigação	20
2. Contexto de investigação	21
3. Técnicas de recolha de dados.....	23
3.1. Análise documental.....	24
3.2. Inquérito por entrevista	25
3.3. <i>Focus de groups</i>	26
4. Faseamento da investigação.....	27
5. Técnicas de tratamento dos dados de investigação	28
III. Apresentação e discussão dos resultados	30
1. Quadro de referentes do inquérito por entrevista.....	31
1.2. Análise dos inquéritos por entrevista a docentes	32
2. Quadro de referentes do <i>focus group</i>	51
2.1. Análise do focus group aos alunos	52
3. Quadro de referentes da entrevista à diretora da instituição.....	60
3.1. Análise da entrevista à diretora da instituição	62
4. Resultados	76
5. Considerações Finais.....	80
Referências Bibliográficas	82

Índice de tabelas

Tabela 1 - Perspetiva sobre análise de documentação (Yin, 2009)	25
Tabela 2 - Perspetiva sobre a entrevista (Yin, 2009)	26
Tabela 3 - Perspetiva sobre as potencialidades e limites do grupo de discussão (Santos, 2010).....	27
Tabela 4 - Cronograma da investigação	28
Tabela 5 - Quadro de referentes das entrevistas dos docentes.....	31
Tabela 6 - Sucesso educativo.....	32
Tabela 7 - Inovação.....	33
Tabela 8 - Estrutura física da escola	34
Tabela 9 - Diferenciação pedagógica	35
Tabela 10 - Trabalho por projeto	37
Tabela 11 - Projetos	39
Tabela 12 - Trabalho em equipa.....	40
Tabela 13 - Tecnologia	42
Tabela 14 - Sala de aula.....	44
Tabela 15 - Aprendizagem	45
Tabela 16 - Planificação	47
Tabela 17 - Avaliação.....	48
Tabela 18 - Ambiente de aprendizagem	50
Tabela 19 - Escola para todos	51
Tabela 20 - Quadro de referentes de Focus Group	52
Tabela 21 - Sucesso educativo.....	52
Tabela 22 - Inovação.....	53
Tabela 23 - Atividades.....	53
Tabela 24 - Temas de interesse	54
Tabela 25 - Trabalho em equipa.....	55
Tabela 26 - Recursos	56
Tabela 27 - Sala de aula.....	56
Tabela 28 - Aprendizagens	57
Tabela 29 - Avaliação.....	58
Tabela 30 - Ambiente de aprendizagem	59
Tabela 31 - Sucesso na escola.....	60
Tabela 32 - Instituição	60
Tabela 33 - Quadro de referentes da entrevista à diretora da instituição	61
Tabela 34 - Sucesso na escola.....	62
Tabela 35 - Inovação.....	62
Tabela 36 - Estrutura física da escola	63
Tabela 37 - Diferenciação pedagógica	64
Tabela 38 - Trabalho por projeto	65
Tabela 39 – Projetos	67
Tabela 40 - Trabalho em equipa.....	67
Tabela 41 – Tecnologia.....	69
Tabela 42 - Sala de aula.....	70
Tabela 43 – Aprendizagem	71
Tabela 44 – Planificação.....	72
Tabela 45 – Avaliação.....	73

Tabela 46 - Ambiente de aprendizagem	75
Tabela 47 - Escola para todos	76

Índice de anexos

Anexo I - Guião do inquérito por entrevista	86
Anexo II - Entrevista a uma professora do 1º Ciclo do Ensino Básico (E1)	88
Anexo III - Entrevista a uma professora do 1º Ciclo do Ensino Básico (E2)	94
Anexo IV - Entrevista a uma professora do 1º Ciclo do Ensino Básico (E3).....	101
Anexo V - Entrevista a uma professora do 1º Ciclo do Ensino Básico (E4).....	107
Anexo VI - Autorização/Guião de Focus Groups a alunos do 1º Ciclo do Ensino Básico	114
Anexo VII - Focus Group a 8 crianças da instituição	117
Anexo VIII - Guião de inquérito por entrevista à diretora da instituição	125
Anexo IX - Entrevista à diretora da instituição em estudo	127

Introdução

O presente relatório realizado no âmbito da unidade curricular intitulada de Prática Supervisionada do curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico na Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, apresenta resultados de uma investigação de carácter qualitativo, sobre o processo de ensino/aprendizagem promotor do sucesso educativo.

Neste contexto, foi nossa pretensão compreender as representações de docentes e discentes sobre o bom ensino e uma boa aprendizagem, destacando as representações de todos os participantes sobre estratégias promotoras de sucesso educativo, tendo em conta as grandes categorias definidas. É feita a abordagem a alguns atores que promovem o sucesso educativo, tal como Alves (2010) e Zins (2004).

O presente relatório está organizado por três capítulos e os respetivos subcapítulos. No primeiro capítulo encontra-se o *Enquadramento Teórico* que está organizado em cinco subcapítulos sendo que o primeiro subcapítulo aborda-se a definição de educação e o ensinar bem através de *Kaospilot*; no segundo as metodologias promotoras para a aprendizagem: ativa, participativa e por projeto envolvendo as escolas Jesuíta; no terceiro aborda as oportunidades do exercício profissional dos docentes, isto é, como expõem a matéria dentro da sala e como agem às adversidades; no quarto subcapítulo o ambiente promotor para a aprendizagem dos alunos e por fim, no quinto subcapítulo, é abordado as fases de intervenção educativa: observar, planificar, agir e avaliar.

Posteriormente, o segundo capítulo consiste no *Enquadramento Metodológico*, ao qual também está dividido em cinco subcapítulos dos quais, no primeiro é abordado o ambiente e os objetivos da investigação; no segundo o contexto da presente investigação; no terceiro subcapítulo as técnicas de recolha de dados, nomeadamente a análise documental, o inquérito por entrevista e ainda, o focus group; no quarto subcapítulo o faseamento da investigação, isto é, todo o percurso que foi feito ao longo da investigação e por fim, no quinto as técnicas de tratamento dos dados.

O terceiro capítulo, consiste na *Apresentação e Discussão dos Resultados*, sendo que está dividido em três subcapítulos, nomeadamente o quadro de referentes dos inquéritos por entrevista a docentes e a sua análise; posteriormente o segundo capítulo consiste no quadro de referentes do focus group e a sua análise; o terceiro aborda o quadro de referentes da entrevista à diretora da instituição e a sua análise e, por fim, são apresentadas as *considerações finais* e as respetivas *referências bibliográficas*.

I. Enquadramento Teórico

1. Sucesso Educativo

O termo educação é considerado como um poliedro de muitas faces, pois o próprio conceito segundo Cabanas (2002) é

uma dimensão pessoal, uma dimensão social, uma dimensão relacional, uma dimensão cultural, uma dimensão política, uma dimensão artística (ou poética), uma dimensão existencial, uma dimensão económica, uma dimensão psicológica, uma dimensão jurídica, uma dimensão racional, uma dimensão afetiva, uma dimensão institucional, uma dimensão histórica, uma dimensão laboral, uma dimensão ética e uma dimensão comercial (p.52).

Verifica-se que não há uma definição exata do conceito de educação, ou seja, não é um termo unívoco nem equívoco, pois “todos os diferentes sentidos de “educação” têm algo em comum, um certo significado do que os une e que justifica que todos eles se lhes aplique uma mesma palavra” (Cabanas, 2002, p. 25).

O mais simples é destacarmos dos distintos significados, apenas um deles e centrarmos no seu sentido. Castañé (citado por Cabanas, 2002, p. 53) afirma que para saber a profundidade e a exatidão do que é a educação, implicaria defini-la segundo certos princípios como também observar de que modo se realiza e é condicionada historicamente e como influência essa história num contexto sociocultural concreto.

Assim, de forma global, considerar-se que o conceito de educação pode ser definido como sendo um processo de socialização dos indivíduos. Neste processo, os educandos ao receberem a educação assimilam e adquirem diversos conhecimentos.

O processo educativo é concretizado numa série de aptidões e valores, que proporcionam alterações intelectuais, emocionais e sociais na pessoa. Logo, é “evidente que cada geração tem de definir de novo a natureza, a direção e os objetivos da educação, para assegurar a uma geração futura toda a liberdade e racionalidade que for possível atingir” (Bruner, 1999, p. 41). Deste modo, a educação visa favorecer o processo de estruturação do pensamento e das formas de expressão do indivíduo.

Durkheim (citado por Arroteia, 2008, p. 115) afirma que a educação consiste na ação exercida pelas gerações adultas sobre as que não estão maduras o suficiente para a vida social, ou seja, as crianças.

Portanto, o objetivo fundamental é desencadear e desenvolver, na criança, um certo número de estados físicos, intelectuais e morais que têm vindo a ser exigidos pela sociedade e pelo meio de pertença. Percebe-se, assim, que se designa como “um conceito que dá ênfase ao carácter social e global da educação” (Arroteia, 2008, p. 115).

A forma mais regular da educação formal abrange “programas escolares, ministrados e avaliados por agentes especializados, e cuja lecionação abarca um conjunto de atividades obrigatórias e facultativas, desenvolvidas dentro ou fora da escola” (Arroteia,

2008, p. 115). Logo, esta perspectiva concede à educação um papel pertinente na formação do aluno.

No entanto, é importante destacar a sociedade atual, que concede um grande interesse ao conceito de educação, porque o processo educativo não está só limitado para as crianças, mas sim para o ser humano que adquire conhecimentos ao longo de toda a vida. Neste sentido, a “educação está em constante processo de invenção” (Arroteia, 2008, p. 115).

De acordo com o papel da União Europeia, em particular, no domínio da educação e da formação, cada país é responsável pelos seus sistemas de educação e formação. Deste modo, foi adotado um quadro estratégico (Educação e Formação para 2020), sucessor ao quadro de 2010. O quadro de EF2020 da União Europeia apresenta quatro objetivos estratégicos para os Estados-Membros, tais como: i) tornar ao longo da vida a aprendizagem e a mobilidade uma realidade; ii) melhorar a qualidade e a eficácia da educação e da formação; iii) promover a igualdade, a coesão social e a cidadania ativa; iv) incentivar a criatividade e a inovação, incluindo o empreendedorismo, a todos os níveis da educação e da formação.

Estes objetivos permitem, em nosso entender, que haja um maior desenvolvimento integral da criança, através do seu percurso escolar, para que num futuro próximo consiga realizar todas as suas potencialidades, tal como a economia sustentável e sobretudo dar resposta a questões relacionadas com a empregabilidade.

De acordo com os objetivos apresentados anteriormente, assume-se que a escola é responsável na promoção do sucesso educativo.

No que diz respeito à educação na Finlândia, o aluno está sempre à frente dos saberes, pois “um aluno feliz, livre para se desenvolver ao seu ritmo, adquirirá mais facilmente os saberes fundamentais” (Roubert, 2011, P. 9).

Misrahi (citado por Gonçalves, 2006, p. 102) também refere que, “a educação deve desenvolver, em primeiríssimo lugar, o sentido da felicidade, ou seja, uma espécie de atenção, de perspicácia, dirigidas a si próprio e à vida, e que indicam que só a alegria importa”.

Não obstante, para o sucesso progredir, é necessário que o professor saiba moldar e ensinar os seus alunos, pois “ser professor não se cinge apenas e só a ensinar a matéria curricular, mas também à compreensão, por parte do aluno, dos desafios postos globalmente à sociedade” (Cardoso, 2013, p. 40).

Segundo Robert (2011, p.11), na Finlândia a relação entre os professores e os alunos estende-se num grande ambiente de familiaridade, que não elimina o respeito mútuo entre ambos. Por outras palavras, os professores são bastante acessíveis e flexíveis e tentam ajudar os seus alunos sempre que surge alguma dificuldade perante a

aprendizagem, concretizando modos pedagógicos flexíveis, diversificados, personalizados e contextualizados. O mesmo é verificável nas escolas que adotam uma filosofia educacional do tipo *Kaospilot*, porque a ênfase está na centralidade dos modos de aprender. Nas escolas de tipo *Kaospilot* é um espaço que procura compreender o ser humano completo, com as suas fraquezas, os seus pontos fortes, os seus sonhos e os seus conhecimentos próprios. Para tal, há um investimento numa procura contínua em descobrir o que motiva as pessoas a aprender, a criar e a liderar, proporcionando, um ambiente educativo que ajuda os alunos a respeitar os seus valores e a concretizar os seus sonhos. Assim, a *Kaospilot* apresenta-se como uma filosofia educacional internacional de empreendedorismo, criatividade e inovação social que aposta no desenho e gestão de projetos criativos, no desenho e liderança de processos criativos e no desenho e criação de novos negócios.

Portanto, para que haja toda esta dinâmica de aprendizagem e para que se consiga promover o sucesso educativo, o papel do professor é fulcral e deve investir em capacidades técnicas que se designam por *hard skills* “domínios das matérias e capacidades pedagógicas” (Cardoso, 2013, p. 40), que têm de se unir a outras capacidades que se designam por *soft skills* tal como as “de persuasão, de trabalhar em equipa, de liderança, de motivar, de entender a comunidade onde está inserido, de interpretar e avaliar o futuro” (Cardoso, 2013, p. 40).

Em suma, as competências designam-se por “um conjunto de ações relativas à prática docente que se reconhecem essenciais para o adequado desenvolvimento dessa competência nas diferentes áreas e dimensões do currículo da educação básica” (Ministério de Educação, s/d, p. 16).

2. Metodologias Promotoras de Aprendizagem

De acordo com Morán (2015, p.17), “as metodologias precisam acompanhar os objetivos pretendidos. Se queremos que os alunos sejam proativos, precisamos adotar metodologias em que os alunos se envolvam em atividades cada vez mais complexas, em que tenham que tomar decisões e avaliar os resultados”.

Neste mesmo sentido, a metodologia ativa e participativa implica uma forma de conceber e abordar processos de ensino-aprendizagem e ao mesmo tempo, a construção do conhecimento de cada criança. Aqui, as crianças são participantes ativos na construção e reconstrução dos seus conhecimentos, sendo elas próprias os recetores dessas aprendizagens. Digamos que ambas as metodologias vão ao encontro da metodologia de projeto, pois partem dos interesses dos alunos e não do professor.

Portanto, de acordo com Oliveira (2013), a metodologia ativa é, sobretudo, um processo

de conhecimento, análise, estudos, pesquisas e decisões individuais ou coletivas, com a finalidade de encontrar soluções para um problema, um caso, ou construir e executar um projeto. O professor atua como facilitador ou orientador para que o estudante faça pesquisas, reflita e decida por ele mesmo, o que fazer para atingir um objetivo. É um processo que estimula a autoaprendizagem e facilita a educação continuada porque desperta a curiosidade do aprendiz e, ao mesmo tempo, oferece meios para que possa desenvolver capacidade de análise de situações e apresentar soluções em consonância com o perfil psicossocial da comunidade na qual está inserido (p.17).

Por isso, mais uma vez é visível que o papel do professor é importante nestas metodologias, pois este deve “estimular ideias e fazer conexões na aprendizagem das crianças enquanto trabalha ao lado delas, por meio de perguntas, fornecendo recursos e fazendo sugestões” (Vickery, 2016, p. 31).

No entanto, antes destas metodologias serem aplicadas em sala de aula é necessário que o professor seja empreendedor, isto é, que para além de dar as aulas procure soluções para melhorar a área em que atua e ao mesmo tempo, dar a conhecer aos alunos novas experiências, pois “um bom professor deve ter sempre presente não apenas a matéria que leciona, mas também a preparação dos jovens alunos para, um dia, entrarem na cidadania ativa e, também, no mundo do trabalho” (Cardoso, 2013, p. 118).

Uma outra metodologia que consideramos essencial oferecer destaque é a metodologia de projeto, sendo designada por “um método de trabalho que se define e configura em função do papel nuclear atribuído, em primeiro lugar, aos problemas, entendidos como instâncias propulsionadoras de aprendizagens e, em segundo lugar, ao seu processo de transformação em projetos” (Trindade & Cosme, 2010, p. 126/127).

Portanto, de acordo com Trindade & Cosme (2010, p. 127), em primeiro lugar é necessário saber o que se entende pelo conceito problema e, em segundo lugar, é importante “colocar e discutir algumas das questões transversais inerentes à transformação dos problemas em projetos”.

Assim, no que concerne ao problema este “implica o reconhecimento de três dimensões estruturantes: a da interposição ou do obstáculo, a da pregnância ou do significado e a da iniciativa ou do projeto” (Frabre citado por Trindade & Cosme 2010, p. 127).

Logo, o problema é considerado uma das técnicas ideais para se aplicar nas turmas heterogêneas, uma vez que existem “alunos com capacidades diversificadas podem associar os seus talentos e colaborar na criação de uma solução” (Delisle, 2000, p. 14), pois todos eles participam numa determinada ação que é decidida, panificada e organizada de forma distinta. Por conseguinte, esta técnica proporcionará às crianças

uma forma de interdisciplinaridade, pois a resposta a um problema envolverá várias áreas de conhecimento.

Relativamente ao segundo ponto, tal como já se afirmou é necessário discutir-se algumas questões da realização do projeto, questões essas que apenas terão uma resposta ao longo do trabalho que for desenvolvido, sendo que dependerão sobretudo do contexto em que estiverem inseridos e dos desafios que serão propostos no decorrer do projeto.

Portanto, a aprendizagem por problema permite de acordo com Delisle (2000, p. 14) que as crianças orientem as suas próprias atividades de forma a dar-lhes uma maior responsabilidade, consentindo que os professores lhes mostrem como se “podem desafiar a si mesmas e como podem aprender autonomamente”.

Na mesma linha de pensamento, a aprendizagem por problemas consiste ainda, numa “metodologia de ensino-aprendizagem colaborativa, construtivista e contextualizada, na qual situações-problema são utilizadas para iniciar, direcionar e motivar a aprendizagem de conceitos, teorias e o desenvolvimento de habilidades e atitudes no contexto de sala de aula” (Ribeiro, 2008, p.9).

O professor tem assim um papel importante na aprendizagem por problemas, sendo que é considerado como um mediador e as crianças como o cerne da aprendizagem. Por outras palavras, o professor apoia a criança, incentivando-a na realização de novas aprendizagens e descobertas. No entanto, aparentemente o trabalho do professor é visto como mínimo, mas desde que segundo Delisle (2000)

consideremos o tempo necessário para desenvolver um problema, supervisionar e apoiar os alunos ao longo do projeto (encorajando-os a serem mais autónomos) e avaliar o sucesso do problema bem como o desempenho dos alunos, é evidente que o papel do professor é vital para a eficácia desta experiência de aprendizagem (p. 21)

e, sobretudo, é um método muito mais trabalhoso do que o ensino tradicional; porém, acaba por trazer recompensas muito maiores nas próprias crianças.

De acordo com Cardoso (2013), existem quatro qualidades que o professor deverá despertar nos seus alunos, para que os mesmos possam ser empreendedores, tais como, o ser:

Resiliente - É trabalhador e, sobretudo, perante a adversidade, luta contra ela;
Pró-activo - é dinâmico na medida em que age antes que os problemas apareçam; ou seja, antevê as dificuldades e, de forma criativa, e muitas vezes saindo da sua zona de conforto, arranja, soluções;
Acredita - É crente naquilo que são as suas ideias e projetos e irá lutar por eles até à exaustão;
Analista/planeador - É organizado e entra em conta com o mundo que o rodeia e faz planos de contingência para suprir eventuais problemas (p.119).

É, portanto, fundamental os professores aderirem a novas iniciativas criadas fora da sala de aula, como workshops, projetos e mesmo concursos para os alunos participarem, pois só assim haverá inovação tanto para o professor como para o próprio aluno.

Por conseguinte, para além de os docentes possuírem a oportunidade de aplicarem diversas metodologias e de estimularem as qualidades do aluno, é importante que haja uma mudança profunda na própria escola para o aumento do sucesso educativo.

Vejamos exemplos inovadores. As escolas Jesuítas, são escolas que apostam “numa transformação da educação conjugando os valores da pedagogia e da espiritualidade inaciana e tendo em conta os contributos mais recentes da neurociência, da psicologia e da pedagogia” (Alves, 2017, p. 11).

É notório que o modo de trabalho pedagógico é diferenciador, pois “são muito diferentes dos que prevalecem num modelo escolar mais tradicional. Predomina o trabalho em equipa, a entreajuda, a pesquisa orientada, a produção de conhecimento a partir de fontes que são disponibilizadas”, entre outras (Alves, 2017, p. 14).

Nestas escolas é de frisar os trabalhos de projeto integradores que são realizados ao longo do ano, estes são devidamente estruturados e planificados de forma a permitir que os alunos trabalhem de forma autónoma. Ainda nestas escolas de acordo com Gonçalves (2017)

salienta-se a pluralidade de critérios simples, claros e perceptíveis por todos, incluindo os alunos. Há uma aposta forte na modalidade formativa, onde o recurso ao *feedback* processual e a autoavaliação são privilegiados, não descurando várias estratégias e recursos: rubricas, portfólios, *visual thinking*, classe invertida, resolução de problemas da vida diária, *steps*, entre outros (p. 33).

Portanto, para o professor conseguir promover o sucesso educativo é importante que procure reforçar as suas competências, as estratégias a promover e a diversidade de métodos de ensino, pois só com muito trabalho é que conseguirá ter resultados eficazes por parte dos alunos.

3. Oportunidades do exercício profissional

Atualmente é bastante visível que a estrutura das escolas tradicionais escassamente se modificou ao longo do tempo em Portugal, pois “o papel do professor e alunos tem-se mantido, praticamente, inalterado. Cabe ao professor transmitir conhecimentos e fazer cumprir a disciplina na sala de aula; ao aluno receber ensinamentos e respeitar as regras impostas pelo professor” (Lima, 2017, p. 29). Uma vez que, são poucas as

escolas a que se intitulam como “Escola Nova”, isto é, instituições que permitem a inovação constante e que se adaptam à criança do século XXI, e ao mesmo tempo, aprovam que a mesma aprenda de forma mais fácil e eficaz.

Porém, uma das principais razões por a escola não estar adaptada para os alunos de hoje, passa pela maneira como o professor planeia e expõem a matéria dentro da sala de aula e como age às adversidades da instituição.

No que concerne aos jovens professores de educação que estão no mundo de trabalho, têm de ter em mente que existem novas formas de aprender e mesmo de se trabalhar com os alunos. Isto é, novas metodologias que são empreendedoras e motivadoras para que os alunos aprendam de uma forma mais eficaz. Mas, segundo Lima (2017, p.29), o mundo sofreu grandes alterações nos últimos cem anos e “a Escola permanece quase inalterada desde a revolução industrial, condicionando muitas das práticas” que os professores pretendem aplicar na sala de aula, no entanto, apesar da organização física das salas de aula os professores podem modifica-la e organiza-la da melhor maneira para que os alunos possam trabalhar em grupo, e possam dar a sua opinião sobre os trabalhos que lhes serão propostos, pois a mudança começa dentro da própria sala e o professor tem de fazer a diferença, independentemente das condições que lhes são postas.

Por outro lado, os professores com mais anos de serviço, para ele nem sempre é fácil estarem aptos para os novos avanços que a educação lhes proporciona, como por exemplo o acesso às tecnologias. Assim poderá existir a probabilidade de o aluno estar mais apto do que o próprio professor para aceder a um tablet ou a um computador e, por conseguinte, o professor não adota essa tecnologia na sala de aula por ter medo de falhar. Portanto, de acordo com Lima (2017), o professor

pode até reconhecer na tecnologia um valor adicional para a aprendizagem, contudo, o receio de não dominar as ferramentas tão bem quanto os alunos, o medo de transmitir uma imagem de incapacidade ou a simples ideia de que os alunos não vão ver em si uma figura de autoridade e conhecimento levam-no a recusar a utilização da tecnologia na sala de aula (p.33).

Porém, é importante que o professor não tenha esse receio de falhar, mas que por outro lado, pretenda enriquecer as suas aprendizagens transversalmente da partilha com os alunos e vice-versa. Segundo Lima (2017),

está na hora de olhar para o futuro e de procurar mudar a forma como preparamos os alunos para um mundo cada vez mais exigente e desafiador da criatividade, do pensamento crítico, da colaboração e da utilização de um elevado número de ferramentas tecnológicas para comunicar, aprender e executar tarefas (p. 38).

4. Ambiente promotor de aprendizagem

Nos dias que decorrem os alunos, cada vez mais, sentem a necessidade de espaço na escola para poderem aprender. Mas, os professores continuam dia a pós dia a restringir-se sempre ao mesmo espaço a sala de aula, pois “a escola continua quase imutável, tanto nas abordagens quanto nos próprios espaços de aprendizagem” (Lima, 2017, 166). Em consequência, os alunos têm vindo a perder o interesse pela escola, devido ao modo tradicional de aprendizagem que continua a persistir nas instituições. De acordo com Moran (2014), insistimos num modelo ultrapassado, centralizador e autoritário. Afirma ainda, que para haver inovação não é necessário irmos sempre para o mesmo lugar, não necessitamos de estar sempre com um especialista para aprender e “mesmo quando estamos num espaço convencional como a sala de aula, podemos modificar o que acontece nela: a utilização do espaço de diversas formas, a diversificação de atividades (individuais, grupais e coletivas), as analógicas e as digitais, as de profunda interação física e as de profunda interação virtual” (p.34).

Havendo um modelo mais tradicional nas aprendizagens, a escola dita “normal” “que ensina e avalia a todos de forma igual e exige resultados previsíveis, ignora que a sociedade do conhecimento é baseada em competências cognitivas, pessoais e sociais, que não se adquirem da forma convencional e que exigem proatividade, colaboração, personalização e visão empreendedora” (Moran, 2014, p.34). Na mesma linha de pensamento Lima (2017, p.161) afirma que “as características e as vivências dos jovens de hoje, (...) estão permanentemente sujeitos a estímulos bastante diferentes daqueles que ocorrem no ambiente de aprendizagem formal da sala de aula”.

Porém, já existem algumas escolas que defendem que a aprendizagem não se limita apenas ao modelo tradicional e têm vindo a desenvolver modelos inovadores segundo Moran (2014, p.34).

Nas escolas *Summit (Summit Schools)* da Califórnia, “equilibram tempos de atividades individuais, com as de grupo” havendo a “supervisão de dois professores, de áreas diferentes (humanas e exatas) que se preocupam com projetos que permitam olhares abrangentes, integradores, sem disciplinas” (Moran, 2014, p.34).

No Rio de Janeiro há o Projeto *Gente* da Secretaria Municipal onde “os alunos estão em grupos e os professores circulam entre eles como orientadores” (Moran, 2014, p.35).

Ainda nas escolas públicas de *High Tech High* os alunos “vão da ideia à realização e apresentação dos seus projetos, com apoio de ferramentas físicas e digitais” (Moran, 2014, p.35).

No entanto, apesar de haver, de acordo com Lima (2017)

uma grande percentagem de escolas relativamente bem equipadas, temos alunos nativos digitais bem adaptados à tecnologia e a uma sociedade em constante mudança, temos um

crescente número de professores, (...) porém, a Escola continua quase imutável, tanto nas abordagens, quanto nos próprios espaços de aprendizagem (p. 165 -166).

Para isso será necessário “pensar numa sala de aula mais flexível, dinâmica e adaptada a um ensino diversificado e personalizado” (Lima, 2017, p. 169). Sendo que a “ideia subjacente a esta conceção de organização dos espaços de aprendizagem é a de que mudar estratégias, metodologias, abordagens pedagógicas irá, forçosamente, levar os professores a mudar o espaço onde a aprendizagem formal ocorre” (Lima, 2017, p. 169).

5. Fases da intervenção educativa

Observar, planificar, intervir e avaliar são vocábulos que podem ser compactados numa única frase: os docentes devem observar os alunos para planificar de acordo com as suas necessidades, facilidades e interesses, de modo a intervir, proporcionando-lhes aprendizagens significativas. Todo este processo deve ser avaliado e ajustado àquilo que poderá estar ainda em deficit.

Portanto, numa primeira fase, antes de planificar é necessário fazer-se observações para conhecer o grupo de alunos com que se vai trabalhar, ou seja, conhecer as capacidades, os interesses, as dificuldades e o contexto em que estão inseridos. Na mesma linha de pensamento, as observações, de acordo com Parente (2002, p.180), consistem num “procedimento útil para obter elementos sobre todas as áreas de desenvolvimento e informações que possam ser utilizadas para planear e adequar materiais e atividades aos interesses e necessidades das crianças”.

Após à observação, numa segunda fase o docente deve começar a pensar na planificação. Planificação esta, que deve ser construída tendo em conta os dados recolhidos nas observações.

Para Cardoso (2013, p.147), existem três aspetos fulcrais quando se planifica uma aula: “1. Os conteúdos que irá trabalhar; 2. Com quem vai trabalhar os conteúdos; 3. Como vai trabalhar os conteúdos: quais as estratégias mais adequadas em função das respostas às duas questões anteriores.”

De acordo com o Decreto de Lei nº241/2001 o educador/professor tem de planificar de forma flexível, “tendo em conta os dados recolhidos na observação e na avaliação, bem como as propostas explícitas ou implícitas das crianças, as temáticas e as situações imprevistas emergentes no processo educativo” (Decreto-lei nº241/2001, de 30 de Agosto).

Na mesma linha de pensamento, Arends (citado por Pavão, 2013), afirma que

a planificação dos professores determina aquilo que é ensinado nas escolas, uma vez que este processo transforma e adapta o currículo através de adições, eliminações e interpretações realizadas pelos professores sobre o ritmo, sequência e ênfase a atribuir aos conteúdos e competências tendo em conta o contexto em que estes atuam, (p.23).

Por outras palavras, a planificação é um processo que é adaptado em função dos alunos, pois pretende-se que haja, efetivamente, aprendizagem e não apenas ensino. Assim, a aprendizagem é assumida como “um processo de construção de significados e atribuição de sentido” (Scheerens, 2004) e o ensino como a “ajuda necessária para que esse processo se realize na direcção desejada” (Scheerens, 2004).

Por tal razão, o docente deve agir em função de se ajustar aos alunos. Por isso, o profissional de educação “deve aproveitar as situações que partem de imprevistos por parte das crianças/alunos, adequando a planificação à situação, agindo com o objetivo de proporcionar novas aprendizagens” (Lopes, 2013, p.15).

Portanto, para Cardoso (2013, p.147) “o processo de aprendizagem que o professor escolherá nunca será neutro em relação aos alunos que terá de ensinar” pois, conforme “o tipo de público-alvo e as suas experiências e vivências em relação aos temas que serão tratados, assim deverá o professor socorrer-se das melhores estratégias para chegar ao maior número de alunos”. Logo, nesta perspetiva, o professor tornar-se-á um facilitador da atividade mental dos alunos, ajudando-os a construir novos conhecimentos.

No que diz respeito à avaliação, já numa fase final, “a avaliação tem uma vertente contínua e sistemática e fornece ao professor, ao aluno, ao encarregado de educação e aos restantes intervenientes, informação sobre a aquisição de conhecimentos e o desenvolvimento de capacidades, de modo a permitir rever e melhorar o processo de trabalho” (Decreto-lei nº129/2012 de 5 de julho). Ainda na mesma linha de pensamento Roldão (2003, p. 41) defende que “avaliar é um conjunto organizado de processos que visam o acompanhamento regulador de qualquer aprendizagem pretendida, e que incorporam, por isso mesmo a verificação da sua consecução (...) é indispensável criar mecanismos de acompanhamento do processo para ir entendendo, acertando e reorientando no sentido desejado”. Logo, é necessário avaliar os alunos após um conteúdo abordado, de modo a que o docente compreenda se as estratégias que aplicou foram as mais corretas ou se terá de as modificar para melhor.

A avaliação deve ainda ser realizada em conjunto com o aluno “já que assim é garantido que as aprendizagens também se efetuam no próprio ato de avaliar e, conseqüentemente, favoreçam a capacidade de o grupo/turma adquirir competências de meta cognição, reflexão e pensamento crítico” (Lopes, 2013, p.16).

Em modo de conclusão, para que haja uma diferenciação pedagógica tanto no ato de observar, planificar, agir e avaliar, o docente deve ter em atenção que o foco é sempre o aluno (capacidades, interesses e necessidades), pois só assim conseguirá que os alunos criem aprendizagens significativas.

II. Enquadramento Metodológico

1. Âmbito e objetivos da investigação

Atualmente, e de acordo com Bogdan & Biklen (1994), os investigadores ainda contestam as distintas formas de investigação qualitativa e quantitativa, bem como a forma de as interligar, pois cada uma delas é determinada pelo investigador de acordo com a abordagem adotada e os métodos de recolha de informação que se selecionará, no entanto, estes, “dependerão da natureza do estudo e do tipo de informação que se pretenda obter” (Bell, 1997, p.20) .

Assim o presente estudo de investigação sobre o sucesso educativo insere-se numa metodologia de carácter qualitativo que poderá suplementar toda a teoria referida e clarificará algumas questões já supracitadas, assim como os objetivos deste estudo.

Sendo esta metodologia de carácter qualitativo, foram recolhidos dados de investigação através de análise documental, do inquérito por entrevista - grupo de docentes e à diretora da instituição de ensino - e do focus group - aplicados aos alunos, e analisados com recurso à técnica de análise de conteúdo. Portanto, “os investigadores que adotam uma perspectiva qualitativa estão mais interessados em compreender as percepções individuais do mundo (...) duvidam da existência de factos «sociais» e põem em questão a abordagem «científica» quando se trata de estudar seres humanos” (Bell, 1997; p.20). Logo, estamos “em presença de um tipo de investigação que requer o envolvimento pessoal do investigador, interagindo com o contexto em que decorre a ação de forma a captar, do modo mais fiel possível, o desenrolar dos acontecimentos” (Morgado, 2012; p. 59). Por outras palavras, “as acções podem ser melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 48).

Sempre que se está perante uma investigação qualitativa é fundamental saber que se trata também de uma investigação descritiva, pois “os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 48). Denota-se, portanto, que os investigadores qualitativos analisam todos os dados recolhidos “respeitando, tanto quanto o possível, a forma em que estes foram registados ou transcritos” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 48).

Por outro lado, estes interessam-se mais pelo processo em si do que simplesmente pelos resultados ou produtos obtidos. Seguindo o pensamento de Bogdan & Biklen (1994, p.49) estes apontam que há mudanças, quando se utiliza a pré e pós-testes, pois “as estratégias qualitativas patentearam o modo como as expectativas se traduzem nas atividades, procedimentos e interações diários”. Os investigadores analisam os dados

de forma indutiva, isto é, não recolhem dados ou provas para confirmarem ou infirmarem hipóteses já previamente definidas, mas antes investigam a teoria de modo a completarem todas as “peças” recolhidas que se inter-relacionaram. Logo, é pertinente uma abordagem interpretativa e subjetiva do tema que se privilegia o esclarecimento de fenómenos particulares como forma de compreender o geral.

Atendendo a este enquadramento, a grande finalidade da investigação consiste em apresentar as representações de docentes e discentes sobre o que é um bom ensino e uma boa aprendizagem, destacando as representações de todos os participantes sobre estratégias promotoras de sucesso educativo, tendo em conta grandes categorias que serão definidas.

2. Contexto de investigação

A presente investigação foi realizada numa das instituições que se situa na cidade do Porto. A escolha desta instituição consistiu no facto de a mesma querer “partir à aventura e desenhar uma escola de e para o mundo” (Projeto Educativo, 2016, s/p.), pois nos dias de hoje uma escola promotora de uma aprendizagem inovadora, tem de ter “uma ideia clara sobre as práticas instrumentais que querem para o desenvolvimento dos alunos” (Cardoso, 2013, pág. 259). Neste sentido, pretende-se que os alunos busquem a sabedoria da vida e ao mesmo tempo, que sejam mais do “que recetores de alimento intelectual, mas agentes ativos na exploração e na construção de significado para o mundo que os rodeia” (Projeto Educativo, 2016, s/p.).

Nos últimos anos passou-se de escolas centradas nos professores, para escolas que se centram nos alunos, contudo esta escola centra-se na aprendizagem, isto é, numa “aprendizagem que se quer integral e que para se concretizar precisa que alunos e professores, crianças, orientadores educativos, familiares e a comunidade assumam papéis diferentes, mas complementares” (Projeto Educativo, 2016, s/p.). Portanto, nesta instituição de ensino, “os alunos serão copromotores do seu processo de aprendizagem individual e dos processos de aprendizagem dos seus pares e os orientadores educativos serão mediadores desses processos de aprendizagem e terão o difícil papel de equilibrar forças entre o dar asas para voar e o saber aterrar para consolidar as experiências dos voos” (Projeto Educativo, 2016, s/p.).

De acordo com o espaço físico, a cor predominante é o branco, pois este transmite “liberdade, flexibilidade, criatividade e conforto” (Projeto Educativo, 2016, s/p.); esta cor permite proporcionar um ambiente neutro e sereno para todos os alunos e orientadores educativos que frequentam este espaço.

Relativamente aos espaços, estes estão pouco preenchidos para que se possa ir complementado, ao longo do tempo, de acordo com as necessidades/facilidades de cada grupo. Quanto ao mobiliário que nele consta, foi pensado de forma cautelosa para promover uma maior flexibilidade. Com isto, a instituição quis transmitir “a mesma sensação de segurança e conforto que temos quando estamos nas nossas casas” (Projeto Educativo, 2016, s/p.).

A gestão da escola consiste num processo participativo feito pelas crianças, pelos encarregados de educação e pela comunidade envolvente. Contudo, para que esta participação seja fomentada, a instituição promove um momento designado por “Cais” que se realiza semanalmente. Neste momento, converte-se “num espaço de reflexão e debate, mas também num momento de convívio e de reforço dos laços sociais e afetivos entre a comunidade educativa” (Projeto Educativo, 2016, s/p.).

Nesta instituição, os orientadores educativos têm um papel fundamental; assim, para fazerem parte da mesma é necessário estarem aptos a um conjunto de competências e características que indicam o perfil de um orientador competente. De acordo com o Projeto Educativo (2016) são apresentadas as principais competências:

- contribui para o desenho, desenvolvimento, implementação e avaliação do currículo do século XXI;
- promove um propósito e visão partilhada;
- reflete continuamente sobre a sua prática profissional;
- aceita e gere a ambiguidade;
- pesquisa, aprende, desaprende, reaprende e partilha conhecimento continuamente;
- facilita e potencia o desenvolvimento do outro;
- inspira a paixão pela aprendizagem ao longo da vida;
- trabalha para e em função de um coletivo, sendo solidariamente responsável por todas as decisões tomadas;
- lidera processo de aprendizagem tornando-o real, rigoroso, envolvente e autêntico;
- Promove a alegria.

Os grupos de aprendizagem estão organizados em função de níveis de desenvolvimento, invés da divisão de critérios etários ou, até mesmo de níveis de escolaridade. O grupo pré-escolar consiste em crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos. Já o grupo de iniciação, inclui crianças com idades compreendidas entre os 6 e os 10 anos. Regra geral, para cada grupo ou sala, contém um limite máximo de 20 crianças. Portanto, “cada grupo de aprendizagem será orientado por uma equipa pedagógica interna e um conjunto de orientadores educativos externos que assegurarão parte das atividades curriculares” (Projeto Educativo, 2016, s/p.).

A instituição aborda as orientações curriculares recomendadas pelo Ministério de Educação, para além disso, a mesma aborda outros temas que sejam do interesse das próprias crianças, isto é, há uma diversidade e flexibilidade que lhes permite focarem-

se na metodologia de projeto de tipo *Kaospilot* e, ainda, em outras metodologias e abordagens, tais como: método Montessori, a Reggio Emilia e High Scope, para “que cada criança atinja os objetivos estabelecidos segundo os seus ritmos e preferências, sentindo-se desafiada, livre e competente” (Projeto Educativo, 2016, s/p.).

No que diz respeito a projetos de aprendizagem, estes podem ser individuais, isto é, nascem do interesse de uma determinada criança ou coletivos que surge dos interesses em geral dos grupos de crianças e pela equipa pedagógica.

Estes projetos têm a duração de seis semanas e cada projeto segue uma estrutura similar e flexível, tal como: registos de avaliação intermédia e final, arcos de aprendizagem e, ainda, um roteiro de aprendizagem.

Sabe-se ainda, que relativamente à avaliação esta não se limita a uma quantificação dos conhecimentos adquiridos, mas sim a “um processo partilhado e participativo que envolve todos os agentes educativos e que pressupõe a utilização de instrumentos diversificados para documentar o processo e progresso da aprendizagem integral” (Projeto Educativo, 2016, s/p.).

Esta instituição adota, portanto, o modelo pedagógico de *Kaospilot* de forma a promover alunos empreendedores e ativos na sociedade envolvente, não deixando de lado outras propostas de ação educativa que favorecem o desenvolvimento integral dos seus alunos.

3. Técnicas de recolha de dados

Numa investigação é fundamental o procedimento de técnicas de recolha de dados, pois “são elementos essenciais uma vez que deles dependem, em grande parte, a qualidade e o êxito da investigação” (Morgado, 2013, pág. 71). Portanto, estes dados e técnicas devem ser estruturados pelo investigador de modo a alcançar o máximo de informação inerente, tendo em conta os objetivos mencionados e o contexto onde se concretiza o determinado estudo. No entanto, “o maior ou menor êxito na adequação do processo de recolha dos dados ao objeto de investigação depende do conhecimento, da capacidade e da experiência de cada investigador” (Morgado, 2013, p.71).

Na presente investigação considerou-se pertinente a aplicação de distintas técnicas e instrumentos de recolha de dados, tais como o inquérito por entrevista e um focus group.

3.1. Análise documental

Na generalidade todos os projetos e trabalhos de investigação exigem o recurso à análise documental, no sentido de ajudar a fundamentar já a informação adquirida por outros métodos ou até mesmo, concentrar-se na própria pesquisa.

Por outras palavras, Saint-Georges (citado por Morgado, 2013, p. 86), a análise documental caracteriza-se como um método de recolha e de averiguação de dados, para aceder a fontes concernentes, de forma a fazerem “parte integrante da heurística da investigação”.

Consequente o que influência e demarca a maior ou menor exclusividade do estudo é a quantidade de documentos que o investigador tem de examinar, pois este estudo “depende sempre da natureza dos documentos a analisar”, e ainda, do “objetivo e finalidades da própria investigação” (Ketele e Roegiers citado por Morgado, 2013, p. 86).

Por outro lado, nem sempre o tempo é suficiente para analisar todos os documentos que se pretende, daí ser essencial o investigador “decidir o que quer selecionar” (Duffy citado por Bell, 1997, p.93) para o seu estudo. Para isso, será necessário “um melhor conhecimento das diferentes categorias de dados”, pois “ajudá-lo-á a decidir o que é fundamental para o projeto” (Duffy citado por Bell, 1997, p.93). Portanto, uma seleção mais pormenorizada é fulcral para investigar todas as categorias devidamente, sem que nenhuma seja ocultada, isto é, o objetivo do investigador “é fazer, na medida do possível, uma seleção equilibrada, tendo sempre em conta as restrições do tempo” (Duffy citado por Bell, 1997, p.93).

Ainda relativamente à análise documental, primeiramente é importante o investigador ter em conta “a eficácia das fontes utilizadas, sobretudo se não tiver certezas sobre os dados que pode extrair da análise dos documentos” (Morgado, 2013, p. 87). De seguida e ainda, de acordo com o aspeto anterior, para isso acontecer também é fundamental que o investigador tenha uma atitude crítica permanente daquilo que pretende adquirir, pois as fontes utilizadas ajudaram o investigador a autenticar a veracidade dos documentos e ainda, de justificar o próprio estudo.

De acordo com Robert K. Yin, sintetizamos alguns pontos forte e pontos fracos relativamente à análise de documentação.

	Pontos fortes	Pontos fracos
Documentação	Estável – pode ser revista repetidamente;	Recuperabilidade – pode ser difícil de encontrar;

	<p>Discreta – não foi criada em consequência do estudo de caso;</p> <p>Exata – contém nomes, referências e detalhes exatos de um evento;</p> <p>Ampla cobertura – longo período de tempo, muitos eventos e muitos ambientes.</p>	<p>Seletividade parcial, se a coleção for incompleta;</p> <p>Parcialidade do relatório – reflete parcialidade (desconhecida) do autor;</p> <p>Acesso – pode ser negado deliberadamente.</p>
--	--	---

Tabela 1 - Perspetiva sobre análise de documentação (Yin, 2009)

3.2. Inquérito por entrevista

Na investigação qualitativa uma das técnicas mais utilizadas pelos investigadores, consiste no inquérito por entrevista, pois é uma das técnicas que lhes permite obter informação de forma mais consolidada. Uma vez que, “trata-se de uma técnica utilizada para recolher dados cujo principal objetivo é compreender os significados que os entrevistados atribuem a determinadas questões e/ou situações” (Morgado, 2013, p. 72).

Afonso (2014, p. 104) afirma que as entrevistas como consistem “numa interação verbal entre o entrevistador e o respondente” estas podem ser executadas em situação de cara à cara, por intermédio do telefone ou até mesmo, por meios informáticos.

Por conseguinte, será mais facilitadora se for realizada “face a face”, pois permite que o investigador observe as expressões que o seu entrevistado produz, o que pode indicar expressões mais convictas e menos convictas das respostas que o mesmo concederá.

Num inquérito por entrevista existe três tipos distintos, sendo por norma distinguidos por entrevistas estruturadas, não estruturadas e semiestruturadas.

Ao longo desta investigação utilizou-se a entrevista semiestruturada, uma vez que esta faz uma ponte entre as que são estruturadas e as não estruturadas, ou seja, “designam-se por entrevistas semiestruturadas (ou semidirigidas) por não serem inteiramente abertas nem muito direcionadas através das perguntas precisas” (Morgado, 2013, p.73-74). Por norma, tal como Afonso (2014, p.105) afirma as entrevistas semiestruturadas em geral são orientadas a partir de um guião, guião este que conste num instrumento de gestão para o próprio investigador se orientar. Contudo, apesar de o investigador poder recorrer a um “guião” este pode não colocar “necessariamente todas as perguntas pela ordem em que as anotou e sob a formulação prevista” (Quivy & Campenhoudt, 1998, p. 192).

Neste tipo de entrevista a preocupação principal “é criar condições para que o entrevistado fale abertamente, o que não o impede de ir reencaminhando a entrevista para os objetivos que pretende alcançar sempre que isso se torne necessário, mas de uma forma tão natural quanto possível” (Morgado, 2013, p. 74). Deste modo, o entrevistador realiza as questões de acordo com o que pretende saber, não obstante deixa que o entrevistado se expresse à sua maneira e possibilita-o de ajustar o conteúdo às questões que são realizadas.

De acordo com Robert K. Yin, este apresenta alguns pontos forte e pontos fracos relativamente à entrevista.

	Pontos fortes	Pontos fracos
Entrevistas	<p>Direcionadas – foram diretamente os tópicos do estudo de caso;</p> <p>Perceptíveis – fornecem inferências e explicações causais percebidas.</p>	<p>Parcialidade devido às questões mal articuladas;</p> <p>Parcialidade da resposta;</p> <p>Incorreções devido à falta de memória;</p> <p>Reflexividade – o entrevistado dá ao entrevistador o que ele quer ouvir.</p>

Tabela 2 - Perspetiva sobre a entrevista (Yin, 2009)

3.3. Focus de groups

Uma outra técnica que será fulcral nesta investigação são os grupos de discussão, que consistem num “estudo de situações revestidas de alguma complexidade como as que são vivenciadas em ambientes escolares” (Santos, 2010, p.12-13). Esta técnica é uma das mais antigas utilizadas na investigação qualitativa; porém, tem vindo a ser cada vez mais, pouco utilizada e valorizada.

Magdalena Ortega (citado por Santos, 2010) afirma que no âmbito da investigação de psicopedagogia e socioeducativa,

o recurso a esta técnica pode permitir responder a alguns objetivos que se relacionam com a análise e compreensão de situações educativas, com os processos de ensino/aprendizagem, com a resolução de conflitos, com a qualidade das instituições não só do ponto de vista dos jovens alunos, mas também de outros actores educativos como os professores, os pai/encarregados de educação (p.13).

De acordo com a perspetiva de Fabra & Domènech (citado por Santos, 2010, p. 15), os grupos de discussão consistem num pequeno grupo de pessoas que se reúnem com a intenção de participar numa conversa sobre temas concretos de investigação, durante um determinado período de tempo, nomeadamente uma hora ou hora e meia. Sabe-se

ainda, que ao longo da discussão a mesma não tem de haver consenso entre as opiniões dos participantes, o importante aqui é recolher o máximo de informação possível para serem tratados de forma mais detalhada.

Santos (2010) apresenta ainda algumas potencialidade e limites relativamente aos grupos de discussão.

Potencialidades	Limites
<ul style="list-style-type: none"> -Interação entre todos os participantes; -Subjetividade/intersubjetividades (partilha de experiências, sentimentos, percepções, intercambio de opiniões); - Integração social, afetiva, pessoal; - Flexibilidade; - Liberdade de expressão; - Espontaneidade; - Não diretividade; - Reflexão critica; - Construção da realidade social dos atores; - Bidirecionalidade; - Produção de saber científico. 	<ul style="list-style-type: none"> - Dificuldades de seleção: <ul style="list-style-type: none"> - participantes; - Espaço. - Função do investigador/moderador; - Formação e experiência do investigador/moderador; - Características pessoais e humanas; - Generalização e análise dos dados; - Flexibilidade; - Imprevisibilidade; - Gestão do tempo.

Tabela 3 - Perspetiva sobre as potencialidades e limites do grupo de discussão (Santos, 2010)

4. Faseamento da investigação

O faseamento desta investigação foi realizado ao longo de dezanove meses, de acordo com a tabela apresentada.

Atividades Investigativas	1º Mês - NOV	2º Mês - DEZ	3º Mês - JAN	4º Mês - FEV	5º Mês - MAR	6º Mês - ABR	7º Mês - MAI	8º Mês - JUNH	9º Mês - SET	10º Mês - OUT	11º Mês - NOV	12º Mês - DEZ	13º Mês - JAN	14º Mês - FEV	15º Mês - MAR	16º Mês - ABR	17º Mês - MAI	18º - JUNHO
Revisão Bibliográfica sobre o Tema																		
Definição da Problemática																		
Definição de objetivos gerais																		
Construção de instrumentos de recolha de dados																		

p. 211). Através de uma observação cuidada, considera-se que se “revela frequentemente outros factos além dos esperados e outras relações que não devemos negligenciar” (Quivy & Campenhoudt, 1998, p. 211), ou seja, factos este que vão permitir uma perceção mais completa e profunda de uma realidade mais restrita.

Por outro lado, é crucial que ao longo de uma investigação a análise de dados seja inerente à sua interpretação, isto é, que siga um fio condutor daquilo a que se pretende chegar e que não se desintegre dos objetivos pretendidos. Só deste modo se conseguira relacionar e compreender os dados que foram recolhidos. Logo, podemos afirmar que se trata “de um procedimento para o qual não existem receitas e que, por defender essencialmente da experiência e da capacidade de reflexão de cada investigador, pode ser feita de várias formas distintas” (Morgado, 2013, p. 93).

Portanto, existe diversos métodos que auxiliam os investigadores no tratamento da análise de dados, sendo que cada um recorre ao seu próprio método “em função do objetivo de investigação e dos objetivos definidos” (Morgado, 2013, p. 93).

Sabe-se assim, que “a maior parte dos métodos de análise das informações dependem de uma de duas grandes categorias: a análise estatística dos dados e a análise de conteúdo” (Quivy & Campenhoudt, 1998, p. 222).

Na presente investigação foi realizada a análise de conteúdo, ao qual Quivy & Campenhoudt (1998) considera como “uma das técnicas mais comuns na investigação empírica realizada pelas diferentes ciências humanas e sociais” (Vala citado por Silva & Pinto, 1986, p. 101), para além de oferecer “a possibilidade de tratar de forma metódica informações e testemunhos que apresentam um certo grau de profundidade e de complexidade”(p. 227).

Para além disso, a análise de conteúdo é muito melhor do que qualquer outro método de trabalho, uma vez que permite “quando incide sobre um material rico e penetrante, satisfazer harmoniosamente as exigências do rigor metodológico e da profundidade inventiva” (Quivy & Campenhoudt, 1998, p. 227).

A análise de conteúdo pode ser dividida em dois métodos, sendo eles o método quantitativo (mais extensivo) e o método qualitativo (mais intensivo). No entanto, este estudo recorre ao método qualitativo, uma vez que se trata de um número pequeno de informação complexa e pormenorizada.

Os métodos da análise de conteúdo podem também ser divididos em três grandes categorias, sendo elas: as análises temáticas, as análises formais e as análises estruturais. Seguindo ainda o pensamento de Quivy & Campenhoudt (1998) de acordo

com a investigação realizada, apenas se destaca duas destas temáticas, nomeadamente as análises formais e estruturais.

Relativamente às análises formais, os autores afirmam que estas incidem essencialmente sobre as formas e encadeamento do discurso, sendo que se pode distinguir a análise da expressão e a análise da enumeração.

- Análise da expressão incide na forma de comunicação, isto é, determinadas características concedem “informação sobre o estado de espírito do locutor e suas tendências ideológicas” (Quivy & Campenhoudt, 1998, p.229).

- Análise da enumeração recai sobre o discurso e a própria dinâmica, ou seja, o investigador está atento a dados como por exemplo “o desenvolvimento geral do discurso, a ordem das suas sequências, as repetições, as quebras do ritmo” (Quivy & Campenhoudt, 1998, p.229), entre outros.

Quanto às análises estruturais incidem sobre os aspetos subjacentes e implícitos da mensagem, podendo-se distinguir a análise de co-ocorrência e ainda, da análise estrutural.

- Análise de co-ocorrência, permite analisar as associações de temas nas sequências de informação, que “informam o investigador acerca de estruturas mentais e ideologias ou acerca de preocupações latentes” (Quivy & Campenhoudt, 1998, p.229).

- Análise estrutural permite “revelar os princípios que organizam os elementos do discurso, independentemente do próprio conteúdo destes elementos” (Quivy & Campenhoudt, 1998, p. 229) e procuram encontrar uma ordem oculta do funcionamento do discurso e ao mesmo tempo elaborarem um modelo operativo abstrato, para se estruturar o discurso de forma, a tornar-se compreensível.

III. Apresentação e discussão dos resultados

Neste capítulo, apresentar-se-á toda a análise dos dados da investigação de natureza qualitativa, através da aplicação de inquéritos por entrevistas a quatro docentes e ainda, à diretora da instituição, tendo em conta a análise documental realizada aos documentos estruturantes. Outros dos instrumentos aplicados foi a realização de um *focus group* a oito alunos da instituição, com idades diferenciadas entre os cinco e os dez anos.

1. Quadro de referentes do inquérito por entrevista

Tendo em conta a revisão bibliográfica, bem como a finalidade investigativa, foram definidas as seguintes categorias e subcategorias (emergentes e convergentes), apresentadas no seguinte quadro de referentes.

Categoria	Subcategoria	Explicitação
Sucesso educativo	Significado	Representação dos docentes relativamente ao conceito de sucesso educativo.
Inovação	Instituição	Resultados acerca da inovação da instituição.
Estrutura física da escola	Influência a aprendizagem	Aspetos arquitetónicos que influenciam a aprendizagem.
Diferenciação pedagógica	Concretização em sala de aula	Representação dos docentes relativamente à diferenciação pedagógica na sala de aula.
Trabalho por projeto	Garantia para o sucesso educativo	Metodologia de trabalho selecionada pelos docentes promotora de sucesso. No decorrer do projeto é simples identificar alunos com dificuldades
	Outras metodologias	Existe outras metodologias correntes na instituição para além da de projeto.
Projetos	Participação dos alunos	Perceção dos docentes relativamente à participação dos alunos nos projetos.
Trabalho em equipa	Trabalho conjunto dos alunos	Perceção dos docentes sobre os benefícios do trabalho em equipa por parte dos alunos, tendo em conta a aprendizagem.
Tecnologia	Problema ou aliado	A importância de recurso tecnológicos na escola, opinião acerca de ser um problema ou um aliado na aprendizagem.
	Acesso a recursos	Integração de recursos diversificados utilizados nas pesquisas.
	Receio do professor	Na instituição haverá professores recetivos relativamente às tecnologias.
Sala de aula	Número de professores	A importância do número de professores numa sala de aula.
	Apoio mútuo entre professores	A relevância do apoio mútuo e da colaboração entre os docentes.
Aprendizagem	Professor com aluno	A partilha de saberes do aluno para com o professor.
Planificação	Flexível	Perceção dos docentes sobre a etapa de intervenção educativa: planificação.
Avaliação	Procedimentos	Representação dos docentes sobre as modalidades, estratégias, momentos de avaliação e recursos.
	Autoavaliação	Processo de autoavaliação dos alunos.
Ambiente de aprendizagem	Espaço	Opinião dos docentes sobre a organização do espaço de aprendizagem.
Escola para todos	Equidade	Representação dos docentes sobre o modo como concretizam a ideia de escola inclusiva.

Tabela 5 - Quadro de referentes das entrevistas dos docentes

1.2. Análise dos inquéritos por entrevista a docentes

Serão apresentados os resultados obtidos, através dos inquéritos por entrevista realizados aos docentes do 1.º Ciclo do Ensino Básico, através da categorização das respostas. Assim sendo, para que toda a informação seja confidencial, as entrevistas serão identificadas através de códigos, tais com E1, E2, E3 e E4. Os registos das respostas das entrevistas encontram-se no anexo II, III, IV e V.

Categoria	Subcategoria	Exemplos
Sucesso educativo	Significado	E1: “(...) englobe muitas áreas, desde a área afetiva, a área emocional, a área intelectual, ao caráter (...);” E2: “(...) pressupõe na aprendizagem mas dando valor ao aluno em si, (...) pensar na criança como um todo (...) se as crianças são felizes (...);” E3: “(...) é a felicidade do aluno (...) se sinta realizado e feliz a fazer aquilo que nós pedimos”; E4: “(...) a aprendizagem faça sentido para as crianças (...) durante a aprendizagem eles estarem sempre integrados e sempre por dentro daquilo que nós estamos a abordar (...);”

Tabela 6 - Sucesso educativo

De acordo com a tabela 6, as docentes caracterizaram o sucesso educativo tendo em conta diferentes variáveis, de entre as quais se destacam a área afetiva, a emocional e a intelectual. Porém, afirmam que para existir sucesso educativo é necessário ver o aluno como um todo, ou seja, é necessário saber se a aprendizagem faz sentido para o aluno e se o mesmo se sente feliz na escola.

Categoria	Subcategoria	Exemplos
Inovação	Instituição	E1: “(...) alguém teve a coragem de fazer aquilo que muita gente acredita que é o correto. (...) porque acho que vê a criança como um todo (...) que pode participar, que pode dar ideias de tudo”; E2: “(...) baseia-se em várias metodologias, procura sempre um motivo e uma solução para os problemas (...) procura sempre dar resposta ao que os alunos precisam (...) estar em constante evolução que é o que faz a diferença”.

		<p>E3: “(...) aqui em Portugal são poucas as que fazem este tipo de trabalho (...) todas as escolas deviam de ser tão inovadoras como esta porque é de facto um modelo inovador que as crianças do nosso século, da nossa década, do nosso milénio precisam”.</p> <p>E4: “(...) tentamos integrar o aluno na aprendizagem, torná-la significativa (...) fugir um pouco aquele padrão de qual a ordem em que temos que dar determinada matéria, o que é que eles têm que saber em determinados anos, por aí somos inovadores. (...) tentamos pensar no aluno, na maneira como ele se sente e no estado em que ele está, antes de pensar no conteúdo (...) material que nós usamos, a maneira como abordamos os conteúdos. (...) a forma como eles estão em sala é também inovadora (...)”;</p>
--	--	---

Tabela 7 - Inovação

As docentes afirmam que a instituição onde exercem a profissão é inovadora, pois integra o aluno na aprendizagem de forma a torná-la significativa. Nesta escola, a matéria não é dada por ordem e nem é dada conforme os anos de escolaridade. Aqui pensam primeiramente no aluno e na maneira como ele se sente e só depois é que pensam no conteúdo e como será abordado. Os professores procuram sempre um motivo e uma solução para dar resposta a todos os problemas que surgem. Concordam, ainda, que em Portugal existe poucas escolas como esta, mas estão convictas que a criança do nosso século precisa desta inovação.

Categoria	Subcategoria	Exemplos
Estrutura física da escola	Influência a aprendizagem	<p>E1: “Sim, eu acho que sim (...) poderem estar em vários espaços, o poderem usar os espaços (...) quando querem refletir, estar num espaço mais silencioso (...) poderem ir para a biblioteca, ou seja, o associar os espaços aos diferentes momentos de trabalho (...)”.</p> <p>E2: “Sim, sem dúvida. O facto de os miúdos poderem estar a ouvir uma história todos sentados à nossa volta em roda, o facto de poerem fazer exercícios de escrita no chão conforme lhes apetece, penso que lhes dá mais criatividade, mais</p>

		<p>vontade até, mais predisposição para aprender (...)."</p> <p>E3: "Sim, sem dúvida, porque se uma escola não tiver bem estruturada, é claro que as crianças não vão aprender, não vão perceber o que estão a aprender e é muito importante que eles percebam, que conheçam a escola em que estão (...)."</p> <p>E4: "Sim, sem dúvida (...) há mais espaços para aprender do que a sala e (...) a aprendizagem é em todo o lado e não é só dentro da sala de aula (...) eles podem vir para o chão da biblioteca e aprender, pode estar na sala e aprender, podem ir para o polivalente fazer um teatro e estar a aprender, portanto, podem aprender em diversos locais e diversas situações".</p>
--	--	---

Tabela 8 - Estrutura física da escola

As inquiridas afirmam que a estrutura física da escola influencia em muito o processo de aprendizagem dos alunos. Nesta instituição, existem mais espaços onde podem aprender, uma vez que a aprendizagem é em todo o lado e não só dentro da sala (nomeadamente, no chão da biblioteca, no polivalente podem fazer um teatro, podem estar a ouvir uma história todos sentados no chão em roda e podem fazer exercícios de escrita no chão), podendo associar espaços a diferentes momentos de trabalho. Sendo que uma escola bem estruturada, ajuda na aprendizagem das crianças.

Categoria	Subcategoria	Exemplos
Diferenciação pedagógica	Concretização em sala de aula	<p>E1: "(...) exige mais de nós (...) temos de ter sempre um trabalho diferente para fazer com eles (...) por exemplo, uma criança que poderá ter idade para o segundo ano se tiver capacidades para acompanhar aqueles que já estão mais avançados o possa fazer, o contrário também pode acontecer, e implica que os mais velhos ajudem os mais novos (...)."</p> <p>E2: "Acho bem (...) os mais velhos conseguem ajudar os mais novos num aspeto, os mais novos ajudam os mais velhos noutros (...) não vejo nenhum entrave (...) nem sempre será fácil, para quem prepara as atividades (...)."</p> <p>E3: "Inicialmente é muito estranho, muito complicado, mas depois (...) percebemos que é</p>

		<p>uma mais valia porque há partilha de conhecimentos, de experiências que em idades tão próximas, ajuda a que os mais pequenos possam crescer (...)."</p> <p>E4: "Acho ótimo (...) ajuda os mais velhos a estarem atentos aos mais novos, aos sentimentos, às dificuldades ao que eles sabem e nós tentamos sempre reforçar com eles de que, antes de pedir a qualquer professor ou qualquer orientador, tem que fazer aos amigos (...) para poderem ser ajudados e é bom para quem é ajudado porque tem uma ajuda mais disponível e é bom para quem ajuda, porque vê de facto se percebeu aquele conteúdo e se precisam de algum reforço.</p>
--	--	--

Tabela 9 - Diferenciação pedagógica

No que diz respeito à diferenciação pedagógica, as docentes afirmam que inicialmente é estranho e complicado gerir essa diferenciação pedagógica e claro, exige muito mais dos professores, sendo que Cardoso (2013, p. 100) considera que desde o momento que os professores sabem que os alunos são diferentes, estes devem recorrer a diversas técnicas possíveis, para que os alunos atinjam os objetivos de aprendizagem. Contudo, os docentes têm noção que é uma mais valia haver a diferenciação pedagógica, porque há partilha de conhecimentos e de experiências e os (alunos) mais velhos conseguem ajudar os mais novos num aspeto e os mais novos ajudam os mais velhos noutros.

Categoria	Subcategoria	Exemplos
Trabalho por projeto	Garantia para o sucesso educativo	<p>E1: "Eu acho que sim, porque primeiro promove o sentido crítico, promove a participação deles e a criatividade, (...) dão ideias daquilo que podem fazer e como podem fazer (...) dá-lhes noção para resolverem problemas (...)."</p> <p>E2: "(...) trabalhar por projeto não é uma garantia, porque se o projeto não for muito bem pensado, muito bem adaptado diariamente, (...) até na própria hora que estamos a trabalhar apercebemo-nos que planeamos qualquer coisa e que até não vai dar. A metodologia do projeto (...) permite-nos ter assim uma visão a longo prazo, indo adaptando semanalmente diariamente, o nosso trabalho, portanto, o sucesso educativo nunca dá para</p>

		<p>garantir (...) porque depende muito (...) dos miúdos, da planificação que é feita (...)."</p> <p>E3: "Não sei se é uma garantia, agora sei que nós trabalhamos para que seja uma garantia, para promover este sucesso educativo (...) nós garantimos que as crianças para além de saberem o que estão a aprender, sabem o porquê do que estão a aprender porque querem saber mais e isso, leva ao sucesso educativo, porque se sentem felizes, estão a aprender algo que querem , que pediram e que desejaram e aliar essa felicidade às aprendizagens significativas"</p> <p>E4: "Não será uma garantia. (...) Mas posso garantir que aquilo que eles aprendem e aquilo que eu abordo, faz mais sentido para eles do que se calhar para uma criança que esteja numa escola tradicional, porque percebem que dentro de um projeto que é mais real, que é algo que está pensado para ir mais ao interesse deles, eles percebem o porquê de eu pedir para eles aprenderem aquele conteúdo e porque é que aquilo é útil".</p> <hr/> <p>E1: "(...) nem sempre é fácil, conseguirmos perceber essas dificuldades, claro que há um ou outro que nós percebemos que o facto de ser pelo projeto faz com que muitas das atividades não sejam tão estruturadas e sejam mais livres e isso, às vezes mostra que muitos deles se sentem perdidos."</p> <p>E2: "Não sei se aqui é por trabalhar por projeto. (...) Diariamente através de observação direta conseguimos ver perfeitamente as dificuldades que eles têm. (...)"</p> <p>E3: "é um trabalho mais pormenorizado e ao ser mais pormenorizado, estas dificuldades são mais notórias e nós também temos o nosso trabalho muito perto dos alunos conseguimos observar e detetar estas dificuldades (...)"</p> <p>E4: "(...) somos 4 professores e isso, ajuda muito dedicarmo-nos a um grupo e quando estamos uma</p>
--	--	--

		manhã com um grupo, estar apenas com aquele grupo e conseguirmos fazer aquela deteção. (...) Conseguimos perceber as dificuldades das várias crianças e tentar arranjar maneira de as ultrapassar”.
	Outras metodologias	<p>E1: “(...) o trabalho de projeto é o que foca”.</p> <p>E2: “(...) Reggio Emilia, um pouco de Montessori (...) trabalho de projeto é o que acaba por influenciar mais”.</p> <p>E3: “(...) trabalhamos muito pelas emoções (...) saber aquilo que estamos a sentir e isso, também é sempre um trabalho que está aliado ao projeto que nós fazemos (...)”.</p> <p>E4: “Sim, têm um momento durante a semana em que eles fazem um trabalho mais específico dentro das áreas da matemática, do inglês e do português, ainda que seja dentro do projeto, será uma coisa mais rotineira, mais para assentar e não é repetição mas aquisição do conhecimento. (...) ciência e estudo do meio (...) é abordada por uma empresa de ciências, a “Why Science” (...) portanto, para nós é uma parte letiva, mas é diferente do projeto”.</p>

Tabela 10 - Trabalho por projeto

De acordo com as respostas obtidas, existe uma desconcordância perante as afirmações das docentes, pois umas afirmam que o trabalho de projeto pode ser uma garantia e outras afirmam que definitivamente não é uma garantia para o sucesso educativo.

Quando declaram que pode ser uma garantia, referem-se ao facto de haver uma promoção do sentido crítico, da participação e da criatividade dos alunos, porém “o trabalho de projeto não é, por si só, uma garantia de sucesso na aprendizagem. Quem executa esta dinâmica na sala de aula deve, contudo, estar consciente de que os resultados obtidos nem sempre são tangíveis” (Lima, 2017, p. 147). Daí, alguns docentes dizerem que não é de todo uma garantia, quando se referem à realização do projeto, pois se não for muito bem pensado e adaptado diariamente, nunca saberão se dará certo, sendo que o projeto dependerá muito dos alunos de acordo com as afirmações dadas. Para além de existir uma desconcordância perante as docentes,

asseguram que trabalham para que o projeto seja uma garantia, para promover o sucesso educativo.

No que concerne às dificuldades encontradas na realização do trabalho de projeto, há novamente uma discordância perante as docentes.

A resposta obtida indica que é difícil perceber as dificuldades dos alunos, tirando as atividades que são menos estruturadas e mais livres e, deste modo, é fácil de observar os alunos que se sentem perdidos/com dificuldades.

Por outro lado, afirmam que o facto de existir quatro professores na sala de aula ao mesmo tempo, ajuda-as muito a perceberem as dificuldades dos alunos.

As docentes mencionaram ainda, quais as metodologias que são usadas na instituição, nomeadamente a de Reggio Emilia, um pouco de Montessori e trabalham dentro do Trabalho de Projeto as emoções. Por conseguinte, ainda dentro do projeto têm momentos durante a semana em que os alunos fazem um trabalho mais específico na área da matemática, português, inglês e estudo do meio/ciências.

Categoria	Subcategoria	Exemplos
Projetos	Participação dos alunos	<p>E1: “(...) não costumam ser apenas do interesse dos alunos, (...) o projeto que estamos a fazer agora, foi um projeto que surgiu numa formação que foi feita cá, o que nós fazemos, pronto, nós dizemos efetivamente é que tínhamos sidos contratados para fazer este projeto, o que nós tentamos é ao longo das semanas , integrar os interesses deles nesta área, claro que fazemos projetos que partem de interesses deles não é, mas não são todos assim(...)”.</p> <p>E2: “Aqui acaba por ser mais ou menos, nós tentamos que os projetos sejam coisas que eles vão gostar, pelas quais se vão interessar, mas até agora tem sido sempre realizados por nós (...) acima de tudo, tentamos realizar coisas que sabemos que vão interessar os miúdos”.</p> <p>E3: “Sim, costumam ser normalmente, na maioria das vezes. Nós vamos sempre apercebermo-nos dos assuntos que os alunos querem abordar, através das suas intervenções e nós aliando também com algumas ideias que nós temos (...)”.</p>

		E4: “Depende, é um 50/50, porque trabalhar com crianças tão pequeninas faz com que eles não tenham noção do projeto e do que é que é preciso para termos um projeto (...), por exemplo, sabemos que eles querem estudar animais, nós conseguimos pensar em projetos que foquem os animais (...)”
--	--	---

Tabela 11 - Projetos

É importante referir que através de todas as respostas obtidas as docentes afirmam que os alunos ajudam no interesse do tema do projeto; porém, uma das docentes também afirma que até agora os projetos foram sempre intitulados por elas indo ao encontro apenas dos interesses dos alunos. Por outro lado, isto poderá ocorrer, porque há crianças muito pequenas e não têm noção do projeto e do que é preciso para ser realizado.

Categoria	Subcategoria	Exemplos
Trabalho em equipa	Trabalho conjunto dos alunos	<p>E1: “(...) depende do que funciona melhor e do trabalho que estivermos a fazer, porque há uns que fazem mais sentido trabalhar por níveis de desenvolvimento, há outros que fazem todo o sentido juntarmos uns com os outros precisamente para serem estimulados pelos mais velhos”.</p> <p>E2: “Acho que ainda é uma coisa que temos de trabalhar muito, não só aqui, como em todo o lado, porque os miúdos têm dificuldades a trabalhar em grupo, (...) tem as personalidades deles completamente diferentes, mas acabam por conseguir ou ir conseguindo ao longo dos tempos, aprender a trabalhar de forma cooperativa (...)”.</p> <p>E3: “Acho muito bom, porque hoje em dia é uma competência essencial trabalhar em equipa e se nós ensinarmos e o tivermos desde crianças, é bom para que eles percebam como é trabalhar em equipa (...)”.</p> <p>E4: “(...) normalmente eles trabalham quase sempre, mesmo que o trabalho não seja de grupo, como eles se sentam em grupo, têm sempre um pouquinho de tolerância e é difícil com crianças de 6 e 7 anos (...) mas a verdade é que se nota resultados à medida que os anos vão passando</p>

		<p>(...) é um trabalho crescendo que começa por ser difícil mas que depois acaba por dar frutos”.</p> <p>E1: “(...) o saberem comunicar as suas ideias, argumentar, sobre o porquê e se acham que a sua ideia faz sentido, o saberem resolver os conflitos dentro do grupo, o saberem ter espírito crítico, o saberem olhar para o outro pelo lado de que pode ajudar e completar a sua ideia, a comunicação no fundo e o respeito pelo outro”.</p> <p>E2: “(...) aprendem que numa empresa, têm que respeitar mesmo não gostando de determinada personalidade, de determinado comportamento, para que a equipa consiga chegar ao fim (...) do qual se possa orgulhar (...)”.</p> <p>E3: “(...) a ajuda que eles criam uns com os outros, perceberem que quando tem alguém ao lado podem fazer muito mais e terem uma perspetiva diferente daquilo que podem fazer”.</p> <p>E4: “Hoje em dia, se as pessoas não trabalharem em equipa, não fazem muita coisa, portanto, mesmo eu trabalhando numa empresa, nunca seria só eu a fazer a empresa mexer, (...) eu tenho que saber gerir-me, saber gerir os outros e gerir um grupo (...). Nós achamos é que se eles começam nesta idade, mais facilmente chegam à idade adulta com estas capacidades já adquiridas”.</p>
--	--	---

Tabela 12 - Trabalho em equipa

De acordo com a tabela 12, no que concerne ao trabalho em equipa por parte dos alunos, as docentes afirmam que é algo que ainda têm de trabalhar muito com os alunos, pois os alunos sentem dificuldades, apesar que acabam por conseguir ou ir conseguindo trabalhar em grupo ao longo do tempo e é notório esse trabalho, porque vai crescendo e acaba por dar frutos.

No entanto, o trabalho em equipa também depende muito do tipo de trabalho que se estiver a fazer, até porque de acordo com as docentes há uns trabalhos que fazem mais sentido trabalhar por níveis de desenvolvimento e há outros que fazem todos o sentido juntar idades diferentes para que os mais novos sejam estimulados pelos mais velhos. O trabalho em equipa pode trazer benefícios para o futuro dos alunos segundo as docentes, pois o saberem comunicar as suas ideias, argumentar, sobre o porquê e se

acham que a sua ideia faz sentido, o saberem resolver os conflitos dentro do grupo, o saberem ter espírito crítico, o saberem olhar para o outro pelo lado de que pode ajudar e completar a sua ideia, a comunicação no fundo e o respeito pelo outro será muito importante para futuros trabalhos em equipa.

Categoria	Subcategoria	Exemplos
Tecnologia	Problema ou aliado	<p>E1: “Eu acho sem dúvida um aliado, tem é de ser bem utilizadas. (..) ainda é um desafio para eles, por exemplo, saber pesquisar na Internet coisas específicas para os trabalhos (...) mas acho que isso lhes pode trazer muito mais ferramentas (...) é uma mais valia”.</p> <p>E2: “Eu acho que as tecnologias são um aliado na aprendizagem, mas têm de ser usadas sempre com moderação na educação (...) utiliza-se muito, por exemplo, o PowerPoint para explicitar a matéria e a seguir nasce uma ficha (...) eu sou completamente contra, porque assim não estão a experienciar nada, estão atentos ao PowerPoint que está a debitar matéria. (...) agora quando são complementos como (...) usar o <i>scratch</i> (quando é uma tecnologia que lhes permite perceber como podem programar a aplicação, permite-lhes em determinados momentos usar jogos matemáticos, ou jogos de português. Nessas alturas eu acho que a tecnologia é boa, porque nesses casos a tecnologia permite que eles aprendam mesmo, mas divertindo-se (...) e eles nem vão pensar que estão a estudar matemática, vão automaticamente pensar que estão a jogar um jogo (...).”</p> <p>E3: “São um aliado, sem dúvida (...) não digo que devam ser sempre usadas, mas sim usadas sempre que necessário (...) vivemos numa sociedade não diria de novas tecnologias, mas de tecnologia”.</p> <p>E4: “Vai depender sempre de como nós a usamos, para nós aqui são sem dúvida nenhuma um aliado porque tudo o que é trabalho de pesquisa (...) eles têm sempre <i>tablets</i>, computadores ou telemóveis acessíveis em casa, portanto nós temos é de</p>

		ensinar a usar bem a tecnologia. (...) os métodos de pesquisa funcionam pelos computadores, para jogos e para aprofundarem certas matérias, há sites e páginas que estão criadas de propósito para ajudarem os alunos a adquirirem conhecimentos (...) é uma mais valia, (...).
	Acesso a recursos	<p>E1: “Sim, nós temos <i>tablets</i>, computadores que eles utilizam para fazer pesquisas”.</p> <p>E2: “Sim, claro que sim”.</p> <p>E3: “Sim, nós fazemos muitos trabalhos de pesquisa, quase todos os projetos têm trabalhos de pesquisa (...)”.</p> <p>E4: “Sim, normalmente com sites previamente orientados (...)”</p>
	Receio do professor	<p>E1: “Não, acho que não”.</p> <p>E2: “Acho que não”.</p> <p>E3: “Nesta escola não”.</p> <p>E4: “Aqui na escola não, porque somos novos e proativos, vivemos todos numa era a que determinada altura em que todos utilizamos” (...) a equipa é toda muito jovem, todas estamos habituadas desde sempre a mexer num computador e portanto, acaba por ser natural para nós também incluir isso no dia a dia”.</p>

Tabela 13 - Tecnologia

A tecnologia, segundo as docentes, é sem dúvida um aliado para as aprendizagens dos alunos. No entanto, asseguram que devem ser usadas sempre com moderação na educação, ou seja, usadas sempre que necessário apenas.

Para muitas crianças na instituição ainda é um desafio o saberem pesquisar na internet coisas específicas para os trabalhos, mas é algo que poderá trazer-lhes muitas ferramentas.

Uma das docentes afirmou que a tecnologia é importante, porém não concorda com o facto de se utilizar o *powerpoint* para no fundo se debitar a matéria e substituir o papel do professor, no entanto, “as tecnologias nunca podem nem devem substituir o professor, mas antes ser um complemento (Cardoso, 2013, p.313). Concorda apenas que a tecnologia deve ser usada se for a favor dos alunos, como por exemplo jogar um jogo de matemática ou de português.

Todos os docentes afirmam ainda, que deixam os alunos utilizarem diversos recursos tecnológicos para a realização das pesquisas na instituição, no entanto normalmente já lhes são indicados sites previamente orientados.

Por a equipa ser muito jovem segundo as respostas, as docentes afirmam que nenhuma delas aparenta ter qualquer receio em relação à utilização de recursos tecnológicos.

Categoria	Subcategoria	Exemplos
Sala de aula	Número de professores	<p>E1: “Sim, claro, então da forma como nós trabalhamos não faria sentido ser de outra forma. (...) o trabalho em equipa é tão importante para eles como para nós, (...) conseguimos partilhar ideias, até para gerir o grupo (...) para conseguir dar uma ajuda muito mais individualizada, acho que faz todo o sentido (...)”.</p> <p>E2: “(...) depois de ter passado por esta experiência, por estar a passar pela mesma, acho que é muito importante, porque eu posso estar a ver uma coisa e o meu colega estar a ver uma coisa completamente diferente e as nossas perspetivas juntas vão ser sempre melhores para o aluno, sendo mais fácil a avaliação” (...) nunca na vida conseguiria sozinha passar a mesma paixão pelas letras e pelos números, (...) eu passo a minha paixão, a minha colega passa a dela (...) acho que nos completamos”.</p> <p>E3: “Sim, porque é sempre mais uma perspetiva, mais uma intervenção, (...) é muito importante mesmo.”</p> <p>E4: “Eu acho que sim, sempre. Aqui na escola ainda mais, porque eu tenho 5 níveis neste momento a funcionar ao mesmo tempo e seria impensável fazê-lo sozinha, portanto, quantos mais recursos humanos, mais fácil será garantir um apoio não individual, mas mais individualizado a cada criança”.</p>
	Apoio mútuo entre professores	<p>E1: “Sim, sem sombra para dúvidas. Acho que é muito importante esses apoios, primeiro porque temos formas de pensar diferentes, temos ideias diferentes e acabamos por nos complementar, o</p>

		<p>que acaba por ser muito mais rico (...) é tão benéfico para nós como para eles”.</p> <p>E2: “Sim, acho que sim. Porque já me aconteceu, por exemplo ter que fazer determinada coisa e estar completamente empancada e se estivesse sozinha na minha sala, se calhar até acabaria por desistir da ideia e fazer outra coisa, mas assim somos mais cabeças a pensar e conseguimos chegar mais longe”.</p> <p>E3: “Sim, acho que a colaboração é isto mesmo, conseguirmos ajudarmo-nos uns aos outros, nem sempre é fácil (...) nós aqui colaboramos bastante, não é por acaso que somo 4 dentro de uma sala e que a cada dia temos um desafio e que temos de nos ajudar umas às outras e saber que quando uma não consegue, está lá sempre a outra para nos ajudar”.</p> <p>E4: “Sim. Nós em sala somos um, qualquer uma de nós tem de responder perante os alunos, da mesma forma que somos solicitadas para coisas diferentes, portanto é importante haver união. (...) nós temos formação para trabalharmos com os alunos e não com outros professores em sala, por isso é uma aprendizagem para toda a gente e isto do trabalho de equipa que nós fazemos com as crianças, nós sentimos na pele enquanto adultos, a falta ou a exigência para o fazer, mas sim é fundamental conseguir trabalhar em equipa porque todo o trabalho está dependente do nosso (...)”.</p>
--	--	--

Tabela 14 - Sala de aula

Através das respostas adquiridas, as docentes afirmam que é essencial existir mais do que um professor dentro da sala de aula ao mesmo tempo. De acordo com as normas da instituição, afirmam que não faria sentido ser de outra maneira, pois o trabalho em equipa é tão importante para os alunos como para os docentes. Havendo mais do que um professor dentro da sala de aula, é possível uma ajuda mais individualizada perante os alunos. Para além disso, é importante porque um professor pode estar a ver uma coisa e o outro professor pode estar a ver uma outra coisa completamente diferente e ambas as perspetivas juntas serão sempre melhores para o adulto. Tal como há um

professor mais dirigido a determinada disciplina, nunca na vida um professor que gosta de letras conseguiria passar a mesma paixão do que um professor que é mais direcionado para a matemática.

O apoio torna-se assim um dos fatores mais importantes de acordo com as docentes, pois todas as pessoas têm formas diferentes de pensar, têm ideias diferentes e as docentes acabam por se complementar umas às outras. São mais cabeças a pensar na sala de aula e conseguem chegar mais longe.

Apesar de as docentes terem formação para trabalharem com os alunos, não têm com outros professores em sala, por isso é uma aprendizagem para todos. Porém, estas em sala são apenas um, qualquer uma delas têm de responder perante os alunos, da mesma forma que são solicitadas para coisas diferentes, portanto é importante haver união.

Categoria	Subcategoria	Exemplos
Aprendizagem	Professor com aluno	<p>E1: “Aprendemos com eles também, muito mesmo”.</p> <p>E2: “Eu acho que aprendemos todos, eles ensinam-me muita coisa e eu também tento ensinar, mas aprendo todos os dias com eles, acima de tudo coisas para o dia-à-dia para a vida diária”.</p> <p>E3: “Sem dúvida que são os dois, eles aprendem muito connosco, mas nós também aprendemos muito com eles, sobretudo coisas que já esquecemos ao longo da nossa vida e que voltamos a lembrar daquilo que nós aprendemos quando eramos pequenos”.</p> <p>E4: “Obviamente que tanto eles aprendem comigo, como eu aprendo com eles, mas é verdade que eu aprendo muito com eles, o facto de nós termos a escola de uma maneira tão livre, tão aberta, permitiu-nos estar muito mais em contacto com eles (...) nós aprendemos sempre sobre eles e sobre como lidar com eles e com outros, portanto, foi um crescimento pessoal imenso desde que comecei a trabalhar aqui na escola”.</p>

Tabela 15 - Aprendizagem

É notório que todas as docentes afirmam que existe uma aprendizagem mútua, de acordo com Scocuglia (2014, p.83) afirma que “Freire dedica à questão do

conhecimento e da aprendizagem como processo de mediação das relações educador-educando”.

Categoria	Subcategoria	Exemplos
Planificação	Flexível	<p>E1: “Para mim foi inovadora porque eu não conhecia quando aqui entrei, nós fazemos uma planificação em arco, como fundo temos o projeto de seis semanas, (...) nós pensamos no projeto que são seis semanas, planificamos semanas, qual é o objetivo de cada semana e depois vamos planificar cada dia (...)”.</p> <p>E2: “(...) planificação por projeto baseada na metodologia <i>KaosPilot</i>, é inovadora porque planifica de outra forma, planifica por arcos de aprendizagem, cada arco representa uma semana, os seis arcos representam o projeto todo e quando olhamos para o placard que está (...) afixado, vemos o que já fizemos, o que tem que vir para a frente e o que tem que estar ligado com o que está para trás (...)”.</p> <p>E3: “(...) não sei se será inovadora, mas é diferente de tudo o que fiz até agora, é uma planificação que lá está, vai ao encontro do trabalho de projeto (...) nesta escola tem uma duração de 6 semanas e costuma ser elaborada numa semana anterior aquilo que vai acontecer e o rumo nem sempre leva aquilo que nós pensamos inicialmente, porque a planificação é feita por nós mas sobretudo baseada nas ideias dos alunos (...)”.</p> <p>E4: “Sim, nós para planificar usamos o método da <i>Kaos Pilot</i> que é uma escola dinamarquesa, uma <i>business Scholl</i> na Dinamarca, que usa a planificação por arcos. Portanto nós fazemos uma planificação inversa, nós pensamos no projeto em si. (...) pensamos sempre no final, competências, conhecimentos e atitudes que eles têm de ter quando terminarem as seis semanas (...) só depois é que começamos a pensar no desenho do projeto, como é que queremos que o projeto seja,</p>

		portanto, acabamos por pensar de trás para a frente, o que ajuda muito quando se faz projetos”.
--	--	---

Tabela 16 - Planificação

De acordo com a tabela 16, os docentes afirmam que a planificação é inovadora. A planificação por projeto é baseada na metodologia *KaosPilot*, o que significa que se planifica de outra forma: planifica por arcos de aprendizagem, onde cada arco representa uma semana, os seis arcos representam o projeto todo. Os docentes fazem uma planificação inversa, pensam no projeto em si, isto é, pensam sempre no final, competências, conhecimentos e atitudes que os alunos têm de ter quando terminarem as seis semanas e só depois é que começam a pensar no desenho do projeto, como é que querem que o projeto seja, portanto, acabam por pensar de trás para a frente, o que os ajuda muito na realização dos projetos.

Categoria	Subcategoria	Exemplos
Avaliação	Procedimentos	<p>E1: “(...) funciona muito por observação, pelo que nós observamos que eles vão fazer, do que eles vão criando, não só nos momentos de sala mas também nos momentos livres. (...) eles também fazem alguns registos, depois têm o portefólio deles, portanto, também temos outra maneira de avaliar, mas no fundo através da observação de momentos”.</p> <p>E2: “(...) não é um momento formal, (...) a avaliação é direta, é feita ao minuto, através de observação, também fazemos exercícios de feedback no final da semana e trimestralmente preenchemos relatórios para os pais, tendo uma tabela onde verificamos os métodos obrigatórios a cumprir pelo ministério da educação (...)”.</p> <p>E3: “(...) não temos uma avaliação quantitativa, mas sim qualitativa, achamos que esse é o melhor método, avaliar qualitativamente é uma avaliação diária, sobretudo sobre a observação que nós fazemos sobre os nossos alunos. (...) diariamente nós conseguimos perceber o que é que eles conseguiram, o que não conseguiram, o que podemos melhorar (...)”.</p> <p>E4: “Diariamente, a todo o momento, sempre que eles abrem a boca (...). Nós temos semanalmente uma sessão de feedback com os nossos alunos,</p>

		em que eles avaliam os conhecimentos de maneira informal, portanto, fazemos um jogo ou um debate sobre o tema que abordamos para ver o que é que eles conseguiram reter, (...) há sempre uma avaliação formal dos conhecimentos e depois eles fazem uma avaliação das atividades que fizemos e sobre a nossa prestação (...)."
	Autoavaliação	<p>E1: "(...) temos uma avaliação quantitativa (...) nós temos vários momentos com todos em que falamos, (...) eles falam sobre o que fizeram, o porquê de terem feito isso, portanto no fundo isso é como se fosse uma autoavaliação deles (...).</p> <p>E2: "(...) não sei se se poderá dizer que sim ou não, aqui os miúdos podem refletir sobre as suas experiências de aprendizagem, podem dizer o que correu melhor, o que correu pior, refletem muitas vezes sobre o comportamento deles, o que poderia ter feito para ajudar determinado colega, o que podia ter feito para melhorar a sua atenção (...)."</p> <p>E3: "Sim, moralmente todos os dias fazemos o <i>Check Out</i>, e no início do dia fazemos um <i>Check In</i>. (...) <i>Check Out</i> e quase sempre é sobre aquele dia que nós passamos uns com os outros e às vezes os alunos fazem a sua autoavaliação, por exemplo, como é que o dia correu e muitas vezes eles autoavaliam-se, muitas vezes sem se percebem, avaliam o seu dia, como correram as atividades, o que podia ter sido feito melhor, o que correu menos bem (...)."</p> <p>E4: "Sim (...), o processo de feedback que nós fazemos implica sempre isto, o pensar sobre o que é que eu fiz esta semana de bom, o que é que os meus amigos fizeram por mim e em que é que as professoras podiam melhor e não melhoram, o que eles fizeram bem (...)."</p>

Tabela 17 - Avaliação

Todas as docentes afirmam que a avaliação é feita sobretudo através de observação. Para além disso, existe ainda momentos de registo no portefólio, exercícios de *feedback* no final da semana onde avaliam os conhecimentos de maneira informal, através de

jogos ou de um debate sobre um tema abordado. Trimestralmente os docentes preenchem relatórios, onde têm uma tabela e verificam os métodos obrigatórios a cumprir pelo ministério da educação. Para estes docentes é notório que aliavam não através de um número, “mas avaliam para ensinar melhor e garantir qualidade” (Estanqueiro, 2012, p. 83) nas aprendizagens dos alunos.

A autoavaliação de acordo com as repostas das docentes pode ser realizada no *Check In* que é no início do dia ou então, no *Check Out* que já é no final do dia, e normalmente abordam o dia que passaram juntos e muitas vezes os alunos fazem a sua autoavaliação. Nestes momentos de reunião em grande grupo as docentes também percebem o que têm de melhorar ou não, de acordo com os feedbacks dados pelos alunos.

Categoria	Subcategoria	Exemplos
Ambiente de aprendizagem	Espaço	<p>E1: “(...) a maior diferença é eles terem acesso aos materiais e quando precisam dos materiais, usá-los, para fazerem os seus trabalhos, para fazerem as suas pesquisas, e no caso dos recursos tecnológicos, como temos alguns jogos, para passarem o tempo. (...) o facto de termos mesas e cadeiras mas não ser obrigatório eles estarem ali sentados, não ser obrigatório eles estarem ali, nós trabalhamos muito no chão, portanto é mais flexível (...)”.</p> <p>E2: “(...) é o mais adequado (...) para ler uma história, faz mais sentido não ter mesas e cadeiras, estarmos todos sentados no chão, a nossa própria posição como orientadores aqui, é diferente, nós passamos o dia todo quase sempre sentados no chão (...)”.</p> <p>E3: “É uma sala onde somos capazes de incluir muitas coisas, uma sala que apesar de ser diferente, é uma sala de aprendizagem e uma sala que não é preciso termos um determinado número de mesas e de cadeiras para aprendermos e queremos saber mais”.</p> <p>E4: “Acho que é ótima, é maravilhosa pois temos espaço para tudo e mais alguma coisa (...) eu posso pegar nas mesas, arrastá-las todas e fazer uma coisa, tenho mais espaços para trabalhar e</p>

		eles trabalham em grupo, ajudam-se e ouvem-se (...)."
--	--	---

Tabela 18 - Ambiente de aprendizagem

De acordo com a tabela 18, as docentes abordam que o espaço de aprendizagem é flexível, pois os alunos podem ter acesso aos materiais quando necessitam deles. No entanto, todos os professores abordaram na instituição que não é necessário haver um determinado número de cadeiras ou mesas, pois podem trabalhar no chão, em grupo ou até mesmo, modificar a posição das cadeiras e das mesas. Sendo por isso, importante que a sala de aula (espaço onde se trabalha a maior parte do tempo) seja “mais flexível, dinâmica e adaptada a um ensino diversificado e personalizado” (Lima, 2017, p. 169).

Categoria	Subcategoria	Exemplos
Escola para todos	Equidade	<p>E1: “(...) é uma escola em que todos, independentemente de saberem mais de matemática, português ou geografia, tenham um lugar para desenvolver as suas áreas de interesse, mas também para desenvolverem todo o resto em que são aceites assim, e nós adultos tenhamos a capacidade para ajudar todos a desenvolverem aquilo que eles mais gostam, aquilo em que eles necessitam mais de ajuda e termos capacidade para ajudar todos”.</p> <p>E2: “(...) é uma escola que se preocupa com todos os elementos e não com o todo. Não haver rótulos e não catalogar alunos de muito bons ou menos bons, porque todos nós somos melhores numas coisas, menos bons noutras, por isso, eu acho, que uma escola para todos é uma escola que tem isto em atenção e que se preocupa com a individualidade antes de pensar no todo. (...) temos de pensar num todo obviamente, (...) quer os miúdos mais velhos, quer os mais novos, todos têm de fazer a mesma atividade e há miúdos que têm ritmos mais rápidos, outros mais lentos e em termos de aprendizagem temos de nos preocupar com todos individualmente, mas com todos como um grupo e eu acho, que uma escola para todos é uma escola que tem isto em consideração”.</p>

		<p>E3: “(...) é sobretudo uma escola que não coloca alguns rótulos e que independentemente de todas as dificuldades dos alunos, é uma escola que se preocupa com todos e que a cada dia se preocupa com os seus alunos e que sobretudo, que consiga responder aos problemas que eles tenham”.</p> <p>E4: “Uma escola que tem que ter o mesmo espaço para todos, mas tem que ter a noção que espaço para todos exige uma responsabilidade para com todos e isso eu acho que é importante”.</p>
--	--	---

Tabela 19 - Escola para todos

Em forma de conclusão, foi pedido a todas as docentes que dissessem o que era para elas “uma escola para todos”, ao qual as respostas obtidas indicaram-nos que é uma escola onde os alunos devem ter um lugar para desenvolver as suas áreas de interesse e todo o resto em que necessitam e enquanto adultos ajudarem os alunos a desenvolverem aquilo que mais gostam, pois de acordo com Lima (2017, p. 90) é necessário que a escola “pretenda garantir o futuro de todos” não fechando as portas aos pintores, aos músicos e aos bailarinos; a escola preocupa-se com cada um dos elementos, isto é, preocupa-se com a individualidade antes de pensar num todo; consiste numa escola que não coloca rótulos independentemente de todas as dificuldades dos alunos e que consegue responder aos problemas dos alunos; uma escola que tem de ter o mesmo espaço para todos. Portanto, a escola deve permitir “que cada aluno se descubra, descubra o mundo em que vive, que viva e conviva com os que o rodeiam e que desenvolva todas as capacidades em função da sua singularidade e das características que fazem dele um ser único” (Lima, 2017,p.90).

2. Quadro de referentes do *focus group*

Tendo em conta a revisão bibliográfica, bem como a finalidade investigativa, foram definidas as seguintes categorias e subcategorias (emergentes e convergentes), apresentadas no seguinte quadro de referentes que está alinhado, sempre que possível, com o quadro de referentes utilizado para a análise e interpretação dos inquéritos por entrevista aplicados às docentes da instituição onde se realizou a presente investigação.

Categoria	Subcategoria	Explicitação
Sucesso educativo	Significado	Representação dos alunos relativamente ao conceito de sucesso educativo.
Inovação	Instituição	Resultados acerca da inovação da instituição.
Atividades	Preferências	Preferência dos alunos em relação às atividades proporcionadas na instituição.

Temas de interesse	Opinião	Opinião acerca dos temas que despertam interesse nos alunos.
Trabalho em equipa	Trabalho conjunto dos alunos	Comunicação no trabalho em equipa.
		Perceção dos alunos sobre os benefícios do trabalho em equipa, tendo em conta a aprendizagem.
Recursos	Importância deles na aprendizagem	A importância dos recursos nos trabalhos de pesquisa e quais os instrumentos utilizados.
Sala de aula	Número de professores	A importância do número de professores numa sala de aula e a sua importância.
	Apoio mútuo entre professores	A relevância do apoio mútuo e da colaboração entre os docentes.
Aprendizagens	Dificuldades	A forma como o professor identifica alguma dificuldade e qual a importância dessa ajuda para o aluno.
	Aluno com professor	A partilha de saberes do aluno para com o professor.
Avaliação	Procedimentos	Representação dos alunos sobre a forma de avaliação.
	Autoavaliação	A importância de questionar os alunos para opinar em relação à avaliação.
Ambiente de aprendizagem	Sala de aula	Opinião dos alunos sobre a organização da sala de aula para as suas aprendizagens.
	Comparação de outras instituições	A opinião dos alunos acerca das diferenças da sala de aula de uma instituição diferente da deles.
Sucesso na escola	Obtenção	O que é necessário para que os alunos possam obter o sucesso na escola.
Instituição	Preferência	Opinião dos alunos sobre as preferências da instituição.
	Modificação	O que falta na instituição para os alunos.

Tabela 20 - Quadro de referentes de Focus Group

2.1. Análise do *focus group* aos alunos

Serão apresentados os resultados obtidos através do inquérito realizado a um *focus group*, com oito alunos da instituição onde o estudo é inserido. Assim sendo, para que toda a informação seja confidencial, as respostas a cada questão, de diferentes alunos, serão unidas e sem qualquer identificação. Os registos dos inquéritos encontram-se no anexo VIII.

Categoria	Subcategoria	Exemplos
Sucesso educativo	Significado	“Ganhar alguma coisa”; “Ser reconhecido”; “Ser popular”; “Ser divertido”.

Tabela 21 - Sucesso educativo

De acordo com a tabela 21, os alunos caracterizaram o sucesso educativo como o ganhar algo, ser reconhecido, ser popular e ser divertido.

Categoria	Subcategoria	Exemplos
Inovação	Instituição	<p>“(…) não temos trabalho de casa, temos uma coisa que é tipo trabalho de casa, mas a diferença é que nós podemos escolher(…)”;</p> <p>“A cada 6 ou 8 semanas, temos um projeto (….) não é só aprender com livros a ler sentados numa carteira (….) na instituição (….) podemos nos levantar para ir à casa de banho sem pedir, fazemos uma roda no chão (….) temos o relaxamento, o silêncio, os tabuleiros, varrer, a arrumação”;</p> <p>“(…) tem um ensino alternativo, que não tem trabalho de casa e em que não se trabalha em função de leis”;</p>

Tabela 22 - Inovação

Através das respostas fornecidas pelos alunos, a sua instituição é inovadora, porque não há trabalho de casa igual para todos os estudantes e porque cada um pode escolher o que quer fazer como “trabalho de casa”. Para além disso, é diferente porque têm projetos de 6 ou 8 semanas, aprendem em diferentes espaços, não precisam de autorização para irem à casa de banho, têm tarefas a fazer como arrumar/varrer e sobretudo, porque têm um ensino alternativo.

Categoria	Subcategoria	Exemplos
Atividades	Preferências	<p>“Jogar baylades”;</p> <p>“Ginástica”;</p> <p>“Artes”;</p> <p>“Trabalhar”;</p> <p>“Jogar futebol na ginástica”;</p> <p>“O dia-à-dia na escola”;</p> <p>“O que se passa no dia-à-dia”;</p> <p>“Brincar, fazer artes (….) jogos de tabuleiros que as professoras pensam todas as semanas(…)”.</p>

Tabela 23 - Atividades

Os alunos afirmaram as suas preferências em relação às atividades que proporcionam na instituição, nomeadamente: “jogar baylades”, “ginástica”, “artes”, “trabalhar”, “jogar futebol na ginástica”, “o dia-à-dia na escola”, “o que se passa no dia-à-dia”, “brincar, fazer artes (….) jogos de tabuleiros que as professoras pensam todas as semanas(…)”. Através destas afirmações, podemos verificar que os alunos para além de gostarem de áreas específicas como ginástica, artes, entre outras, apreciam, ainda, do dia-à-dia na escola e do trabalho que é feito com os orientadores/docentes.

Categoria	Subcategoria	Exemplos
Temas de interesse	Opinião	<p>“Eu acho bem, porque noutras escolas as pessoas não têm essa liberdade”;</p> <p>“(…) as crianças também devem ter opção de escolha do projeto, porque ser só os adultos a escolher podem fazer as crianças tristes, zangadas (…) quando são os alunos a escolher, as crianças podem não gostar;</p> <p>“Eu acho bem, porque as crianças devem ter liberdade de escolha e assim podemos aprender coisas novas (…)”;</p> <p>“Acho muito bom, podemos escolher os projetos que queremos fazer e não apanhar uma seca quando são os professores a escolher o projeto”.</p>

Tabela 24 - *Temas de interesse*

Em relação à escolha dos temas que a instituição trabalha com os alunos, estes afirmam que acham muito bem que os mesmos sejam do seu interesse, pois nas outras escolas não há tanta liberdade de escolha. Sendo que, quando há liberdade de escolha os alunos podem aprender novas informações. Para além disso, terem a liberdade de escolher o tema com os outros colegas, faz com que o projeto não se torne uma “seca”, ao contrário de quando são os professores/docentes.

Categoria	Subcategoria	Exemplos
Trabalho em equipa	Trabalho conjunto dos alunos	<p>“Acho que é muito difícil, mas acho que é possível”;</p> <p>“Acho que é bom e mau porque em algumas situações eu e outro menino podemos não fazer uma boa equipa (…)”;</p> <p>“Acho que é difícil, mas é possível, porque em momentos de trabalho, não nos conseguimos organizar (…)”;</p> <p>“É difícil porque alguns têm outras ideias e por vezes, é difícil termos todos uma ideia em conjunto”;</p> <p>“por vezes é difícil, por vezes é fácil, porque há exercícios em que temos de escolher entre muitas opções e é difícil, (…) mas se for um jogo de futebol, por exemplo, já é fácil”.</p>

	Futuro	<p>“(...) como agora estamos a começar a trabalhar em equipa, quando for polícia (...) vai ser mais fácil”;</p> <p>“(...) vai ser bom, porque nos vai ajudar, porque às vezes quando trabalhamos em equipa conseguimos fazer melhor as coisas do que quando trabalhamos sozinhos”;</p> <p>“vai-nos ajudar a fazer escolhas e aceitar as escolhas de outras pessoas”;</p> <p>“é uma coisa boa para o futuro, porque quando formos grandes, no trabalho, vamos ter de trabalhar em equipa e assim, já estamos habituados”.</p>
--	--------	--

Tabela 25 - Trabalho em equipa

No que concerne ao trabalho em equipa os alunos afirmam que por vezes é difícil trabalhar em conjunto com os outros colegas, devido a fatores como: falta de organização, elementos que façam com que a equipa não seja boa e ainda, a falta de conciliação entre os elementos do grupo. Porém, apesar das dificuldades que surgem, alguns alunos afirmam que é possível fazer-se trabalhos em conjunto.

Para além disso, os alunos foram questionados se o trabalho em equipa poderia trazer benefícios para o futuro, ao qual concluiu-se que será uma mais valia quando entrarem no mundo do trabalho, pois vão ter mais facilidade em fazerem e aceitarem as escolhas de outras pessoas e vão perceber, que se trabalharem em conjunto tudo se tornará mais fácil.

Categoria	Subcategoria	Exemplos
Recursos	Quais	<p>“Tablets”;</p> <p>“Computadores”;</p> <p>“Livros”;</p> <p>“Saídas”.</p>
	Importância deles na aprendizagem	<p>“Em alguns momentos são, mas noutros não são, porque acho que podíamos aprender com outras coisas, como fazer jogos, ir a passeios e aprender a brincar”;</p> <p>“(...) Acho que é bom porque se pode ir à internet e é mais fácil pesquisar do que ir a saídas, contudo nas saídas é mais divertido (...)”;</p> <p>“Tablets podem ser maus, porque alguns meninos, algumas vezes, passam muitas horas e isso pode</p>

		ser mau. Mas podem ser bons porque podem pesquisar coisas e saber mais com os livros, também podem ler muito e saber mais”.
--	--	---

Tabela 26 - Recursos

De acordo com os resultados obtidos, os alunos afirmaram que quando realizam pesquisas utilizam recursos como os tablets, computadores, livros e saídas. Referem, também, que os recursos podem ser uma mais valia se forem utilizados corretamente (tablet e computador), pois ficarão a saber mais, mesmo através de pesquisas nos livros. Porém, um dos alunos afirmou que também seria bom aprender “pesquisar” através de jogos, passeios e a brincar”.

Categoria	Subcategoria	Exemplos
Sala de aula	Número de professores	“3”; “4”; “4 de manhã e 3 à tarde”.
	Importância de mais professores	“Sim, porque nós somos 36 e se só houvesse um professor na sala ia haver grande confusão e menos ajuda”; “Eu acho que é importante, porque uns meninos têm mais dúvidas do que outros e se fosse só uma professora, ela ia ter que ir para muitos sítios diferentes (...) e ia ficar confuso (...)”.
	Apoio mútuo entre professores	“Sim porque fazem todas juntas as fichas (...) para depois nós fazermos”; “Sim, porque uma das nossas professoras não sabe bem inglês e por isso, as outras professoras sabem e ajudam mais”; “Ali ao fundo, está a planificação e as professoras ajudam-se todas umas às outras a planificar o projeto”; “Eu acho que as professoras se ajudam, porque quando uma não sabe uma coisa, pergunta à outra (...)”; “Eu já vi acontecer uma professora perguntar à outra como se escrevia uma palavra”.

Tabela 27 - Sala de aula

Através das questões realizadas aos oito alunos, percebeu-se que dentro da sala de aula ao mesmo tempo existe entre 3 a 4 professores/orientadores.

No que concerne ao facto de contarem com mais professores dentro da sala de aula, alguns alunos afirmaram que é importante, uma vez que são 36 estudantes e porque há uma maior facilitação do trabalho, pois a professora não tem de ir auxiliar todos os alunos uma vez que há mais do que uma.

Percebeu-se, neste contexto, que os alunos têm uma certa perceção do trabalho dos professores e disseram que eles se apoiam mutuamente, desde a realização da planificação do projeto, fichas de trabalho e ainda, a dúvidas que apresentam em sala de aula perante os alunos.

Categoria	Subcategoria	Exemplos
Aprendizagens	Dificuldades	<p>“Olham para nós e ouvem, ficam atentos, observando-nos e quando temos dificuldades, sabem que não sabemos e ajudam-nos”;</p> <p>“(…) se eles não nos ajudassem, tudo o que nós não sabemos, não íamos saber”;</p> <p>“Acho que sim, (…) se não houvesse professora e tu tivesses que fazer 30 fichas, não ias conseguir fazer porque não tinhas a ajuda da professora e nós precisamos da ajuda dos professores”.</p>
	Aluno com professor	<p>“(…) eles aprendem connosco. Ainda a semana passada, uma professora disse que aprendia connosco”;</p> <p>“Eu acho que nós ensinamos as professoras, tal como elas nos ensinam a nós (…)”;</p> <p>“(…) eles aprendem connosco porque a professora de ciências diz que aprende as coisas connosco e na última aula, houve um menino que ensinou uma coisa sobre morcegos que ela não sabia”;</p> <p>“(…) porque tanto os adultos aprendem com as crianças, como as crianças aprendem com os adultos (…)”.</p>

Tabela 28 - Aprendizagens

De acordo com as respostas obtidas, é visível para os alunos percebem que através das observações que os docentes realizam conseguem ver quem são os alunos com dificuldades.

A ajuda dos professores é fundamental para que os alunos aprendam novos conteúdos e na realização das folhas de trabalho. Compreendeu-se assim que há uma partilha mútua de conhecimentos entre os alunos e os professores e ambos aprendem uns com os outros. Portanto, entende-se que há uma verdadeira aprendizagem, segundo Freire

(1997, p. 29) quando “os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e de reconstrução do saber ensinando ao lado do educador, igualmente sujeito do processo”.

Categoria	Subcategoria	Exemplos
Avaliação	Procedimentos	<p>“Somos avaliados de outra maneira, porque às vezes sentamo-nos todos em roda, viramo-nos todos para o quadro e escrevem questões e da um expressa a sua opinião sobre cada questão e nesse momento, estamos a ser avaliados”;</p> <p>“(…) no ensino alternativo tu invés de teres testes, os professores avaliam enquanto tu fazes os trabalhos e eu acho que eles têm mais atenção aqui do que nas outras escolas”;</p> <p>“(…) acho que não fazer as fichas é a forma correta de avaliar, porque eu nos testes sinto-me muito nervoso e depois bloqueio e quando é num trabalho, não fico tão nervoso como no teste e assim, também já não tenho de decorar tanta coisas como tinha para os testes”.</p>
	Autoavaliação	<p>“Sim, eles perguntam-nos o porquê de coisas que nós fazemos (...) e depois se nós fizemos algo de mal, tentam nos corrigir”;</p> <p>“Sim, às sextas-feiras, ao final da tarde, nós temos um autocolante e se acharmos que um colega fez alguma coisa bem também podemos dizer à professora para dar um autocolante”.</p>

Tabela 29 - Avaliação

Verificou-se que os alunos são avaliados de maneira diferente e não apenas através de fichas de avaliação, pois “(…) no ensino alternativo tu invés de teres testes, os professores avaliam enquanto tu fazes os trabalhos e eu acho que eles têm mais atenção aqui do que nas outras escolas”. Para além disso, percebeu-se que para os alunos é importante que não haja essas fichas de avaliação, pois “(…) eu nos testes sinto-me muito nervoso e depois bloqueio e quando é num trabalho, não fico tão nervoso como no teste e assim, também já não tenho de decorar tanta coisas como tinha para os testes”.

Uma outra forma de avaliar as aprendizagens segundo os alunos é a seguinte: os alunos sentam-se no chão em roda e virarem-se para o quadro, no qual lhes são apresentadas

questões. Através dessas questões eles expressão a sua opinião e nesse momento, segundo os alunos os professores estão a avaliar os conhecimentos que adquiriram.

Categoria	Subcategoria	Exemplos
Ambiente de aprendizagem	Sala de aula	“Tem muitas prateleiras, é mais ou menos grande”; “Tem mesas retangulares, dois quadros”; “Tem gavetas, barulho, muito barulho”; “(...) algumas coisas penduradas”.
	Comparação de outras instituições	“Não, porque eu já estive em duas escolas diferentes (...) e nas outras escolas sentávamos todos em cadeiras e não podíamos nos sentar no chão, não tínhamos momentos de leitura e quando acabavam as aulas nós saíamos e ninguém queria saber. Na minha segunda escola, nós sentávamos-nos em cadeiras mas tínhamos momentos de leitura e nesta escola, podemos nos sentar no chão e as carteiras são diferentes”; “Não, porque na escola antiga tínhamos de nos sentar todos em cadeiras, tínhamos todos estojos, uma ficha à frente e secretárias o que era muito seca”; “É muito diferente porque as outras escolas são quase todos os dias sentados e aqui não, podemos ir à casa de banho quando queremos, é muito diferente”; “É muito diferente porque na minha antiga escola só brincavam e trabalhavam pouco e aqui, trabalhamos mais”.

Tabela 30 - Ambiente de aprendizagem

Os alunos caracterizaram a sua sala de aula como: “tem muitas prateleiras, é mais ou menos grande”; “tem mesas retangulares, dois quadros”; “tem gavetas, barulho, muito barulho” e “(...) algumas coisas penduradas”.

Entendeu-se que os alunos têm a percepção de como são as outras instituições, até porque muitos deles já as frequentaram, anteriormente. Fazendo comparações como o facto de estarem sentados nas cadeiras e o não se poderem levantar, o terem um estojo e fichas à sua frente e secretárias que acabava por se tornar “seca”, sendo que quando acabavam as aulas iam embora e não queriam saber da importância da escola. Ao contrário da instituição atual que se podem sentar no chão, podem ir à casa de banho sem pedir, trabalham mais e ainda, têm momentos de leitura.

Categoria	Subcategoria	Exemplos
Sucesso na escola	Obtenção	“Virem aqui fazerem estas entrevistas e quererem saber mais sobre nós”; “As professoras serem amigas”; “Saber fazer alguma coisa muito bem”; “Ser um génio”.

Tabela 31 - Sucesso na escola

Para os alunos o sucesso educativo passa por “saber fazer alguma coisa muito bem”; “ser um génio”; “as professoras serem amigas” e ainda “virem aqui fazerem estas entrevistas e quererem saber mais sobre nós”.

Categoria	Subcategoria	Exemplos
Instituição	Preferência	“Bayblades”; “Futvolei”; “Ginástica e playfull learning”; “Brincar”; “Das cores”; “Da escola toda”; “Da comida”.
	Modificação	“(…) um campo enorme de futebol”; “Os projetos”; “Um campo enorme de basket”; “Encurtar o tempo de aprendizagem e aumentar o tempo de brincar”; “O tamanho do recreio”; “Os projetos, porque todos os meses fazemos um projeto que todos os meninos gostam”; “Aumentar a nossa sala”.

Tabela 32 - Instituição

Os alunos afirmaram que o que mais gostam na escola é de jogar “bayblades”, “futvolei” de “ginástica”, “playfull learning”, “brincar”, “das cores”, “da escola toda” e “da comida”.

Porém, ainda modificariam alguns aspetos como “(…) um campo enorme de futebol”, “os projetos”, “um campo enorme de basket”, “encurtar o tempo de aprendizagem e aumentar o tempo de brincar”, “o tamanho do recreio”, “os projetos, porque todos os meses fazemos um projeto que todos os meninos gostam” e “aumentar a nossa sala”.

3. Quadro de referentes da entrevista à diretora da instituição

Tendo em conta a revisão bibliográfica, bem como a finalidade investigativa, foram definidas as seguintes categorias e subcategorias (emergentes e convergentes),

apresentadas no seguinte quadro de referentes relativamente às respostas obtidas pela diretora da instituição em estudo.

Categoria	Subcategoria	Explicitação
Sucesso educativo	Significado	Representação relativamente ao conceito de sucesso educativo.
Inovação	Instituição	Resultados acerca da inovação da instituição.
Estrutura física da escola	Influência a aprendizagem	Aspetos arquitetónicos que influenciam a aprendizagem.
Diferenciação pedagógica	Espaço de aprendizagem	Representação da diretora relativamente à diferenciação pedagógica no mesmo espaço de aprendizagem
Trabalho por projeto	Garantia para o sucesso educativo	Metodologia de trabalho selecionada pelos docentes promotora de sucesso.
		Diagnose sobre o rendimento escolar dos alunos
	Outras metodologias	Outras metodologias preconizadas pela instituição.
Projetos	Interesses dos alunos	Perceção relativamente à participação dos alunos nos projetos.
Trabalho em equipa	Promoção desde tenra idade	Importância da promoção do trabalho em equipa desde cedo refletida nos alunos.
	Trabalho conjunto dos alunos	Perceção sobre os benefícios do trabalho em equipa por parte dos alunos, tendo em conta a aprendizagem.
Tecnologia	Problema ou aliado	Importância de recurso tecnológicos na escola.
	Acesso a recursos	Integração na instituição de recursos diversificados utilizados nas pesquisas.
	Receio do professor	Receção relativamente às tecnologias por parte dos docentes.
Sala de aula	Número de professores	Importância do número de professores numa sala de aula.
	Apoio mútuo entre professores	Relevância do apoio mútuo e da colaboração entre os docentes.
Aprendizagem	Professor com aluno /aluno com o professor	Partilha de saberes do aluno para com o professor.
Planificação	Diferenciadora	Perceção da diretora sobre a etapa de intervenção educativa: planificação relativamente aos docentes/orientadores.
Avaliação	Aprendizagens	O que se pode destacar relativamente à avaliação das aprendizagens.
	Modo eficaz	Existência de um modo mais eficaz de avaliar.
	Processo de autoavaliação dos alunos	Autoavaliação
Ambiente de aprendizagem	Espaço	Opinião sobre a organização do espaço de aprendizagem.
	Alterações	Perceção relativamente a modificações no espaço de aprendizagem.
Escola para todos	Equidade	Representação sobre o modo como concretizam a ideia de escola inclusiva.

Tabela 33 - Quadro de referentes da entrevista à diretora da instituição

3.1. Análise da entrevista à diretora da instituição

Serão apresentados os resultados obtidos através do inquérito realizado à diretora da instituição onde o estudo foi inserido. Assim sendo, para que toda a informação seja confidencial, as respostas a cada questão serão sem qualquer identificação. Os registos do inquérito por entrevista encontram-se no anexo IX.

Categoria	Subcategoria	Exemplos
Sucesso na escola	Significado	“(…) mais do que aquilo que tradicionalmente nós vivemos nas escolas (…) não associamos o sucesso educativo só ao cumprimento das metas de aprendizagem porque nós entendemos as aprendizagens num sentido mais global, mais integral. (…) muito além desses conteúdos programáticos”.

Tabela 34 - Sucesso na escola

O sucesso na escola não é apenas definido através do cumprimento de metas de aprendizagem, mas sim num sentido mais integral, isto é, o sucesso educativo vai mais além do que os conteúdos programados.

Categoria	Subcategoria	Exemplos
Inovação	Instituição	“(…) temos sempre algumas reservas nos rótulos, porque nós não estamos propriamente a fazer uma inovação (…) Nada do que nós fazemos aqui é excecionalmente novo, nós não inventamos nada em específico, o que nós fomos buscar são metodologias que já existem à muitos anos (…)mas que por força das circunstancia, das estruturas e das burocracias que se deixaram de aplicar. (…) fomos repescar essas ideias (…) e construímos um modelo de aprendizagem (…) O sucesso daquilo que fazemos, acho que se mede muito mais na satisfação com que as crianças estão na escola e na forma como conseguem relacionar o que aprendem na escola com a vida lá fora (…)”.

Tabela 35 - Inovação

Através da resposta obtida, verificou-se que ainda apresenta algumas reservas nos rótulos em relação a ter uma instituição inovadora. Pois, afirma que nada do que fazem é considerado inovador. O que fizeram foi apenas irem buscar metodologias já existentes há muitos anos, mas que por força das circunstâncias, das estruturas e das

burocracias deixaram de ser aplicadas. A instituição apenas foi repescar ideias e construiu um modelo de aprendizagem, de forma a que os alunos consigam relacionar o que aprendem na escola com a vida lá fora.

Categoria	Subcategoria	Exemplos
Estrutura física da escola	Influência a aprendizagem	“(…) o espaço tem uma influência muito grande no modelo de aprendizagem (…) ainda que nós não estejamos com o modelo ideal (...). Grande parte do que temos cá foi de facto construído depois de um trabalho de pesquisa muito grande sobre como é que desenhávamos o espaço para proporcionar oportunidades de aprendizagem. (...) foi feito por nós e feito pela equipa educativa e depois, foi feito em apoio com a colaboração do arquiteto que nos ajudou a redesenhar este espaço que já existia, mas sempre numa lógica de construir um espaço que proporciona-se oportunidades de aprendizagem”.

Tabela 36 - Estrutura física da escola

Verificou-se que o espaço tem uma influência muito grande nas aprendizagens dos alunos, porém a diretora afirma que não estão no modelo ideal. A estrutura da escola foi muito bem pensada, havendo todo um trabalho de pesquisa para que pudessem proporcionar oportunidades de aprendizagem. Toda esta pesquisa foi feita pela equipa educativa e ainda tiveram a colaboração do arquiteto que os ajudou a redesenhar todo o espaço.

Categoria	Subcategoria	Exemplos
Diferenciação pedagógica	Espaço de aprendizagem	“(…) para nós funciona sempre não em função da faixa etária, mas do ciclo de desenvolvimento em que as crianças estão (...) ganhamos com isto é de facto a capacidade de eles se apoiarem mutuamente, e de não sentirem que estão a ser alvo de uma bitola que é a mesma para todas as crianças (...) eles não sabem qual é efetivamente o ano curricular deles, eles sabem que têm áreas em que estão a trabalhar com crianças mais velhas, áreas em que estão a trabalhar com crianças da mesma idade, mas não têm necessariamente essa divisão por faixa etária (...) permite-lhes crescer nas áreas em que eles já estão mais desenvolvidos e em que têm mais

		interesse e permite-lhes crescer ao ritmo deles naqueles que eles têm algumas lacunas (...) permite-lhes sobretudo ajudar os outros a crescer”.
--	--	---

Tabela 37 - Diferenciação pedagógica

Verifica-se que existe uma grande diferenciação pedagógica no que concerne à idade nas aprendizagens. Averiguou-se que os alunos estão no espaço de aprendizagem, mas não têm todos de ter a mesma idade, pois isso dependerá do ciclo de desenvolvimento de cada um. Porém, os alunos ao terem idades diferenciadas, podem mais facilmente se apoiar e como foi afirmado não têm todos de estar a aprender de igual forma. Para além disso, os alunos não sabem qual é o ano curricular que frequentam, apenas sabem que há áreas que trabalham com alunos mais velhos e outras com alunos mais novos. Verificando-se, assim, que cada aluno escolhe o seu ritmo de aprendizagem.

Categoria	Subcategoria	Exemplos
Trabalho por projeto	Garantia para o sucesso educativo	“(…) escolhemos trabalhar por projeto porque nos permitia construir este modelo transversal e bem como todos os conhecimentos, competências e atitudes que se conseguem ligar umas às outras e estar ao serviço de um objetivo (...) quando estamos na nossa vida pessoal, familiar e profissional o que nós fazemos são projetos de vida, sempre e nós temos de ser capazes de ligar múltiplas pessoas (...) projetos depois de eles saírem daqui e depois conseguirem colocarem isto num contexto real e de eles perceberem as ligações entre os temas e de como é que aplicam as aprendizagens, tem muito a ver com a construção de significados para eles (...) preciso que eles (...) construam dentro deles a noção de porquê que eu quero aprender (...) os projetos permitem-nos dar este enquadramento e criar aqui esta moldura e permite-lhes perceber como é que tudo o que estamos a fazer aqui, vai ser útil, vai fazer sentido para eles no contexto do percurso deles de vida”. “(…) num contexto tradicional (...) estamos a fazer o mesmo exercício ao mesmo tempo e eu no fim recolho os exercícios dos alunos, corrijo e eu consigo identificar aquela dificuldade no exercício,

		<p>mas eu não consigo perceber o quê que motiva aquela dificuldade e nem consigo depois ter tempo para trabalhar o potencial de desenvolvimento(...) Aqui não, aqui ao trabalhar por projeto e porque eles estão muitas vezes em grupos, (...) eu tenho múltiplos olhares sobre as crianças (...) professor não tem que estar necessariamente a ser um para o grupo, nós temos vários orientadores em sala e os próprios alunos, também funcionam muito neste registo de apoiar quem está ao lado e portanto, constroem-se muito mais pontes, para conseguirmos perceber quem são aquelas crianças, que potencial é que têm, quais são as lacunas que têm e como é que os podemos ajudar (...).”</p>
	<p>Outras metodologias</p>	<p>“(...)usamos muito o playfullen (...)usamos muito o jogo como ferramenta de aprendizagem (...)temos muitas ferramentas de designer que usamos com as crianças, que ajudam a desenhar o projeto, ajudam a introduzir os tópicos, que ajudam a fazer a geração de ideias, ajudam a fazer a prototipagem, mas depois também ajudam sobretudo naquilo que são os períodos de feedback (...)vamos buscar Reggie Emília, bebemos de diferentes correntes conforme o projeto que estamos a fazer para complementar melhor o desenho daquele projeto em específico”.</p>

Tabela 38 - Trabalho por projeto

No que concerne ao trabalho por projeto, questionou-se a diretora da instituição se este seria uma garantia para o sucesso educativo, ao qual nos afirmou que o trabalho por projeto permitia construir o modelo transversal e bem como todos os conhecimentos, competências e atitudes que se conseguem ligar umas às outras e estar ao serviço de um objetivo.

Para além disso, explicitou que cada individuo na vida pessoal, familiar e profissional idealiza projetos de vida e, por isso, depois de os alunos saírem da instituição terão de fazer esses tais projetos, implicando a aplicação dos temas às aprendizagens que fizeram e interligá-los com o contexto real. Portanto, a diretora da instituição afirma que os projetos permitem enquadrar e criar uma moldura e, ainda, perceber como é que tudo

o que os orientadores/docentes fazem vai ser útil para os alunos no seu percurso de vida.

Ao trabalhar por projeto, os alunos não realizam os exercícios todos ao mesmo tempo como no contexto tradicional. Os alunos estão muitas vezes em grupos e os orientadores conseguem ter múltiplos olhares sobre eles. Como existe mais do que um orientador em sala, este não tem de estar necessariamente a olhar para todos os alunos (grupo), podem ter um olhar individualizado, tal como os alunos o têm aquando o trabalho em grupo e podem ajudar determinado colega.

Para além de trabalharem por projeto, a instituição usa outras metodologias. Segundo a tabela apresentada de acordo com o projeto que estão a utilizar vão repescar algumas metodologias, tais como Reggie Emília, usam *playfullen*, entre outras.

Categoria	Subcategoria	Exemplos
Projetos	Interesses dos alunos	“(…) o projeto é “viver mais com menos” e é um projeto que nós lançamos, e aqui foram os adultos, os orientadores (…) começamos este projeto (…) porque permite-nos trabalhar uma serie de dimensões (…) desde a financeira, a relação com a comunidade, mas permite-nos sobretudo chegar ao fim do projeto (…) com uma consciência muito maior de que há muitos modelos de organização da sociedade, não tem necessariamente de serem baseados nesta logica do ter, do possuir, do comprar, do dinheiro mas podem basear se em trocas, podem basear-se em relações entre a comunidade e a comunidade suportar-se e ajudar-se mutuamente e foi por isso que fomos buscar este tópico (…) No próximo projeto já vamos entrar mais numa lógica da história e mais até na história da Europa (…) porque percebemos que era um tópico que eles começaram a trazer alguns livros e eles estavam interessados em descobrir (…) e os projetos nascem sempre ou destes desafios que nós adultos queremos lançar às crianças ou de ideias que eles vão trazendo. Nunca é um projeto que são eles que desenham do princípio ao fim, porque eles anda não têm maturidade para fazer (…) mas os temas nascem sempre de alguma

		coisa que ou nós sentimos que eles precisam de olhar ou eles nós lançam pistas”.
--	--	--

Tabela 39 – Projetos

Os temas escolhidos do projeto partem de ambas as partes: por parte dos adultos, se acharem que será um tema útil para o crescimento dos alunos, ou por parte dos alunos. Os temas nascem sempre de alguma coisa que os adultos sentem que os alunos precisam ou pelos alunos que lançam algumas pistas.

Categoria	Subcategoria	Exemplos
Trabalho em equipa	Promoção desde tenra idade	“(…) recebemos agora um prémio e nesse prémio foi-nos pedido que as crianças que vão estar presnetes falem sobre (...) o trabalho em equipa. Mas a verdade é que provavelmente é a competência mais difícil de se trabalhar nesta idade (...) nestas faixas etárias centradas em si, no seu auto conhecimento e não estamos aqui propriamente disponíveis para sermos solidários e ajudarmos o outro (...) O estarem em grupo, em projeto e nós trabalharmos continuamente esta noção de ajudar quem está a trabalhar na minha mesa, ajudar a comunidade, fazermos projetos em prole de um impacto positivo para a comunidade ajuda-os a desenvolver essa consciência. Se eles já são mestres nesta competência, não de todo (...) achamos é que estamos de facto a lançar as sementes pra que eles consigam no futuro desenvolverem essa competência e quando chegarem a um efetivo trabalho em equipa não seja, vamos dividir tarefas, mas que seja de facto um verdadeiro trabalho em equipa (...)”.
	Trabalho conjunto dos alunos	“(…) nós temos esta convicção de facto não há grande caminho no futuro para um trabalho que seja muito individualista. (...) portanto importa que eles sejam capazes de trabalhar em equipa porque isso vai ser-lhes necessário em termos de vida profissional. (...) aquilo que nós queremos é que eles sejam capazes de sair daqui e sejam capazes de ajudar a construir um mundo que achem que faz sentido lá fora, porque ninguém constrói o mundo sozinho (...)”.

Tabela 40 - Trabalho em equipa

O trabalho em equipa de acordo com a resposta adquirida é uma das competências mais difíceis de se trabalhar nas idades com que trabalham nesta instituição, uma vez que são faixas etárias que estão centradas em si e no seu próprio autoconhecimento e não estão propriamente disponíveis para ajudar o outro. Mas a instituição reforça o trabalho em grupo, aquando o trabalho por projeto. No entanto, os alunos ainda não são mestres nesta competência, mas a instituição vai lançando a pouco e pouco as sementes para que consigam no futuro consigam desenvolver essa competência.

Verificou-se que o fator principal para a instituição é que os alunos no futuro sejam capazes de ajudar a construir um mundo que achem que faz sentido, mas que o façam em conjunto, porque ninguém constrói o mundo sozinho.

Categoria	Subcategoria	Exemplos
Tecnologia	Problema ou aliado	“(…) são um aliado para os alunos e um problema para a maior parte dos professores porque não tem formação nesta área e portanto parte-se do pressuposto (...) não sou professora mas assustame muito a ideia de cada vez que é lançada uma moda nova seja na área das metodologias de aprendizagem quer seja na área das tecnologias que de repente o professor tenha que se apropriar daquilo e que tem que começar a usar e que tem que ser muito eficiente na utilização daquela tecnologia e que tem que de introduzir aquilo na sala de aula e conseguir que todos os alunos sejam capazes de utilizar. (...) cria (...) muito mais obstáculos do que benefícios pois estarmos a pedir aos professores que sejam capazes de fazer tudo em simultâneo em todas as dimensões e em todas as frentes de batalha não é possível. (...) usamos a tecnologia como recurso, mas usamos a tecnologia da mesma forma que usamos a arte, que usamos os livros, que usamos o sair para a rua e falar com as pessoas, para nós é mais um recurso que os professores tem a seu serviço e sempre que queremos introduzir no âmbito da tecnologia alguma coisa nova, o que fazemos é primeiro capacitar os professores porque percebemos que eles tem que se sentir confiantes e perceber como e que aquela tecnologia os pode

		ajudar em contexto de sala e só depois e que começam a utilização, , agora temos plena noção que estamos ainda muito longe de usar todas as ferramentas que nos podiam ser uteis (...)."
	Acesso a recursos	"Os alunos podem fazer pesquisas no computador, varia muito consoante os temas dos projetos e a pesquisa não é completamente livre, ainda que eles tenham acesso e possam pesquisar no Google, trabalhamos também com os alunos a consciência do que é que é uma pesquisa, como se faz uma pesquisa na internet e quais são as fontes de informação que são mais uteis (...) as pesquisas são guiadas, temos uma pré-seleção de sites onde eles podem ir retirar informação porque de facto também há uma diversidade muito grande de conteúdos que eles podem utilizar na internet e uma pesquisa não orientada pode torna-se num projeto de uma ano inteiro (...)."
	Receio do professor	"(...) todos os professores que vêm para cá, os que estão cá, os que vieram e já saíram, todos os professores têm receios, pois o que nós estamos a fazer é de facto radicalmente diferente daquilo que se faz em contexto de escola e isso, naturalmente assusta. (...) nós quer como pessoas, quer como profissionais, temos também as nossas dúvidas e muitas vezes temos que saber partilhar essas dúvidas (...) o exercício que nós fazemos aqui (...) construir uma equipa que seja de facto muito coesa (...) O feedback também entra para os professores e nós fazemo-lo muitas vezes com os professores, quer seja alunos a dar feedback aos professores, quer seja professores entre si fazerem, para construírem essa capacidade de partilharem os medos que têm e de se apoiarem mutuamente naquilo que seja as dificuldades que vão surgindo".

Tabela 41 – Tecnologia

Verificou-se, de acordo com as respostas obtidas, que as tecnologias são um aliado para o aluno e um problema para os professores. Torna-se um problema porque cada vez que são lançadas novas ferramentas tecnológicas, o professor tem de se apropriar

delas, para que possam começar a mobilizar as referidas ferramentas dentro da sala de aula com os alunos. O facto do professor se ter de apropriar dessa ferramenta, poderá lhe causar mais obstáculos do que benefícios, uma vez que tem de ensinar de forma a que todos os alunos se tornem capazes de a utilizar.

Na presente instituição, a tecnologia é utilizada da mesma forma que utilizam as outras áreas. Não obstante, os professores recebem formação prática antes da sua utilização.

Relativamente a este receio por parte dos professores, todos os que passaram e atualmente estão na instituição todos aparentaram ter um certo receio, uma vez que esta instituição é diferente daquilo que por norma os professores fazem nas escolas tradicionais. Na instituição há um investimento na criação de uma equipa coesa, onde o *feedback* também entra para os professores quer por parte dos alunos ou mesmo entre os professores, isto é, se os professores sentirem receio com determinada tarefa, por exemplo no âmbito das tecnologias, podem partilhar esse receios e medos de forma a obterem ajuda por parte dos outros elementos (docentes/alunos).

Os alunos podem realizar pesquisas no computador, mas isso varia muito conforme os projetos que são feitos. A pesquisa que realizam no computador não é completamente livre e os professores indicam as fontes de informação que são mais úteis, isto é, realizam uma pré-seleção de sites onde os alunos possam ir retirar informação.

Categoria	Subcategoria	Exemplos
Sala de aula	Número de professores	“Para nós sim, primeiro porque o modelo assim o exige, eu não consigo fazer projetos só com um professor, é humanamente impossível e depois, porque nós acreditamos de facto que quanto mais figuras de referência eles tiverem, com perfis diferentes (...) mais rico é a experiência que eles tem de aprendizagem. (...) temos aqui professores de diferentes áreas curriculares (...) mas esta riqueza de perfis diferentes é que os ajuda a crescer.
	Apoio mútuo entre professores	“(...) tenho a certeza que a equipa que cá está neste momento faz este exercício de um trabalho muito colaborativo (...) nota-se por exemplo no esforço que até as equipas de diferentes níveis, do pré-escolar e da iniciação, fazem por ter atividades em conjunto (...)”.

Tabela 42 - Sala de aula

Dentro da sala de aula há mais do que um professor, pois o modelo de escola assim o preconiza. Particularmente, aquando a realização dos projetos é necessário haver sempre mais do que um professor, caso contrário tornar-se-ia impossível realizá-los.

Verificou-se que se houver dentro da sala de aula mais adultos/orientadores de diferentes áreas, mais rica se tornará a experiência de aprendizagem.

No que diz respeito à equipa que atualmente está na instituição, a diretora afirma que tem a certeza que realizam um trabalho colaborativo e ajudam-se mutuamente através de atividades que tentam implementar em conjunto.

Categoria	Subcategoria	Exemplos
Aprendizagem	Professor com aluno /aluno com o professor	“(…) eles surpreendem-nos muito, em grandes aprendizagens que eles já fizeram e que nós não tínhamos essa perceção e que de repente eles mostram aquilo que são e aquilo que sabem, em pequenos detalhes em que nós percebemos que do ponto de vista emocional e social eles evoluíram imenso desde que cá estão e depois em pequenas coisas que são falhas nossas e que nós descobrimos por acaso. (...) durante as duas semanas, nenhum dos adultos e nós de facto temos muito este trabalho de estarmos atentos aos pormenores e estarmos atentos às crianças, mas em nenhum momento nós não percebemos que eles não sabiam o que era uma bolsa (...) quando nós percebemos que andávamos à duas semanas a fazer aquilo sem termos tido a sensibilidade de perceber que de facto crianças destas idades não têm que saber o que é uma bolsa, porque é um conceito demasiado abstrato para eles e nós não tínhamos desmontado aquele conceito. (...) estes sinais permitem-nos de facto conhece-los muito bem, mas temos depois de estar disponíveis para parar tudo e explicar os conceitos”.

Tabela 43 – Aprendizagem

Verificou-se que os alunos surpreendem bastante os professores/orientadores, pois conseguem perceber que alguns alunos evoluíram muito desde que chegaram à instituição. Por outro lado, através das respostas que os alunos vão dando os professores também acabam por perceber quais as dificuldades que aparentam, tal

como se verifica na tabela 43 que só no final das duas semanas de projeto é que entenderam que os alunos não sabiam o que significava “bolsa” no contexto das histórias que contaram.

Categoria	Subcategoria	Exemplos
Planificação	Diferenciadora	“(…) usamos uma metodologia de planificação que se chama os arcos de aprendizagem que está muito relacionada com a metodologia de projeto que usamos cá, que está muito relacionada com os princípios de design tinking (…) se eu vou lançar um arco de determinada aprendizagem, esse arco tem que aterrar (…) Muitas vezes os arcos durante um projeto repetem-se e um arco que lanço agora só o vou validar daqui a 3 semanas (…) nós não planificamos por dias, não planificamos em caixinhas do Excel, mas sim num papel de cenário enorme porque eu tenho que conseguir ver as 6 ou 7 semanas do projeto, as ligações entre os temas, as ligações entre as metas ao longo daquelas semanas e eu tenho que conseguir perceber que determinado conceito que eu estou a lançar agora eu vou obviamente avaliá-lo no momento em que o lanço (…)”.

Tabela 44 – Planificação

A planificação que utilizam na instituição baseia-se em arcos de aprendizagem que estão relacionados com a metodologia de projeto que usam. Todos os arcos que colocam na planificação têm de “aterrar”, isto é, o arco começa num ponto e até ao final do projeto tem de conseguir chegar ao final. Aqui o conceito de “aterrar” será no sentido em que se conseguiu realizar todas as atividades propostas, no entanto o arco pode demorar a aterrar conforme o trabalho que se desenvolve.

A planificação é ainda feita através de um papel de cenário enorme de forma a que os orientadores consigam ver todo o projeto, as ligações dos temas e as metas de uma determinada semana.

Categoria	Subcategoria	Exemplos
Avaliação	Aprendizagens	“(…) não temos um registo muito formal de avaliação (…) todos os dias as crianças estão em avaliação porque estão em observação, tudo aquilo que eles fazem cá é um momento de avaliação que me permite avaliar a aprendizagem

		formal, mas também permite-me avaliar as competências e atitudes que têm que estar a ser desenvolvidas e depois, os registos mais formais de avaliação, são os portefólios, são as apresentações que eles fazem no fim de cada projeto, são os jogos, entre outros (...).
	Modo eficaz	“(...) ainda estamos muito aquém do que gostaríamos de fazer em termos de avaliação, o problema é que não há muitos modelos de avaliação para esta metodologia que nós usamos, não há grandes correntes de investigação que estejam a estudar a avaliação especificamente nestes contextos, começa a aparecer nos países nórdicos e nós tentamos acompanhar o que se está a desenvolver nessas universidades, mas ainda sentimos que há muitas lacunas que nós precisamos de consolidar mais até, não ao nível das aprendizagens porque essas são mais fáceis, mas mais ao nível das que nós conseguimos encontrar aqui algumas ferramentas, conseguimos construir essas ferramentas que nos permitam fazer essa monitorização da evolução. Eu tenho competências que para nós são críticas, estão no nosso projeto educativo, a liberdade, a curiosidade, a responsabilidade e como é que eu consigo monitorizar essa evolução, que indicador é que uso, que instrumentos de avaliação é que uso, portanto temos essas lacunas que nós sentimos que ainda precisamos de melhorar.”
	Processo de autoavaliação dos alunos	“(...) fazem todas as semanas (...) um exercício de feedback que inclui a autoavaliação, a avaliação dos pares, a avaliação dos professores e a avaliação do design do projeto (...)”.

Tabela 45 – Avaliação

Averiguou-se que nesta instituição não existe um registo formal de avaliar, pois todos os dias os alunos estão em constante avaliação. Na instituição, faz-se um momento de avaliação que permite aos professores/orientadores avaliarem a aprendizagem formal que foi feita nos alunos. Esta avaliação permite ao mesmo tempo avaliar as

competências e atitudes que têm que estar a ser desenvolvidas. Para além disso, realizam a avaliação através dos portefólios, as apresentações que executam no final de cada projeto, através de jogos e outros recursos.

O modo de avaliar para a instituição ainda não é totalmente eficiente, mas um dos problemas referidos é que não há muitos modelos de avaliar para a metodologia que usam, para além disso não há grandes correntes de investigação que estejam a estudar, a avaliar especificamente nestes contextos. Porém, tentam através dos países nórdicos acompanhar o que se está a desenvolver, mas mesmo assim sentem que há diversas lacunas que têm ainda de ser melhor consolidadas, sobretudo ao nível das competências e das atitudes dos alunos. Estas competências estão implementadas no projeto educativo da instituição e, por isso, afirma-se que será necessário ter instrumentos/ferramentas de avaliação para que as possam desenvolver de forma eficiente.

Não menos importante, verificou-se que todas as semanas há um exercício de *feedback* que inclui a autoavaliação, a avaliação dos pares, a avaliação dos professores e a avaliação do *design* do projeto.

Categoria	Subcategoria	Exemplos
Ambiente de aprendizagem	Espaço	“As salas aqui são muito flexíveis, tem a ver com o design do espaço que nós pensamos no início. Há esta flexibilidade que nos permite estar ou em grande grupo ou em grupos mais pequenos, ou com alunos individualmente (...) estão sentados em roda e não virados para o adulto que está a falar, eles estão em roda porque é suposto eles verem-se todos uns aos outros porque isso ajuda muito no projeto de crescimento pessoal deles e ajuda a reconhecer os outros, a saber ler as emoções dos outros, a saber ver se eles estão a ser capazes de acompanhar a explicação ou não. (...)”.
	Alterações	“(...) sentimos algumas dificuldades, devido ao facto de os espaços não ser tão grande isto apesar de nós não querermos um espaço muito grande, mas neste momento já sentimos algumas dificuldades na gestão do espaço. (...) eles já são mais autónomos na aprendizagem e, portanto, muitas vezes já se querem isolar, querem sair da

		sala e ter um espaço onde possam estar a trabalhar e nós não temos espaços suficientes para todos. (...) alguns projetos que nós ainda não lançamos por não ter essa capacidade dentro da escola, não termos um centro de materiais, não termos a carpintaria a funcionar porque já não cabem aqui e depois, tem a ver com a própria gestão da dinâmica do projeto. (...) vamos ter que instalar por exemplo a curto prazo algumas placas de isolamento por causa do som pois não é possível calar as crianças em projeto, porque de facto implica a interação deles mas nós temos de procurar ferramentas técnicas que permitam limitar um bocadinho o ruído, pois o ruído também perturba o seu processo de aprendizagem e nisso também sabemos que temos que melhorar.”
--	--	--

Tabela 46 - Ambiente de aprendizagem

De acordo com a tabela 48, as salas de aula são muito flexíveis, os alunos podem estar em grande grupo, em pequeno grupo ou mesmo individualmente. Nas salas, os alunos estão sentados em roda e não virados apenas para o adulto, pois em roda podem ver-se uns aos outros e podem ler as emoções uns dos outros, ou seja, verificarem se os outros colegas são capazes de acompanhar a explicação do professor/orientador.

Existe alguma dificuldade no espaço, pois já não é tão grande e é mais difícil para a gestão, isto porque sentem que os alunos já são mais autónomos e muitas das vezes eles querem-se isolar, querem sair da sala e terem um espaço onde possam trabalhar e não há esse espaço.

Existe alguns projetos que não foram lançados por não existir capacidade dentro da escola para o fazerem, pois não têm um centro de materiais, não têm a carpintaria a funcionar e mesmo a própria gestão/dinâmica do projeto. A curto prazo irão ainda instalar algumas placas de isolamento por causa do som devido ao ruído.

Categoria	Subcategoria	Exemplos
Escola para todos	Equidade	“(…) temos uma visão muito peculiar desta noção de uma escola para todos, se nós pudéssemos ter alguma opinião sobre qual é o modelo de escola que existe em Portugal, o que nós gostávamos de dizer era que de facto não deve haver um modelo de escola, para haver uma escola para todos, tem

		<p>que haver modelos de escolas diferentes e as escolas têm que ter projetos que sejam de facto muito mais relacionados com a comunidade onde estão, a cultura onde estão, a própria equipa de profissionais que lá está e também, os alunos. Portanto a cultura da escola para todos constrói-se em cada escola e eu tenho que saber adaptar e construir aquilo que é o meu projeto educativo, em função daquilo que é a localidade onde eu estou mas também, em função da comunidade que eu tenho e a comunidade são os meus alunos, são os professores, os pais e todas as pessoas que interagem connosco. Portanto é preciso criar essa escola para todos, mas não com um modelo único. Nós não aprendemos todos da mesma maneira, porque aprender em Lisboa não é o mesmo que aprender em Vila Real, porque há tantas variáveis a influenciar que se calhar essa escola para todos tem que ser contruída em cada escola.”</p>
--	--	--

Tabela 47 - Escola para todos

A diretora da instituição caracteriza que não há um modelo de escola específica em Portugal e acha que de facto não deve existir, porque para concretizar uma escola para todos (e uma escola para cada um) deve existir modelos de escolas diferentes e as escolas têm de ter projetos que sejam mais relacionados com a comunidade onde estão, a cultura de onde estão e a própria equipa de profissionais e de alunos. Portanto, afirma que é necessário criar-se uma escola para todos, mas não com um único modelo, pois não aprendemos todos da mesma forma, sendo que há tantas variáveis a influenciar que talvez a escola para todos terá de ser construída em cada escola.

4. Resultados

Tendo em conta a revisão bibliográfica, bem como a finalidade investigativa, foram definidas grandes categorias (emergentes e convergentes) que permitiram a apresentação e discussão dos dados de investigação. Na redação deste capítulo, destacaremos alguns resultados mais pertinentes, tendo em conta os diferentes instrumentos de recolha de dados, bem como a análise de conteúdo realizada aos dados dos inquéritos por entrevista (grupo de docentes e diretora da instituição de ensino investigada), à análise documental e aos *focus group*, no sentido de coligir as representações dos docentes e discentes sobre o sucesso educativo.

As docentes da instituição, bem como a sua diretora caracterizaram o sucesso educativo a partir de diferentes variáveis, de entre as quais se destacam a área afetiva, a emocional e a intelectual. Afirmam, ainda, que para existir sucesso educativo é necessário ver o aluno como um todo, ou seja, é necessário saber se a aprendizagem faz sentido para o aluno e se o mesmo se sente feliz na escola: “o sucesso na escola não é apenas definido através do cumprimento de metas de aprendizagem, mas sim num sentido mais integral, isto é, o sucesso educativo vai mais além do que os conteúdos programados”. No que diz respeito à representação dos alunos, o sucesso educativo é caracterizado como “ganhar algo”, “ser reconhecido”, “ser popular” e “ser divertido”.

Acrescentam ainda a este propósito que a sua instituição fomenta o sucesso, porque é inovadora: “não há trabalho de casa igual para todos e cada um pode escolher o que quer fazer como “trabalho de casa”; “vivemos projetos de 6 ou 8 semanas”; “não aprendemos sentados numa carteira”; “não precisamos de autorização para iremos à casa de banho”; “temos tarefas a fazer como a arrumar/varrer”; “estamos num ensino alternativo”. Já as docentes e diretora manifestam algumas reservas nos rótulos em relação ao conceito de inovação pedagógica, pois afirmam que nada do que fazem é considerado inovador. O que fizeram foi apenas irem buscar metodologias já existentes há muitos anos, mas que por força das circunstâncias, das estruturas e das burocracias deixaram de ser aplicadas. A instituição apenas foi repescar ideias e construíram um modelo de aprendizagem que permite aos alunos relacionar o que aprendem na escola com a vida lá fora.

O desenho, implementação e avaliação de projetos “permite construir o modelo pedagógico transversal, articulando todos os conhecimentos, competências e atitudes que se conseguem ligar umas às outras ao serviço de um objetivo/finalidade”. Alinhada com a equipa docente, a diretora explicita que cada individuo na vida pessoal, familiar e profissional idealiza projetos de vida e, por isso, depois de os alunos saírem da instituição terão de fazer esse tal projeto. Porém, vão ter de aplicar os temas às aprendizagens que fizeram e interligá-los com o contexto real. Assim, a diretora da instituição afirma que os projetos permitem enquadrar e criar uma moldura e, ainda, perceber como é que tudo o que os orientadores/docentes fazem vai ser útil para os alunos no seu percurso de vida. Neste modo de trabalho pedagógico, os alunos não realizam os exercícios todos ao mesmo tempo como no contexto tradicional. De acordo com os alunos, “estamos muitas vezes em grupos e os orientadores acompanham o nosso trabalho e nós acompanhamos todos os colegas”.

A instituição valoriza essencialmente o trabalho conjunto - “temos de trabalhar muito, não só aqui, como em todo o lado, porque os miúdos têm dificuldades a trabalhar em grupo”, posteriormente a diretora diz “que provavelmente é a competência mais difícil de se trabalhar nesta idade (...) nestas faixas etárias centradas em si, no seu auto conhecimento” – sendo uma competência essencial no trabalho com os alunos (“acho que é muito difícil, mas acho que é possível”; “acho que é bom e mau porque em algumas situações eu e outro menino podemos não fazer uma boa equipa”; “acho que é difícil, mas é possível, porque em momentos de trabalho, não nos conseguimos organizar”; “é difícil porque alguns têm outras ideias e por vezes, é difícil termos todos uma ideia em conjunto”; “por vezes é difícil, por vezes é fácil, porque há exercícios em que temos de escolher entre muitas opções e é difícil, (...) mas se for um jogo de futebol, por exemplo, já é fácil”).

Para além da dificuldade existente, no que diz respeito ao trabalho colaborativo, os docentes asseguram que é uma mais valia, pois pode trazer benefícios para o futuro dos alunos - “o saberem comunicar as suas ideias, argumentar, sobre o porquê e se acham que a sua ideia faz sentido, o saberem resolver os conflitos dentro do grupo, o saberem ter espírito crítico, o saberem olhar para o outro pelo lado de que pode ajudar e completar a sua ideia, a comunicação no fundo e o respeito pelo outro”. A diretora também concorda que será uma mais valia, pois o principal factor da instituição é que os alunos no futuro sejam capazes de ajudar a construir um mundo que achem que faz sentido, mas que o façam em conjunto. Na ótica dos alunos, o trabalho em equipa poderia trazer benefícios para o futuro, pois será uma mais valia quando entrarem no mundo do trabalho, nomeadamente vão ter mais facilidade em fazerem e aceitarem as escolhas de outras pessoas e vão perceber, que se trabalharem em conjunto tudo se tornará mais fácil.

Confirmou-se que o ambiente é muito importante na aprendizagem dos alunos, de acordo com as respostas analisadas, nomeadamente o facto de vários alunos terem a percepção da escola tradicional, afirmaram que na instituição podem-se sentar no chão, podem ir à casa de banho sem pedir, trabalham mais e já não é tão aborrecido como nas outras escolas. Para além disso, caracterizam o espaço sala de aula como: “tem muitas prateleiras, é mais ou menos grande”, “tem mesas retangulares, dois quadros”, “tem gavetas, barulho, muito barulho”.

Alinhado com os alunos, as docentes e a diretora da instituição caracterizam o espaço como flexível, pois “pensar numa sala de aula mais flexível, dinâmica e adaptada a um ensino diversificado e personalizado” (Lima, 2017, p. 169) favorece as aprendizagens. Neste sentido, os alunos podem estar em grande grupo, em pequenos grupos ou

mesmo individualmente. Nas salas os alunos estão sentados em roda e não virados apenas para o adulto, sendo que em roda podem estar virados uns para os outros e podem ler as emoções uns dos outros.

Verificou-se que os alunos são avaliados de maneira diferente e não apenas através de fichas de avaliação, pois, e tal como referem no *focus group*: “no ensino alternativo tu invés de teres testes, os professores avaliam enquanto tu fazes os trabalhos e eu acho que eles têm mais atenção aqui do que nas outras escolas”. Para além disso, percebeu-se que para os alunos é importante que não haja essas fichas de avaliação, pois “eu nos testes sinto-me muito nervoso e depois bloqueio e quando é num trabalho, não fico tão nervoso como no teste e assim, também já não tenho de decorar tanta coisas como tinha para os testes”. Outra forma de avaliar as aprendizagens, segundo os alunos, é a seguinte: os alunos sentam-se no chão em roda e viram-se para o quadro, no qual lhes são apresentadas questões – “através dessas questões expressamos a nossa opinião e nesse momento os orientadores estão a avaliar os nossos conhecimentos”. Todas as docentes afirmam que a avaliação é feita sobretudo através de observação. Para além disso, privilegiam “momentos de registo no portefólio, exercícios de *feedback* no final da semana”, onde avaliam os conhecimentos de maneira informal, através de jogos ou um debate sobre um tema abordado. Trimestralmente, os docentes preenchem relatórios, onde têm uma tabela e verificam os métodos obrigatórios a cumprir pelo ministério da educação. Para estas docentes é notório que aliavam não através de um número, “mas avaliam para ensinar melhor e garantir qualidade” (Estanqueiro, 2012, p. 83) nas aprendizagens dos alunos. A autoavaliação de acordo com as repostas das docentes pode ser realizada no *Check In* que é no início do dia ou, então, no *Check Out* que já é no final do dia e normalmente abordam o dia que passaram juntos e muitas vezes os alunos fazem a sua autoavaliação. Nestes momentos de reunião em grande grupo, as docentes também percebem o que têm de melhorar a partir dos *feedbacks* fornecidos pelos alunos e todas as semanas há um exercício de *feedback* que inclui a autoavaliação, a avaliação dos pares, a avaliação dos professores e a avaliação do design do projeto, de acordo com o que referiu a diretora.

Toda esta filosofia educacional que é apontada por alunos, orientadoras/docentes e diretora está bem patenteada também nos documentos estruturantes, tal como o Projeto Educativo, e tendo em conta a análise documental, a saber: no que diz respeito a projetos de aprendizagem, estes podem ser individuais, isto é, nascem do interesse de uma determinada criança ou coletivos que surge dos interesses em geral dos grupos de crianças e pela equipa pedagógica. Estes projetos têm a duração de seis semanas e

cada projeto segue uma estrutura similar e flexível, tal como: registos de avaliação intermédia e final, arcos de aprendizagem e, ainda, um roteiro de aprendizagem.

Sabe-se, ainda, que relativamente à avaliação esta não se limita a uma quantificação dos conhecimentos adquiridos, mas sim a “um processo partilhado e participativo que envolve todos os agentes educativos e que pressupõe a utilização de instrumentos diversificados para documentar o processo e progresso da aprendizagem integral” (Projeto Educativo, 2016, s/p.).

5. Considerações Finais

A literatura que investiga os fatores explicativos do sucesso dos alunos é abundante, incidindo quer sobre o sucesso escolar em geral e sobre o seu reverso, o insucesso escolar, quer sobre o sucesso/insucesso junto de populações específicas (Alves, 2010).

A qualidade da escola e dos seus professores, especialmente a qualidade dos processos desenvolvidos para promover o sucesso educativo de todos os alunos, surge como um elemento decisivo e o melhor preditor de sucesso académico.

Logo, de acordo com a investigação realizada, analisou-se as perceções dos docentes e discente sobre o que é um bom ensino e uma boa aprendizagem, posteriormente foram destacadas representações de todos os participantes e, por fim, definiu-se grandes grupos, nomeadamente sobre o sucesso educativo; a inovação pedagógica; o desenho, implementação e avaliação de projetos; o trabalho conjunto e a avaliação das aprendizagens, tendo em conta a influência (positiva) na aprendizagem do aluno.

Percebeu-se então que para haver sucesso educativo é importante a área afetiva, emocional e intelectual do educando estar destacada/equilibrada e, acima de tudo, considerar o aluno como um só e perceber quais as aprendizagens que fazem sentido no seu percurso.

Neste sentido a inovação pedagógica também realça o sucesso educativo. Pois de acordo com os resultados obtidos existe muita autonomia por parte dos alunos, nas mais diversas divisões da instituição, na realização de atividades/tarefas. Das quais os alunos não precisam de estar todos a trabalhar no mesmo espaço, não têm os mesmos trabalhos de casa e sobretudo, porque trabalham por projetos de 6 a 8 semanas.

O facto de trabalharem a metodologia por projeto é benéfico, pois num futuro próximo os alunos terão de lidar com diversos projetos (a nível familiar, profissional e pessoal) e a escola prepara-os para a vida real, em consonância com o trabalho em equipa.

Aqui é de salientar, a forte aposta no trabalho em equipa entre os profissionais em prol do bem-estar no desenvolvimento integral dos alunos, assim como a confiança dos alunos e das famílias na instituição, para além do forte envolvimento dos alunos nas atividades propostas, até porque para eles ter sucesso na escola significa: “saber fazer alguma coisa muito bem”; “ser um génio”; “as professoras serem amigas”; “virem aqui fazerem estas entrevistas e quererem saber mais sobre nós”.

Ainda no que concerne à avaliação das aprendizagens esta é feita de diversas formas, para que o aluno tenha uma avaliação mais ajustada as competências que já estão desenvolvidas e vice-versa. Neste sentido, o próprio projeto educativo (2016, s/p.) da instituição afirma que a escola está inserida num processo partilhado e participativo da comunidade educativa e sugere a utilização de diversos instrumentos para ajustar a avaliação de cada aluno.

Em concordância com Zins *et al.* (2004) estes evidenciaram que, no sucesso escolar, interferem, de forma positiva, predominantemente: (i) ambientes seguros e pacíficos; (ii) relações afetuosas entre alunos e professores, promotoras do desejo de aprender e estar na escola; (iii) estratégias de ensino mais eficazes que envolvam os alunos; (iv) o trabalho em conjunto dos professores e das famílias; (v) alunos mais confiantes e implicados nos seus processos de aprendizagem e (vi) alunos conscientes das tarefas que lhes são atribuídas e que se apoiam na resolução de problemas. Consequentemente todas estas variáveis são bem equacionadas na instituição investigada.

Por fim, na realização da presente investigação a limitação encontrada foi, essencialmente, a dificuldade em encontrar/consultar bibliografia recente/pertinente. Porém, futuramente, gostaria de fazer uma estadia numa escola fora do país de tipo *Kaospilot*, no sentido de prolongar esta investigação, bem como articular prática e teoria, tentando recolher outros referenciais teóricos.

Referências Bibliográficas

- Alves, J. M. (2010). O Projecto Fénix e as condições de sucesso. In: Azevedo, Joaquim; Alves, José Matias (Org.) *Projecto Fénix – mais sucesso para todos: memórias e dinâmicas de construção do sucesso escolar*. Porto: Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa, (p. 37-66).
- Alves, J. M. (2017). Centro de Estudos João XXII – Jesuítas de Bellvitge | Construindo uma nova cultura educativa através de novas práticas organizacionais e pedagógicas. In J. Alves & I. Cabral (Org.). *Uma Outra Escola é Possível – Mudar as regras da gramática escolar e os modos de trabalho pedagógico* (pp. 10 – 20). Porto: Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa.
- Arroteia, J. C. (2008). *Educação e desenvolvimento: fundamentos e conceitos*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Bell, J. (1997). *Como realizar um projeto de investigação*. Lisboa: Gradiva.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora.
- Bruner, J. S. (1999). *Para uma teoria da educação*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Cabanas, J. M. Q. (2002). *Teoria da educação*. Porto: Asa.
- Cardoso, J. R. (2013). *O professor do futuro*. Lisboa: Guerra e Paz.
- Deslisle, R. (2000). *Como realizar a aprendizagem baseada em problemas*. Porto: Asa Editores.
- Estanqueiro, A. (2012). *Boas práticas na educação*. Lisboa: Editorial Presença.
- European Commission. *Quadro estratégico – Educação e Formação 2020*. Consultado em 19/11/2017, disponível em http://ec.europa.eu/education/policy/strategic-framework_pt
- Gonçalves, D. (2006). Da inquietude ao conhecimento. *Saber(e)Educar*. Porto: ESE de Paula Frassinetti. N.º11 (2006), p.101-109
- Gonçalves, D. (2017). Col·legi Mare de Déu dels Àngels: (Trans) Formação educativa ao serviço da condição Humana. In J. Alves & I. Cabral (Orgs.), *Uma Outra Escola é Possível - Mudar as regras da gramática escolar e os modos de trabalho*

- pedagógico* (pp. 29-38). Porto: Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa.
- Lima, R. (2017). *A escola que temos e a escola que queremos*. Lisboa: Manuscrito.
- Lopes, I. P. (2013) *As Intencionalidades da Intervenção Educativa. Princípios Pedagógicos Gerais*. (Relatório de Estágio). Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, Porto. Consultado em 04-04-2019. Disponível em http://repositorio.esepf.pt/bitstream/20.500.11796/1249/1/TM-ESEPF_2013InesLopes.pdf
- Ministérios da Educação (s/d). *Currículo Nacional do Ensino Básico: Competências essenciais*. Consultado em 21/11/2017 disponível em https://www.cfaematosinhos.eu/NPPEB_01_CN.pdf
- Morgado, J. C. (2013). *O estudo de caso na investigação em Educação*. Santo Tirso: De Facto Editores.
- Moran, J. (2014) *Novos modelos de sala de aula*. *Educatrix*, 7, 33-37. Disponível em: www.moderna.com.br/educatrix
- Morán, J. (2015). *Mudando a educação com metodologias ativas*. Consultado em <file:///C:/Users/ana-s/Downloads/Mudando-a-Educacao-com-Metodologias-Ativas.pdf>
- Natércio, A. (2014). *Investigação naturalista em educação*. Porto: Fundação Manuel Leão.
- Oliveira, G. A. (2013). Aprendizagem Baseada em Metodologias Ativas. In Cecy, C., Oliveira, G. A. & Costa, E. M. M. B. (Org.). *Metodologias Ativas: Aplicação e Vivências em Educação Farmacêutica* (pp.15-38). Brasília: Associação Brasileira de Ensino Farmacêutico e Bioquímico.
- Parente, C. (2002). *Observação: Um percurso de formação, prática e reflexão*. In J. Formosinho, *A Supervisão na Formação de Professores I. Da Sala à Escola* (pp. 166-216). Porto: Porto Editora.
- Pavão, S. (2013). *Aprendizagem escolar e sua avaliação em educação de infância e 1.º ciclo*. Relatório de estágio. Universidade dos Açores. Ponta Delgada.
- Freire, Paulo. (1997). *Pedagogia da autonomia*. S. Paulo: Editora Paz e Terra.

Quivy, Raymond. & Campenhoudt, Luc Van (1998). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.

Ribeiro, Luis, Roberto de Camargo (2008). *Aprendizagem baseada em problemas (PBL): Uma experiência no ensino superior*. São Carlos: Edufscar.

Roldão, M. (2003). *Gestão do currículo e Avaliação de Competências*. Lisboa, Editorial Presença

Robert, P. (2011). *A educação na Finlândia*. Porto: Edições Afrontamento.

Santos, M. C. (2010) *A escola não tem nada a ver*. Rio Tinto: Lugar da palavra.

Scheerens, J. (2004). *Melhorar a eficácia das escolas*. Porto: Edições Asa.

Scocuglia, A. C. (2005) *As Reflexões Curriculares de Paulo Freire*. *Revista Lusófona da Educação*, 6, 81-92. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/issue/view/63>

Trindade, R. & Cosme, A. (2010). *Educar e aprender na escola*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.

Yin, R. K (2009). *Estudo de caso: Planejamento e Métodos*. Porto Alegre: Bookman.

Vickery, A. (2016). *Aprendizagem Ativa: Nos Anos Iniciais Do Ensino Fundamental*. São Paulo: Priscila Zigunovas.

Zins, J. E. et al (Eds.). (2004). *Building academic success on social and emotional learning: What does the research say?* New York: Teachers College Press.

Documentos e legislação

Projeto Educativo (2016) Diário da Republica

Decreto-lei nº241/2001, de 30 de agosto. Nº241/2001 – série A. Lisboa: Ministério da Educação. Consultado a 01/03/2019, Disponível em https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/dl241_01.pdf

Decreto-Lei nº129/2012, de 5 de julho. Diário da Republica nº129/2012 - I série A. Lisboa: Ministério da Educação. Consultado a 01/03/2019, Disponível em http://static.publico.pt/docs/educacao/despachoesinobasico.pdf?fbclid=IwAR2-JIGqUCbeOGdeli4r_-u2uY_z_nC9Bxs37yXTXi5f0g7V1HhR_GAHAWo

Anexos

Anexo I - Guião do inquérito por entrevista

Guião da entrevista “docentes”

No âmbito do Sucesso Educativo, estou a implementar uma investigação que tem como finalidade definir quais os pontos importantes para se obter o sucesso educativo.

A sua colaboração nesta investigação é fundamental. É-lhe ainda garantido todo o anonimato e confidencialidade dos dados recolhidos.

Dados Pessoais

Idade:

Tempo de Serviço:

1. O que é para si o sucesso educativo?
2. A escola que trabalha intitula-se como inovadora, o que pensa sobre isso?
3. A estrutura física da escola influencia as aprendizagens das crianças?
Porquê?
4. Existe crianças de idades diferenciadas que estão misturadas na sala de aula, o que acha disso?
5.
 - a. Na vossa escola trabalham por projeto, isso é uma garantia para promover o sucesso educativo aos alunos? Porquê?
 - b. A maioria das vezes é fácil conseguir observar as dificuldades que os alunos têm ao trabalharem por projeto? De um exemplo?
 - c. Para além do trabalho por projeto adotam mais alguma metodologia promotora da aprendizagem?
6. Ao longo dos projetos que são feitos na escola, esses costumam ser apenas do interesse dos alunos? Pode explicar como funciona?
7.
 - a. Quando os alunos trabalham em equipa, o que acha disso?
 - b. Que benefícios pode trazer o trabalho em equipa para o futuro deles?
8.
 - a. Cada vez é mais importante a utilização de recursos tecnológicos na sala de aula. Assim, para si, as novas tecnologias são um problema ou um aliado nas aprendizagens dos alunos? Porquê?
 - b. Deixa os seus alunos pesquisarem informação através desses recursos?
 - c. Acha que existe professores com receios relativamente a determinados recursos nesta escola?

- 9. a.** É importante existir mais do que um professor na sala de aula? O que acha sobre isso?
- b.** Enquanto professor, sente que os seus colegas de trabalho, nomeadamente os outros professores com quem trabalha na sala de aula e diariamente, colaboram consigo e ajudam-se mutuamente? Acha importante existir esse apoio mutuo? Porquê?
- 10.** Enquanto professor acha que aprende com os seus alunos todos os dias ou são apenas eles que aprendem consigo?
- 11.** Como funciona a planificação nesta instituição? A mesma é considerada inovadora? Porquê?
- 12. a.** Relativamente à avaliação como realiza esse processo?
- b.** Acha que é uma maneira mais eficaz de avaliar? Porquê?
- c.** Os alunos podem fazer a sua autoavaliação?
- 13. a.** A sala onde trabalha é diferente da sala tradicional, o que acha sobre isso?
- b.** Acha que poderia haver mais alterações na estrutura da sala de aula? Quais?
- 14. a.** De acordo com os anos que já exerce e da sua formação, prefere a escola tradicional ou a escola inovadora? Porquê?
- b.** O que mais gosta de fazer nesta escola?
- 15.** Para si como designa “uma escola para todos”?

Anexo II - Entrevista a uma professora do 1º Ciclo do Ensino Básico (E1)

Idade: 26

Tempo de Serviço: 1 ano

E1: Entrevistado

1. O que é para si o sucesso educativo?

E1: “É saber que as crianças que estão aqui tem um percurso, ou seja, que tem um percurso educativo que englobe muitas áreas, desde a área afetiva, a área emocional, a área intelectual, ao carácter, todas essas áreas desenvolvidas no sentido de serem o melhor que elas conseguem ser em cada uma dessas áreas”.

2. A escola que trabalha intitula-se como inovadora, o que pensa sobre isso?

E1: “Penso que sim, que é inovadora, porque alguém teve a coragem de fazer aquilo que muita gente acredita que é o correto, mas que nem todos conseguem levar a cabo. Para mim, é inovadora porque acho que vê a criança como um todo no sentido em que tem que saber muita coisa sobre algo, mas que já sabe coisas que podem ter um papel muito ativo na sua aprendizagem, que pode participar, que pode dar ideias de tudo”.

3. A estrutura física da escola influência as aprendizagens das crianças? Porquê?

E1: “Sim, eu acho que sim, até o eles poderem estar em vários espaços, o poderem usar os espaços, pronto eles sabem que quando querem ler, quando querem refletir, estar num espaço mais silencioso que é quando não há aula de música, podem ir para a biblioteca, ou seja, o associar os espaços aos diferentes momentos de trabalho que nós temos, acho que sim, que funciona bem”.

4. Existe crianças de idades diferenciadas que estão misturadas na sala de aula, o que acha disso?

E1: “Acho que exige mais de nós que temos de saber, temos de ter sempre um trabalho diferente para fazer com eles, mas também permite que por exemplo, uma criança que poderá ter idade para o segundo ano se tiver capacidades para acompanhar aqueles que já estão mais avançados o possa fazer, o contrário também pode acontecer, e implica que os mais velhos ajudem sempre os mais novos e que os mais novos saibam que pedir ajuda aos colegas que estão ao lado e que não precisa de ser sempre a uma professora”.

5. a. Na vossa escola trabalham por projeto, isso é uma garantia para promover o sucesso educativo aos alunos? Porquê?

E1: “Eu acho que sim, porque primeiro promove o sentido crítico, promove a participação deles e a criatividade, porque eles também dão ideias daquilo que podem fazer e como podem fazer e muitas vezes nós alteramos aquilo que tínhamos pensado, em função do que eles dizem, também dá-lhes a noção para eles conseguirem resolver problemas porque têm de trabalhar em equipas, porque chegam ao fim e sabem que o nosso objetivo é aquele e que vão aparecer coisas que eles vão ter de resolver e que vão ter de conseguir trabalhar para isso e o terem um objetivo, ok, nos temos de chegar ao fim, o nosso objetivo e este, o que e que nós temos de fazer para lá chegar também, o que nos obriga a pensar em todo o processo”.

b. A maioria das vezes é fácil conseguir observar as dificuldades que os alunos têm ao trabalharem por projeto? De um exemplo?

E1: “Acho que nem sempre é fácil , conseguir perceber essas dificuldades, claro que há um ou outro que nós percebemos que o facto de ser pelo projeto faz com que muitas das atividades não sejam tão estruturadas e sejam mais livres e isso, às vezes, mostra que muitos deles se sentem perdidos. Não é, não sabem muito bem o quê e como hão de fazer, precisam de muito mais apoio do que outros que já se enquadram pelo maior apoio que nos vêm pedir ou não, mas depende, pode ser para muitas coisas ou para algo mais”.

c. Para além do trabalho por projeto adotam mais alguma metodologia promotora da aprendizagem?

E1: “Pronto, a área de projeto, sei lá, há tantas, agora se podemos chamar a isso uma metodologia ou não, não sei, penso que o trabalho de projeto é o que foca”.

6. Ao longo dos projetos que são feitos na escola, esses costumam ser apenas do interesse dos alunos? Pode explicar como funciona?

E1: “Ok, não costumam ser apenas do interesse dos alunos, o que nós por exemplo, o projeto que estamos a fazer agora, foi um projeto que surgiu numa formação que foi feita cá, o que nós fazemos, pronto, nós dizemos efetivamente é que tínhamos sido contratados para fazer este projeto, o que nós tentamos é ao longo das semanas, integrar os interesses deles nesta área, claro que fazemos projetos que partem de interesses deles não é, mas que não são todos assim, mas durante o caminho do projeto integramos sempre aquilo que eles consideram ser interessante e que achamos que deve ser feito.

No fundo o produto final do nosso projeto terá de ser uma aplicação sobre Matosinhos, sobre as emoções que as pessoas sentem quando estão em certos locais de Matosinhos e nesse projeto especificamente, nós orientadoras fizemos uma avaliação para também nos orientarmos, mas foram eles que no início definiram qual os passos que tínhamos de dar e o que tinha de ser feito para no fim termos uma aplicação que conseguisse recriar as emoções das pessoas em Matosinhos, portanto, no fundo foram eles que desenharam todo este projeto”.

7. a. Quando os alunos trabalham em equipa, o que acha disso?

E1: “Depende muito, depende muito do tipo de trabalho que estamos a fazer, porque nós tanto trabalhamos por nível de desenvolvimento como às vezes juntamos um aluno que esteja, por exemplo, no primeiro nível, com um aluno que esteja no terceiro, com um aluno que esteja no quinto, para fazer um trabalho. Portanto isso não é muito estanque, depende do que funciona melhor e do trabalho que estivermos a fazer, porque há uns que fazem mais sentido trabalhar por níveis de desenvolvimentos, há outros que fazem todo o sentido juntarmos uns com os outros precisamente para serem estimulados pelos mais velhos”.

b. Que benefícios pode trazer o trabalho em equipa para o futuro deles?

E1: “Acho que, o saberem comunicar as suas ideia, argumentar, sobre o porquê e se acham que a sua ideia faz sentido, o saberem resolver os conflitos dentro do grupo, o saberem ter espírito crítico, o saber olhar para o outro pelo lado de que pode ajudar e completar a sua ideia, a comunicação no fundo e o respeito pelos outros”.

8. a. Cada vez é mais importante a utilização de recursos tecnológicos na sala de aula. Assim, para si, as novas tecnologias são um problema ou um aliado nas aprendizagens dos alunos? Porquê?

E1: “Eu acho que são sem dúvida um aliado, tem é de ser bem utilizadas. Porque acho que quanto mais coisas, primeiro porque ainda é um desafio para eles, por exemplo, saber pesquisar na internet coisas específicas para os trabalhos, ainda é um desafio, eles estão a aprender, mas acho que isso lhes pode trazer muito mais ferramentas, o saberem que alguma dúvida que tenham e que aqui não perguntaram porque surgiu em casa, puderem pesquisar na internet, ou um aluno que tenha ido fazer uma viagem saber por no power point as fotos e explicar aquilo que fez, partilhar com os amigos tudo aquilo que viveu, acho que sem dúvida pode ajudar, é uma mais valia”.

b. Deixa os seus alunos pesquisarem informação através desses recursos?

E1: "Sim, nós temos tablets, computadores que eles utilizam para fazer as pesquisa".

c. Acha que existe professores com receios relativamente a determinados recursos nesta escola?

E1: "Não, acho que não".

9. a. É importante existir mais do que um professor na sala de aula? O que acha sobre isso?

E1: "Sim, claro, então da forma que nós trabalhamos não faria sentido ser de outra forma. Acho que o trabalho em equipa e tão importante para eles como para nós, porque conseguimos partilhar ideias, até para gerir o grupo para conseguir ajuda-los, para conseguir dar uma ajuda muito mais individualizada, acho que faz todo o sentido, é igual, o que faz todo o sentido trabalhar para eles faz exatamente o mesmo sentido para nós".

b. Enquanto professor, sente que os seus colegas de trabalho, nomeadamente os outros professores com quem trabalha na sala de aula e diariamente, colaboram consigo e ajudam-se mutuamente? Acha importante existir esse apoio mutuo? Porquê?

E1: "Sim, sem sombra para dúvidas. Acho que é muito importante esse apoio, primeiro porque temos formas de pensar diferentes, temos ideias diferentes e acabamos por nos complementar, o que acaba por ser muito mais rico e muito melhor para eles que vão usufruir disso e que vão aprender com isso, que vão treinar, portanto acho que sim, que é tão benéfico para nós como para eles".

10. Enquanto professor acha que aprende com os seus alunos todos os dias ou são apenas eles que aprendem consigo?

E1: "Aprendemos com eles também, muito mesmo".

11. Como funciona a planificação nesta instituição? A mesma é considerada inovadora? Porquê?

E1: "Para mim foi inovadora porque eu não conhecia quando aqui entrei, nós fazemos uma planificação em arco, como fundo temos o projeto de seis semanas, não é uma planificação mensal, nem diária, nem anual, nós pensamos no projeto que são 6 semanas, planificamos semanas, qual é o objetivo de cada semana e depois vamos planificar cada dia, portanto fazemos assim, temos os objetivos, temos de pensar nas

atitudes, nas competências, tudo aquilo que queremos abordar, portanto no fundo pensar nas semanas e como integrar isso nas semanas e em cada dia de trabalho”.

12. a. Relativamente à avaliação como realiza esse processo?

E1: “A avaliação funciona muito por observação, pelo que nós observamos que eles vão fazer, do que eles vão criando, não só nos momentos de sala mas também nos momentos livres. As atividades que nós vamos fazendo, eles também fazem alguns registos, depois têm o portefólio deles, portanto, também temos outra maneira de avaliar, mas é no fundo através da observação de momentos”.

b. Acha que é uma maneira mais eficaz de avaliar? Porquê?

E1: “Acho que sim, porque quando nós observamos nós conseguimos perceber coisas e ver coisas, coisas que até eles dizem ou atitudes que eles têm que se nós lhes pedíssemos para eles fazerem um texto ou uma ficha, nós não conseguíamos ver isso, e aqui, nós também avaliamos não só os conhecimentos, as competências, as capacidades mas também a área emocional deles, ou seja, se estão felizes, tristes, se são responsáveis, nós também fazemos essa avaliação e se não fosse por observação, não conseguiríamos ver isso”.

c. Os alunos podem fazer a sua autoavaliação?

E1: “Sim, nós aqui não temos uma avaliação quantitativa, portanto no fundo sempre que nós percebemos que há alguma coisa que deve ser dita a todos, ou porque foi efetivamente boa, ou porque é uma coisa que deve ser dito a todos, ou porque é uma coisa que não podemos repetir, nos temos vários momentos com todos em que falamos sobre isso, que eles falam sobre o que fizeram, o porquê de terem feito isso, portanto no fundo isso e como se fosse uma autoavaliação deles, podemos fazer isso ao longo do ano, ao longo dos dias, por isso sim, eles fazem uma autoavaliação”.

13. a. A sala onde trabalha é diferente da sala tradicional, o que acha sobre isso?

E1: “Eu acho que sim, eu já tive um pouco de experiência noutra sítio, por isso, eu acho que sim e acho que a maior diferença é eles terem acesso aos materiais e quando precisam dos materiais, usa-los, para fazerem os seus trabalhos, para fazerem as suas pesquisas, e no caso dos recursos tecnológicos, como temos alguns jogos, para passarem o tempo. Também o facto de termos mesas e cadeiras mas não ser obrigatório eles estarem ali sentados, não ser obrigatório eles estarem ali, nos trabalhamos muito no chão, portanto e mais flexível e em termos de estrutura de sala

eu acho que o facto de eles terem os materiais disponíveis e puderem utiliza-los é muito bom”.

**b. Acha que poderia haver mais alterações na estrutura da sala de aula?
Quais?**

E1: “Não, ainda não, nunca senti essa necessidade de mudarmos ou alterarmos a estrutura da sala”.

14. a. De acordo com os anos que já exerce e da sua formação, prefere a escola tradicional ou a escola inovadora? Porquê?

E1: “Essa para mim faz todo o sentido porquê foi aquilo que eu disse à bocado do pensar nos alunos como pessoas, como crianças que são capazes de muito mais do que estarem sentados numa cadeira, a ouvir, a ler e a fazer fichas todos os dias, podemos aprender tanto com eles. Eles têm todo o direito de participar no seu processo de aprendizagem, eles têm todo o direito de partilharem tudo aquilo que já sabem, tudo aquilo que descobriram e tudo aquilo que já aprenderam, e toda a parte emocional deles é tão ou mais importante do que tudo aquilo que eles vão aprender em termos de conteúdos, de metas, é o pensar neles como um todo e trabalhar neles tudo o que eles são”.

b. O que mais gosta de fazer nesta escola?

E1: “Acho que a parte do trabalharmos em equipa, acho que é bom, a parte em que estamos todos juntos, o estarmos com eles, o fazer as atividades com eles, o perceber, “ok, isto se calhar aqui não correu tão bem, o que vamos fazer com eles para alterar” ou “isto está a correr tão bem, então vamos partilhar com todos que foi assim que nós fizemos, e assim que nós queremos fazer e é por aqui que nós queremos ir”, o trabalhar em projeto é uma coisa que também gosto muito de fazer”.

15. Para si como designa “uma escola para todos”?

E1: “Uma escola para todos acho que é uma escola em que todos, independentemente de saberem mais de matemática, português ou geografia, tenham um lugar para desenvolver as suas áreas de interesse, mas também para desenvolverem todo o resto em que são aceites assim, e que nós adultos tenhamos a capacidade para ajudar todos a desenvolverem aquilo que eles mais gostam, aquilo em que eles necessitem mais de ajuda e termos capacidade para ajudar todos”.

Anexo III - Entrevista a uma professora do 1º Ciclo do Ensino Básico (E2)

Idade: 30

Tempo de Serviço: 9 ano

E2: Entrevistado

1. O que é para si o sucesso educativo?

E2: “O sucesso educativo para mim pressupõe várias partes, pressupõe a aprendizagem mas dando valor ao aluno em si, ou seja, não se focar apenas nos conteúdos que os alunos têm para aprender mas sim, pensar a criança como um todo, sabendo que tudo o que está por trás, pode influenciar até a sua aprendizagem e acima de tudo também se as crianças são felizes neste processo, se chegam ao final do dia na escola e se para eles aprender é uma coisa que os satisfaz”.

2. A escola que trabalha intitula-se como inovadora, o que pensa sobre isso?

E2: “De facto quando comparadas com as escolas ditas tradicionais, as escolas do ensino público, esta escola é inovadora porque baseia-se em várias metodologias, procura sempre um motivo e uma solução para os problemas, que muitas vezes nem são problemas mas sim desafios, procura sempre dar resposta ao que os alunos precisam e no fundo é isto, nunca parar de estar em constante evolução que é o que faz a diferença”.

3. A estrutura física da escola influencia as aprendizagens das crianças? Porquê?

E2: “Sim, sem dúvida. O facto de os miúdos puderem estar a ouvir uma história todos sentados à nossa volta em roda, o facto de poderem fazer exercícios de escrita no chão conforme lhes apetece, penso que lhes dá mais criatividade, mais vontade até, mais predisposição para aprender, do que as ditas carteirinhas ou secretárias onde têm de estar sentados, não se podem mexer na cadeira, não podem olhar para trás e aqui os miúdos são incentivados a serem autónomos, a conseguirem ”eu tenho uma dúvida, deixa-me perguntar ao colega do lado se sabe primeiro, antes de estar a perguntar à professora, à orientadora”, se o aluno conseguir ajudar, ótimo, fica feliz por ajudar e o que fez a pergunta por vezes entende de uma forma mais fácil, porque é a linguagem deles, a de crianças”.

4. Existe crianças de idades diferenciadas que estão misturadas na sala de aula, o que acha disso?

E2: “Acho bem, acho que conforme estava a dizer, os mais velhos conseguem ajudar os mais novos num aspeto, os mais novos ajudam os mais velhos noutros, no fundo, não vejo nenhum entrave, ainda que em termos de logística nem sempre será fácil, para quem prepara as atividades e quem os orienta, mas penso que os ajuda, ter sempre alguém que saiba que nos pode ajudar ou então, ter em atenção que pode haver alguém mais pequeno que pode precisar da ajuda deles”.

5. a. Na vossa escola trabalham por projeto, isso é uma garantia para promover o sucesso educativo aos alunos? Porquê?

E2: “O facto de trabalhar só por projeto não é uma garantia, porque se o projeto não for muito bem pensado, muito bem adaptado diariamente, o projeto é de 6 semanas mas é pensado diariamente e até na própria hora que estamos a trabalhar apercebemo-nos que planeamos qualquer coisa e que até não vai dar. A metodologia do projeto, é algo que depois de começares a planificar assim, não se consegue fazer de outra forma. Eu mesma noutras coisas que faço fora da escola e inclusive na minha vida pessoal, já planeio por projeto, semanas assim a longo prazo, porque permite-nos ter assim uma visão a longo prazo, indo adaptando semanalmente, diariamente, o nosso trabalho portanto, o sucesso educativo nunca dá para garantir e o que é sucesso educativo para o aluno, para o outro pode ser um fracasso, portanto, acho que a metodologia de projeto é muito boa neste aspeto, neste trabalho com as crianças a nível educativo, mas nem sempre garante o sucesso porque depende muito deles, dos miúdos, da planificação que é feita, de tudo”.

b. A maioria das vezes é fácil conseguir observar as dificuldades que os alunos têm ao trabalharem por projeto? De um exemplo?

E2: “Não sei se aqui é por trabalhar por projeto, nós na escola temos a dita avaliação formal, em que os miúdos fazem testes e onde normalmente as escolas avaliam os alunos por isso. Nós semanalmente fazemos um feedback, como correram as atividades, do que é que eles gostaram mais, do que gostariam de repetir e diariamente através de observação direta conseguimos ver perfeitamente as dificuldades que eles têm. O ensino aqui na escola é muito diferenciado, ou seja, nós conseguimos diariamente verificar o que determinado miúdo consegue fazer e como somos quatro na sala e trabalhamos com todos, depois também esta coisa de trabalhar em equipa é boa, porque assim depois posso avisar que determinada criança está com uma certa dificuldade e outra pessoa pode ter outra perspetiva, mas aqui estamos em constante

observação e é aqui que fazemos a nossa avaliação. Não sei se isto tem a ver com o projeto, tem a ver com a forma como trabalhamos e nós aqui, trabalhamos de forma individualizada onde cada miúdo é um miúdo e não é avaliado com um teste que é igual para todos”.

c. para além do trabalho por projeto adotam mais alguma metodologia promotora da aprendizagem?

E2: “A escola oficialmente é baseada por várias metodologias, Reggio Emília, um pouco de Montessori em algumas coisas, acho que aqui a Reggio Emília, acho que o trabalho por projeto é o que acaba por influenciar mais”.

6. Ao longo dos projetos que são feitos na escola, esses costumam ser apenas do interesse dos alunos? Pode explicar como funciona?

E2: “Aqui acaba por ser mais ou menos, nós tentamos que os projetos sejam coisas que eles vão gostar, pelas quais eles se vão interessar, mas até agora tem sido sempre realizados por nós, nós sabemos que oficialmente, por exemplo, os miúdos têm que estudar o corpo humano, fazemos um projeto baseado no corpo humano, mas não como teoricamente se faz nas escolas, onde se abre o livro em determinada página, está aqui um esqueleto, estão a ver um esqueleto, vamos legenda-lo. Não, não é assim que nós fazemos, nós fazemos um projeto para 6 semanas que conta uma história e todos os dias tem de ter uma ligação com o dia anterior, esta semana tem de ter uma lógica para a semana que vem a seguir... nada cai do céu de repente e acima de tudo, tentamos realizar coisas que sabemos que vão interessar aos miúdos”.

7. a. Quando os alunos trabalham em equipa, o que acha disso?

E2: “Acho que ainda é uma coisa que temos de trabalhar muito, não só aqui, como em todo o lado, porque os miúdos têm dificuldades a trabalhar em grupo, uma vez que tal como nós adultos, tem as personalidades deles completamente diferentes, mas acabam por conseguir ou ir conseguindo ao longo dos tempos, aprender a trabalhar de forma cooperativa, porque vemos por exemplo, um miúdo que é muito líder e que tenta fazer o trabalho todo sozinho acabando por ignorar aquilo que interessa e o que os outros querem fazer. Depois temos miúdos que se apagam completamente ficando a sombra dos outros e deixando-se andar, mas acho que é muito importante para eles aprender a trabalhar em equipa, mesmo para futuro, porque quando eles fazem o trabalho em equipa, por exemplo, uma pesquisa, eles tem que apresentar ao resto do grupo e que conseguiram trabalhar, e equipa fica mais orgulhosa depois por ter a sua equipa, o seu grupo, alcançado aqueles objetivos”.

b. Que benefícios pode trazer o trabalho em equipa para o futuro deles?

E2: “Eu acho que para o futuro eles aprendem que numa empresa, têm que respeitar mesmo não gostando de determinada personalidade, de determinado comportamento, para que a equipa consiga chegar ao fim, fazendo uma apresentação de um trabalho do qual se possam orgulhar e terem de aprender a lidar com as pessoas”.

8. a. Cada vez é mais importante a utilização de recursos tecnológicos na sala de aula. Assim, para si, as novas tecnologias são um problema ou um aliado nas aprendizagens dos alunos? Porquê?

E2: “Eu acho que as tecnologias são um aliado na aprendizagem, mas têm que ser usadas sempre com moderação na educação porque hoje em dia utiliza-se muito, por exemplo, o power point para explicar a matéria e a seguir nasce uma ficha sobre mesmo e assim. Eu sou completamente contra, porque assim não estão a experienciar nada, estão atentos ao power point que está a debitar matéria e que no fundo só pretende substituir o trabalho que o professor pode fazer, agora quando são complementos como por exemplo, agora estamos a estudar para usar o scratch, que é uma aplicação, tivemos formação esta semana, e eu acho que quando é uma tecnologia que lhes permite perceber como podem programar a aplicação, permite-lhes em determinados momentos usar jogos matemáticos, ou jogos de português. Nessas alturas eu acho que a tecnologia é boa, porque nesses casos a tecnologia permite que eles aprendam mesmo, mas divertindo-se “e vamos aqui jogar um jogo”, e eles nem vão pensar que estão a estudar matemática, vão automaticamente pensar que estão a jogar um jogo. Também é muito bom nós utilizarmos as pesquisas, fazermos trabalhos de pesquisa, por exemplo, um miúdo ter que estudar a torre dos clérigos e juntar-se a um grupo de 5 elementos e todos pesquisarem sobre a torre dos clérigos, onde a tecnologia e a internet ai vai funcionar como base para tudo”.

b. Deixa os seus alunos pesquisarem informação através desses recursos?

E2: “Sim, claro que sim”.

c. Acha que existe professores com receios relativamente a determinados recursos nesta escola?

E2: “Acho que não”.

9. a. É importante existir mais do que um professor na sala de aula? O que acha sobre isso?

E2: “Agora, depois de ter passado por essa experiência, por estar a passar pela mesma, acho que é muito importante, porque eu posso estar a ver uma coisa e meu colega estar a ver uma coisa completamente diferente e as nossas perspetivas juntas vão ser sempre melhores para o aluno, sendo muito mais fácil a avaliação, por exemplo, eu sou mais das letras e outra das minhas colegas é mais dos números, nunca na vida eu conseguiria sozinha passar a mesma paixão pelas letras e pelos inúmeros, do que se fosse em separado, eu passo a minha paixão, a minha colega passa a dela e os miúdos no fundo tem uma visão diferente das coisas, acho que nos complementamos”.

b. Enquanto professor, sente que os seus colegas de trabalho, nomeadamente os outros professores com quem trabalha na sala de aula e diariamente, colaboram consigo e ajudam-se mutuamente? Acha importante existir esse apoio mutuo? Porquê?

E2: “Sim, acho que si. Porque já me aconteceu, por exemplo, ter que fazer determinada coisa e estar completamente empancada e se estivesse sozinha na minha sala, se calhar até acabaria por desistir da ideia e fazer outra coisa, mas assim somos mais cabeças a pensar e conseguimos chegar mais longe”.

10. Enquanto professor acha que aprende com os seus alunos todos os dias ou são apenas eles que aprendem consigo?

E2: “Eu acho que aprendemos todos, eles ensinam me muita coisa e eu também tento ensinar, mas aprendo todos os dias com eles, acima de tudo coisas para o dia a dia, para a vida diária”.

11. Como funciona a planificação nesta instituição? A mesma é considerada inovadora? Porquê?

E2: “A planificação é conforme já disse, planificação por projeto baseada na metodologia Kaos Pilot, é inovadora porque planifica de outra forma, planifica por arcos de aprendizagem, cada arco representa uma semana, os 6 arcos representam o projeto todo e quando olhamos para o placard que está sempre ali afixado, vemos o que já fizemos, o que tem que vir para a frente e o que tem que estar ligado com o que está para trás, acho que neste aspeto é inovadora e eu já não consigo planear de outra forma”.

12. a. Relativamente à avaliação como realiza esse processo?

E2: “A avaliação não é um momento formal, não é um teste, nós aqui não fazemos disso, a avaliação é diária, é feita ao minuto, através de observação, também fazemos

exercícios de feedback no final da semana e trimestralmente preenchemos relatórios para os pais, tendo também uma tabela onde verificamos os métodos obrigatórios a cumprir pelo ministério de educação e vamos verificando o que já sabem, o que não sabem e os pais recebem essa avaliação trimestralmente”.

b. Acha que é uma maneira mais eficaz de avaliar? Porquê?

E2: “Acho que sim, porque já me aconteceu, noutros contextos, dar um teste e o miúdo ter tudo mal, e eu saber que ele é completamente diferente daquilo, tendo inclusive escrito na folha de teste “o que fizeste não reflete aquilo que tu sabes” porque eu sei, mas em termos de número, se eu tivesse que entregar uma média aos pais, se calhar ele não passava dos 30% e ele em aula era muito bom, fazia tudo. Aqui, isso não se verifica, nós vemos aquilo em que eles são bons, o que conseguem e não conseguem fazer e eu penso que esta é a forma mais correta de avaliar, não limitando apenas a um momento”.

c. Os alunos podem fazer a sua autoavaliação?

E2: “Aqui não sei se se poderá dizer que sim ou não, aqui os miúdos podem refletir sobre as suas experiências de aprendizagem, podem dizer o que correu melhor, o que correu pior, refletem muitas vezes sobre o comportamento deles, o que poderia ter feito para ajudar determinado amigo, o que e que podiam ter feito para melhorar a sua atenção e aqui como já disse, eles são incentivados a refletir”.

13. a. A sala onde trabalha é diferente da sala tradicional, o que acha sobre isso?

E2: “Acho que é o mais adequado, uma sala tradicional limita os miúdos, tendo que estar em determinada posição e por exemplo, para ler uma história, faz mais sentido não ter mesas e cadeiras, estarmos todos sentados no chão, a nossa própria posição como orientadores aqui, é diferente, nós passamos o dia todo quase sempre sentados no chão, não tenho mesa e cadeirinha e estou ali sentada na roda com os miúdos, sou uma deles, posso virar a capa do livro para eles, é diferente”.

b. Acha que poderia haver mais alterações na estrutura da sala de aula? Quais?

E2: “Eu acho que alterações pode haver sempre, nós mudamos a estrutura da sala quase todas as semanas e não temos nenhuma sala que chegue ao final da semana, igual”.

14. a. De acordo com os anos que já exerce e da sua formação, prefere a escola tradicional ou a escola inovadora? Porquê?

E2: “Inovadora, sem dúvida. A meu ver, a escola tradicional limita as pessoas, porque as crianças são o futuro, são a base e no fundo a escola tradicional tenta formatar alunos, funciona quase como produção em série, onde todos têm de saber e fazer tudo da mesma forma, enquanto a escola inovadora tenta que cada um seja o que é, que aprenda como consegue, como faz, portanto eu acho que a escola dita inovador, dá mais hipóteses aos alunos para escolherem até a sua própria forma de aprendizagem, o que é melhor para eles”.

b. O que mais gosta de fazer nesta escola?

E2: “Eu gosto de tudo nesta escola, mas acho que acima de tudo o facto de puder experimentar, de não ter receio de fazer algo e de os miúdos nem sequer aprenderem. Nunca temos esse receio, chegando-nos até a acontecer em experiências anteriores queremos experimentar em determinados miúdos mas acharmos que ia correr mal, o que não aconteceu, e o isto ensina que não podemos ter medo de arriscar, que se queremos fazer algo, podemos fazer sem medo nenhum, porque temos liberdade para tentar e errar”.

15. Para si como designa “uma escola para todos”?

E2: “Uma escola para todos é uma escola que se preocupa com todos os elementos e não com o todo. Não haver rótulos e não catalogar alunos de muito bons ou menos bons, porque todos nós somos melhores numas coisas, menos bons noutras, por isso, eu acho, que uma escola para todos é uma escola que tem isto em atenção e que se preocupa com a individualidade antes de pensar no todo. Por isso, temos de pensar num todo obviamente, porque os miúdos têm de saber estar em grupo, têm que saber tudo o que é relacionado com o todo e é por isso mesmo que no momento do Check In da escola, é extremamente importante e quer os miúdos mais velhos, quer os mais novos, todos têm de fazer a mesma atividade e há miúdos que têm ritmos mais rápidos, outros mais lentos e em termos de aprendizagem temos de nos preocupar como todos individualmente, mas com todos como um grupo e eu acho, que uma escola para todos é uma escola que tem isto em consideração”.

Anexo IV - Entrevista a uma professora do 1º Ciclo do Ensino Básico (E3)

Idade: 24

Tempo de Serviço: 1 ano

E3: Entrevistado

1. O que é para si o sucesso educativo?

E3: “O sucesso educativo para mim, mais do que um resultado de nota ou boas notas é a felicidade do aluno, da criança que temos à nossa frente e daquilo que nos propomos que ele faça e que ele se sinta realizado e feliz a fazer aquilo que nós pedimos”.

2. A escola que trabalha intitula-se como inovadora, o que pensa sobre isso?

E3: “De facto é inovadora, porque aqui em Portugal são poucas as que fazem este tipo de trabalho, contudo, mais que inovadora, eu acho que todas as escolas deviam de ser tão inovadoras como esta porque é de facto um modelo inovador que as crianças do no século, da nossa década, do nosso milénio precisam”.

3. A estrutura física da escola influencia as aprendizagens das crianças? Porquê?

E3: “Sim, sem dúvida, porque se uma escola não estiver bem estruturada, é claro que as crianças não vão aprender, não vão perceber o que estão a aprender e é muito importante que elas percebam, que conheçam a escola em que estão e que percebam qual é o rumo que a escola está a seguir para também perceberem o caminho que eles estão a seguir e qual será o destino que será levado”.

4. Existe crianças de idades diferenciadas que estão misturadas na sala de aula, o que acha disso?

E3: “Inicialmente é muito estranho, muito complicado, mas depois de facto percebemos que é uma mais valia porque há uma partilha de conhecimentos, de experiências que em idades tão próximas, ajuda a que os mais pequeninos possam crescer, possam ver, possam ter uma opinião de uma criança que tenha um pouco mais de idade e as mais velhas relembrar certas coisas que também já passaram”.

5. a. Na vossa escola trabalham por projeto, isso é uma garantia para promover o sucesso educativo aos alunos? Porquê?

E3: “Não sei se é uma garantia, agora, sei que nós trabalhamos para que seja uma garantia, para promover este sucesso educativo dos alunos e o que eu sei é que dada a minha experiência de pouco mais de meio ano, que o trabalho de projeto é um caminho que nós garantimos que as crianças para além de saberem o que estão a aprender, sabem o porquê do que estão a aprender, porque querem saber mais e isso, leva ao sucesso educativo, porque se sentem felizes, estão a aprender algo que querem, que pediram e que desejaram e aliar essa felicidade às aprendizagens significativas”.

b. A maioria das vezes é fácil conseguir observar as dificuldades que os alunos têm ao trabalharem por projeto? De um exemplo?

E3: “Sim, eu acho que sim, porque é um trabalho muito mais pormenorizado e ao ser mais pormenorizado, estas dificuldades são mais notórias e nós também temos o nosso trabalho muito perto dos alunos conseguimos observar e detetar estas dificuldades. As dificuldades que nós sentimos mais é a nível de escrita, a nível disso conseguimos observar diariamente e talvez a escrita seja mesmo o melhor exemplo”.

c. para além do trabalho por projeto adotam mais alguma metodologia promotora da aprendizagem?

E3: “O trabalho de projeto é muito amplo, por isso, trabalhamos também muito pelas emoções e nós aqui focamos muito também esse trabalho nas emoções, saber aquilo que estamos a sentir e isso, também é sempre um trabalho que está aliado ao projeto que nós fazemos e também é muito promotora a nossa aprendizagem e a dos alunos também”.

6. Ao longo dos projetos que são feitos na escola, esses costumam ser apenas do interesse dos alunos? Pode explicar como funciona?

E3: “Sim, costumam ser normalmente, na maioria das vezes. Nós vamos sempre apercebermo-nos dos assuntos que alunos querem abordar, através das suas intervenções e nós aliando também com alguma ideias que nós temos, também queremos que eles as possam explorar”.

7. a. Quando os alunos trabalham em equipa, o que acha disso?

E3: “Acho muito bom, porque hoje em dia é uma competência essencial trabalhar em equipa e se nós ensinarmos e o tivermos desde crianças, é bom para que eles percebam como é trabalhar em equipa, as vantagens e é algo que nós nos esforçamos muito para que eles possam fazer e que o possam fazer muito bem”.

b. Que benefícios pode trazer o trabalho em equipa para o futuro deles?

E3: “Sobretudo, a ajuda que eles criam uns com os outros, perceberem que quando tem alguém ao lado podem fazer muito mais e terem uma perspectiva diferente daquilo que podem fazer”.

8. a. Cada vez é mais importante a utilização de recursos tecnológicos na sala de aula. Assim, para si, as novas tecnologias são um problema ou um aliado nas aprendizagens dos alunos? Porquê?

E3: “São um aliado, sem dúvida, porque são e não digo que devam ser sempre usadas, mas sim usadas sempre que necessário, em que são úteis e são sem sombra de dúvidas um aliado, porque hoje vivemos numa sociedade não diria de novas tecnologias, mas de tecnologia”.

b. Deixa os seus alunos pesquisarem informação através desses recursos?

E3: “Sim, nós fazemos muitos trabalhos de pesquisa, quase todos os projetos têm trabalhos de pesquisa e sem dúvida que os recursos são a internet e os motores de pesquisa”.

c. Acha que existe professores com receios relativamente a determinados recursos nesta escola?

E3: “Talvez os professores numa idade mais superior à nossa ainda resistam muito a esses recursos tecnológicos. Nesta escola não”.

9. a. É importante existir mais do que um professor na sala de aula? O que acha sobre isso?

E3: “Sim, porque é sempre mais uma perspectiva, mais uma intervenção, sempre algo que merecia, para além da interajuda de professor. Professor sim, é muito importante mesmo”.

b. Enquanto professor, sente que os seus colegas de trabalho, nomeadamente os outros professores com quem trabalha na sala de aula e diariamente, colaboram consigo e ajudam-se mutuamente? Acha importante existir esse apoio mutuo? Porquê?

E3: “Sim, acho que a colaboração é isto mesmo, conseguirmos ajudarmo-nos uns aos outros, nem sempre e fácil é certo, mas também temos de nos esforçar para todos os dias sermos melhores, a colaborar com os nossos colegas e sim, nos aqui colaboramos bastante, não é por acaso que somos 4 dentro de uma sala e que a cada dia temos um

desafio e que temos de nos ajudar umas às outras e saber que quando uma não consegue, está lá sempre a outra para nos ajudar”.

10. Enquanto professor acha que aprende com os seus alunos todos os dias ou são apenas eles que aprendem consigo?

E3: “Sem dúvida que são os dois, eles aprendem muito connosco mas nós também aprendemos muito com eles, sobretudo algumas coisas que já esquecemos ao longo da nossa vida e que voltamos a lembrar daquilo que nós aprendemos quando eramos pequeninos”.

11. Como funciona a planificação nesta instituição? A mesma é considerada inovadora? Porquê?

E3: “Mais uma vez, não sei se será inovadora, mas é diferente de tudo o que fiz até agora, é uma planificação que lá está, vai ao encontro do trabalho de projeto, uma planificação pensada não sobre nós mas baseada nas ideias dos alunos. A planificação aqui nesta escola tem uma duração de 6 semanas e costuma ser elaborada numa semana anterior aquilo que vai acontecer e o rumo nem sempre leva aquilo que nós pensamos inicialmente, porque a planificação é feita por nós mas sobretudo baseada nas ideias dos alunos e naquilo que eles querem seguir”.

12. a. Relativamente à avaliação como realiza esse processo?

E3: “Aqui nós não temos uma avaliação quantitativa, mas sim, qualitativa, achamos que esse é o melhor método, avaliar qualitativamente e uma avaliação diária, sobretudo sobre a observação que nós fazemos sobre os nossos alunos. Ao qual diariamente nós conseguimos perceber o que é que eles conseguiram, o que não conseguiram, o que podemos melhorar e não focamos numa avaliação quantitativa, mas sim diária e qualitativa”.

b. Acha que é uma maneira mais eficaz de avaliar? Porquê?

E3: “Não sei se será a maneira mais eficaz, mas sei que neste momento, nesta escola é a maneira mais correta que nós temos para fazer com os nossos alunos porque faz sentido neste projeto”.

c. Os alunos podem fazer a sua autoavaliação?

E3: “Sim, normalmente todos os dias nós fazemos o Check Out, e no início do dia fazemos um Check In. Mas nós no final do dia fazemos um Check out e quase sempre é sobre aquele dia que nós passamos uns os outros e às vezes os alunos fazem a sua autoavaliação, por exemplo, como é que o dia correu e muitas vezes eles autoavaliam-

se, muitas vezes sem se aperceberem, avaliam o seu dia, como correram as atividades, o que podia ter sido feito melhor, o que correu menos bem e é uma boa forma de avaliação”.

13. a. A sala onde trabalha é diferente da sala tradicional, o que acha sobre isso?

E3: “É uma sala onde somos capazes de incluir muitas coisas, uma sala que apesar de ser diferente, é uma sala de aprendizagem e uma sala que não é preciso termos um determinado número de mesas e de cadeiras para aprendermos e querermos saber mais”.

b. Acha que poderia haver mais alterações na estrutura da sala de aula? Quais?

E3: “Neste momento e perante a sala de aula que eu tenho à minha frente, acho que não”.

14. a. De acordo com os anos que já exerce e da sua formação, prefere a escola tradicional ou a escola inovadora? Porquê?

E3: “Sinceramente preferia que não houvesse estes conceitos de escola tradicional ou escola inovadora, mas já que existem, que a escola inovadora invadisse um bocadinho a escola tradicional, porque também continuo a achar que não é da disposição da sala, da escola que depende a aprendizagem dos alunos, mas sim da relação dos professores com os alunos. Mas sinceramente, acho que a dita escola tradicional precisava de algumas medidas e precisava de alguma introdução da escola inovadora para que pudesse também avançar um pouco”.

b. O que mais gosta de fazer nesta escola?

E3: “Gosto de vivencia-la porque é uma escola diferente, uma escola que sobretudo faz sentido aquilo que nós estamos a fazer, porque todos os dias percebermos que os nossos alunos estão felizes para aquilo que estão a viver, os alunos sentem-se bem, que não acham a escola chata, que às vezes nem querem sair desta escola e que é muito complicado às vezes tira-los desta escola para os levar para casa, e gosto de saber que eles estão a aprender e que aquilo que nós estamos a tentar transmitir, que as ferramentas que nós estamos a dar vão ser úteis e estão a dar resultado na vida deles”.

15. Para si como designa “uma escola para todos”?

E3: “Uma escola para todos é sobretudo uma escola que não coloca alguns rótulos e que independentemente de todas as dificuldades dos alunos, é uma escola que se preocupa com todos e que a cada dia se preocupa com os seus alunos e que sobretudo, que consiga responder aos problemas que eles tenham”.

Anexo V - Entrevista a uma professora do 1º Ciclo do Ensino Básico (E4)

Idade: 35

Tempo de Serviço: 4

E4: Entrevistado

1. O que é para si o sucesso educativo?

E4: “Eu acho que passa um bocadinho por garantir que a aprendizagem faça sentido para as crianças, que mais do que memorizar ou colar uma noção, um conteúdo, eles compreendem para que é que eles servem e como é que os podem usar. Então para mim, o sucesso educativo para um pouco pelo processo de durante a aprendizagem eles estarem sempre integrados e sempre por dentro daquilo que nós estamos a abordar, mais do que uma nota positiva ou conseguirem 100% no teste”.

2. A escola que trabalha intitula-se como inovadora, o que pensa sobre isso?

E4: “Acho que é claro, acho que sim, que somos inovadores. Tentamos fazer aquilo que o ministério começa a pedir aos professores das escolas públicas, tentamos integrar o aluno na aprendizagem, torna-la significativa para o aluno e fugir um pouco aquele padrão de qual a ordem em que temos que dar determinada matéria, o que é que eles têm que saber em determinados anos e portanto, por ai somos inovadores. Pois tentamos pensar no aluno, na maneira como ele se sente e no estado em que ele está, antes de pensar no conteúdo que vamos abordar com cada aluno e por ai, por exemplo, somos inovadores, além de todo o resto do material que nós usamos, a maneira como abordamos os conteúdos, tudo isso é diferente. A forma como eles estão em sala é também inovadora, porque temos alunos do 1º ao 5º ano todos juntos numa sala e só por ai, já é diferente”.

3. A estrutura da escola influência as aprendizagens das crianças? Porquê?

E4: “Sim, sem dúvida, porque nos permite faze-los mexer e quando eles se mexem, eles ficam atentos, percebem que há mais espaços para aprender do que a sala e percebem que a aprendizagem é em todo o lado e não é só dentro da sala de aula em frente a carteira portanto, eles podem vir para o chão da biblioteca e aprender, pode estar na sala e aprender, podem ir para o polivalente fazer um teatro e estar a aprender, portanto, podem aprender em diversos locais e diversas situações”.

4. Existe crianças de idades diferenciadas que estão misturadas na sala de aula, o que acha disso?

E4: “Acho ótimo e para eles é muito bom para terem a noção de que nós não estamos aqui para fazer uma avaliação do que é que eles sabem em particular, nós não estamos atentos ao “tu não tiravas muito bom, porque aquele é mais velho e sabes mais”, e ajuda os mais velhos a estarem atentos aos mais novos, aos sentimentos, às dificuldades, ao que eles sabem e nós tentamos sempre reforçar com eles de que, antes de pedir a qualquer professor ou qualquer orientador, tem que o fazer aos amigos, porque os amigos estão lá e eles trabalham em grupo também por isso, para puderem ser ajudados e é bom para quem é ajudado porque tem uma ajuda mais disponível e é bom para quem ajuda, porque vê de facto se percebeu aquele conteúdo e se precisam de algum reforço”.

5. a. Na vossa escola trabalham por projeto, isso é uma garantia para promover o sucesso educativo aos alunos? Porquê?

E4: “Não será uma garantia, mas sim uma grande ajuda, pelo menos daquilo que eu entendo como sucesso educativo, ou seja, não vou dizer que os meus alunos vão tirar 100% numa prova do 4º ano, porque isso não posso garantir e nenhum professor pode garantir. Mas posso garantir que aquilo que eles aprendem e aquilo que eu abordo, faz mais sentido para eles do que se calhar para um criança que esteja numa escola tradicional, porque percebem dentro de um projeto que é mais real, que é algo que está pensado para ir mais ao interesse deles, eles percebem o porquê de eu pedir para eles aprenderem aquele conteúdo e porque é que aquilo é útil”.

b. A maioria das vezes é fácil conseguir observar as dificuldades que os alunos têm ao trabalharem por projeto? De um exemplo?

E4: “Sim, devido ao rácio que nós temos aluno-professor, nós neste momento temos 36 crianças na iniciação e somos 4 professoras e isso, ajuda muito dedicarmo-nos a um grupo e quando estamos uma manhã com um grupo, estar apenas com aquele grupo e conseguirmos fazer aquela deteção. Além disso, temos sempre momentos de partilha umas com as outras para conseguirmos perceber as dificuldades das várias crianças e tentar arranjar maneira de as ultrapassar”.

c. para além do trabalho por projeto adotam mais alguma metodologia promotora da aprendizagem?

E4: “Sim, têm um momento durante a semana em que eles fazem um trabalho mais específico dentro das áreas da matemática, do inglês e do português, ainda que seja

dentro do projeto, será uma coisa mais rotineira, mais para assentar e não é repetição mas aquisição do conhecimentos. Tem também ciências e estudo do meio, sendo que esta parte é abordada por uma empresa de ciências, a “Why Science”, que está contratada pela escola para fazerem as ciências e as experiências com eles em sala, portanto, para nós é uma parte letiva, mas é diferente do projeto”.

6. Ao longo dos projetos que são feitos na escola, esses costumam ser apenas do interesse dos alunos? Pode explicar como funciona?

E4: “Depende, é um 50/50, porque trabalhar com crianças tão pequeninas faz com que eles não tenham noção do projeto e do que é que é preciso para termos um projeto, porque para eles um projeto pode ser estudar, portanto, por exemplo, sabendo que eles querem estudar animais, nós conseguimos pensar em projetos que foquem os animais mas que sejam mais abrangentes. O ano passado fizemos isso e estudamos os biomas da terra e dentro disso eles tiveram que estudar a fauna, a flora e as alterações climáticas e o clima de cada bioma e isso, permitiu-nos ir de encontro com aquilo que nós achamos que é essencial e daquilo que eles gostam”.

7. a. Quando os alunos trabalham em equipa, o que acha disso?

E4: “Sim, normalmente eles trabalham quase sempre, mesmo que o trabalho não seja de grupo, como eles se sentam em grupo, têm sempre um pouquinho de tolerância e é difícil com crianças de 6 ou 7 anos, em que ainda estão numa fase do eu e do que eu preciso, mas a verdade é que se nota os resultados à medida que os anos vão passando e nos anos seguintes, para eles é mais fácil aceitar outros colegas e partilharem o trabalho, portanto, é um trabalho crescendo que começa por ser difícil mas que depois acaba por dar frutos”.

b. Que benefícios pode trazer o trabalho em equipa para o futuro deles?

E4: “Hoje em dia, se as pessoas não trabalharem em equipa, não fazem muita coisa, portanto, mesmo eu trabalhando numa empresa, nunca seria só eu a fazer a empresa mexer, portanto, eu tenho que saber gerir-me, saber gerir os outros e gerir um grupo, por isso é fundamental. Nós achamos é que se eles começarem nesta idade, mais facilmente chegam à idade adulta com estas capacidades já adquiridas”.

8. a. Cada vez é mais importante a utilização de recursos tecnológicos na sala de aula. Assim, para si, as novas tecnologias são um problema ou um aliado nas aprendizagens dos alunos? Porquê?

E4: “Vai depender sempre de como nós a usamos, para nós aqui são sem dúvida nenhuma um aliado porque tudo o que é trabalho de pesquisa, quer a gente queira quer não, eles tem sempre tablets, computadores ou telemóveis acessíveis em casa, portanto nós temos é de os ensinar a usar bem a tecnologia. Portanto para nós os métodos de pesquisa funcionam pelos computadores, para jogos e para aprofundarem certas matérias, há sites e páginas que estão criadas de propósito para ajudarem os alunos a adquirirem conhecimentos e portanto, tudo isso para nós é uma mais valia, agora é obvio que temos que partir sempre do pressuposto de que temos de explicar o porquê de usar e não ser o nosso uso primordial”.

b. Deixa os seus alunos pesquisarem informação através desses recursos?

E4: “Sim, normalmente com sites previamente orientados ou já tem a informação de pesquisa de maneira a que não andem meia hora a tentar perceber do que precisam”.

c. Acha que existe professores com receios relativamente a determinados recursos nesta escola?

E4: “Aqui na escola não, porque somos novos e portanto, vivemos todos numa era a que determinada altura em que todos utilizamos, claro que se subirmos na escala e as pessoas tiverem uma idade mais avançada e grande parte do trabalho tiver sido feita sem tecnologia, custa muito de repente perceber que um computador vai fazer muito do trabalho que a pessoa fazia antigamente e aí, acho que pode haver muitas dificuldades. Neste caso, a equipa é toda muito jovem, todas estamos habituadas desde sempre a mexer num computador e portanto, acaba por ser natural para nós também incluir isso no dia a dia”.

9. a. É importante existir mais do que um professor na sala de aula? O que acha sobre isso?

E4: “Eu acho que sim, sempre. Aqui na escola ainda mais, porque eu tenho 5 níveis neste momento a funcionar ao mesmo tempo e seria impensável fazê-lo sozinha, portanto, quantos mais recursos humanos, mais fácil será garantir um apoio não individual, mas mais individualizado a cada criança”.

b. Enquanto professor, sente que os seus colegas de trabalho, nomeadamente os outros professores com quem trabalha na sala de aula e diariamente, colaboram consigo e ajudam-se mutuamente? Acha importante existir esse apoio mutuo? Porquê?

E4: “Sim. Nós em sala somos um, qualquer uma de nós tem que responder perante os alunos, da mesma forma que somos solicitados para coisas diferentes, portanto é importante haver união. Temos sempre o problema de que o professor não é treinado para trabalhar em equipa, nós temos formação para trabalharmos com os alunos e não com outros professores em sala, por isso é uma aprendizagem para toda a gente e isto do trabalho de equipa que nós fazemos com as crianças, nós sentimos na pele enquanto adultos, a falta ou a existência das competências para o fazer, mas sim é fundamental conseguir trabalhar em equipa porque todo o trabalho estão dependente do nosso motor e sendo nós algum motor de alguma coisa, temos de funcionar todas agora”.

10. Enquanto professor acha que aprende com os seus alunos todos os dias ou são apenas eles que aprendem consigo?

E4: “Obviamente que tanto eles aprendem comigo, como eu aprendo com eles, mas é verdade que eu aprendo muito com eles, o facto de nós termos a escola de uma maneira tão livre, tão aberta, permitiu-nos estar muito mais em contacto com eles, portanto todo o carinho, tudo aquilo que eles vão dizendo, todos os momentos que nós passamos com eles, nós aprendemos sempre sobre eles e sobre como lidar com eles e com outros, portanto, foi assim um crescimento pessoal imenso desde que comecei a trabalhar aqui na escola”.

11. Como funciona a planificação nesta instituição? A mesma é considerada inovadora? Porquê?

E4: “Sim, nós para planear usamos o método da Kaos Pilot que é uma escola dinamarquesa, uma business Scholl na Dinamarca, que usa a planificação por arcos. Portanto nós fazemos uma planificação inversa, nós pensamos no que os alunos querem fazer no final do projeto e só depois é que pensamos no projeto em si. Isto é, pensamos sempre no final, competências, conhecimentos e atitudes que eles têm de ter quando terminarem as seis semanas ou as semanas do projeto, e só depois é que começamos a pensar no desenho do projeto, como é que queremos que o projeto seja, portanto, acabamos por pensar de trás para a frente, o que ajuda muito quando se faz projetos”.

12. a. Relativamente à avaliação como realiza esse processo?

E4: “Diariamente, a todo o momento, sempre que eles abrem a boca e sempre que eu abro a boca, também sou avaliada. Nós temos semanalmente uma sessão de feedback com os nossos alunos, em que eles avaliam os conhecimentos de maneira informal, portanto, fazemos um jogo ou um debate sobre o tema que abordamos para ver o que

é que eles conseguiram reter e portanto, há sempre uma avaliação formal dos conhecimentos e depois eles fazem uma avaliação das atividades que fizeram e sobre a nossa prestação sobre orientadoras, por isso, estamos sempre a ser todos a ser avaliados e é uma avaliação diária”.

b. Acha que é uma maneira mais eficaz de avaliar? Porquê?

E4: “Acho que é a mais completa. Eu não sei se é a mais eficaz, porque um teste também é muito eficaz, mas acho que é a mais completa, pois permite perceber ao certo aquilo que aquele aluno foi capaz de reter e quais foram os pontos que ele não reteve e o porquê, e como é uma avaliação diária, eu sei que naquele dia ele acordou mal disposto portanto no final do dia, a carga de informação que ele reteve não vai ser a mesma do dia a seguir quando ele bem todo animado, portanto, por eu puder fazer este tipo de avaliação é sem dúvida mais justa para aquilo que eles me dão”.

c. Os alunos podem fazer a sua autoavaliação?

E4: “Sim, a deles, a dos colegas e a nossa. Lá esta, o processo de feedback que nós fazemos implica sempre isto, o pensar sobre o que e que eu fiz esta semana de bom, o que é que os meus amigos fizeram por mim e em que é que as professoras podiam melhorar e não melhoraram, o que é que eles fizeram bem, etc”.

13. a. A sala onde trabalha é diferente da sala tradicional, o que acha sobre isso?

E4: “Acho que é ótima, é maravilhosa pois temos espaço para tudo e mais alguma coisa e lá está, vai muito em encontro com aquela parte da estrutura física, porque eu posso pegar nas mesas, arrasta-las todas e fazer uma coisa, tenho mais espaços para trabalhar e eles trabalham em grupo, ajudam-se e ouvem-se e isso para eles também é muito enriquecedor”.

b. Acha que poderia haver mais alterações na estrutura da sala de aula? Quais?

E4: “Penso que tem que ser maior, já começa a haver pouco espaço para estarmos lá todos e isso sente-se falta, porque nós sentamo-nos muito no chão e em roda e portanto, não temos tanto espaço para o fazer com tantas crianças, de facto devia de ser maior, mas de resto não, a parte de nós podermos mexer a sala e termos espaço para puder arrastar cadeiras e arrastar mesas e por grupos de 2, de 4 e de 6 é ótimo”.

14. a. De acordo com os anos que já exerce e da sua formação, prefere a escola tradicional ou a escola inovadora? Porquê?

E4: “Preferir, prefiro esta, por isso mesmo é que estou cá, porque nesta sinto-me útil e sinto mais controlo sobre aquilo que faço, porque eu na escola tradicional tinha que reproduzir um manual e claro que eu posso alterar a ordem das coisas, mas nunca posso ser completamente inovadora, porque eu tenho uma série de pressões exteriores a mim, os colegas, os pais, os próprios alunos e as crianças que percebem que não estão a fazer as coisas iguais. E aqui eu não tenho essa pressão, aqui eu posso pensar na criança, posso pensar no que faz sentido e usar a formação que tenho para criar a aprendizagem para eles e para os ajudar a criar a própria aprendizagem”.

b. O que mais gosta de fazer nesta escola?

E4: “Tudo, gosto de aprender honestamente, porque aquilo que eu mais gosto de fazer é de aprender”.

15. Para si como designa “uma escola para todos”?

E4: “Uma escola que tem que ter o mesmo espaço para todos, mas tem que ter a noção que espaço para todos exige uma responsabilidade para com todos e isso eu acho que é importante”.

Anexo VI - Autorização/Guião de Focus Groups a alunos do 1º Ciclo do Ensino Básico

Focus groups com alunos

Caros Pais/Encarregados de Educação do(a) _____

A aluna Ana Sofia Martins Ribeiro que estuda a Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, está a frequentar o último ano de Mestrado em Educação Básica ao qual encontra-se a realizar uma investigação sobre o Sucesso Educativo.

Para tal, encontra-se na fase de aprofundamento da mesma, e numa lógica de construção coletiva considera importante conhecer como os alunos se veem na participação da vida escolar e ao mesmo tempo, como perspetivam a evolução da educação.

Nesse sentido, seria importante a perceção do seu(ua) Filho(a), que muito valoriza.

Por razões de ordem ética, é necessário o vosso consentimento para a poder obter.

A recolha de informações irá processar-se em contexto de entrevista coletiva, orientada pela Ana Sofia Martins Ribeiro, sendo que a mesma lhe garante a todo o momento o anonimato e confidencialidade dos dados recolhidos.

Qualquer Criança/Jovem poderá querer participar ou não nesta consulta, e a sua escolha é totalmente livre.

Assegura-se a possibilidade de deixar de participar a qualquer momento, se for essa a sua vontade.

Se o seu(a) Filho(a) desejar participar nesta iniciativa, preencha, por favor, o destacável em anexo. Se pretender colocar alguma questão, por favor, entre em contacto com a mesma por email ana-sofia-rib@hotmail.com.

Agradecendo desde já a Vossa colaboração e envolvimento, aceitem os melhores cumprimentos,

Porto, 11 de outubro de 2018

Ana Sofia Martins Ribeiro

.....

Consentimento para participação dos(as) Alunos(as) em Grupos Focais.

No âmbito do aprofundamento que está a ser levado a investigação sobre o sucesso educativo.

Eu, _____, autorizo o(a) meu/minha _____ educando(a), _____, a participar nas atividades do grupo de discussão focalizada, que decorrerão no dia _____, às _____.

Assinatura: _____

Data: _____

Guião “Focus Group”

No âmbito do Sucesso Educativo, estou a implementar uma investigação que tem como finalidade definir quais os pontos importantes para se obter o sucesso educativo.

A sua colaboração nesta investigação é fundamental e o conteúdo do “focus group” é objetivo de análise. É-lhe ainda garantido todo o anonimato e confidencialidade dos dados recolhidos.

1. O que sabem (acham) sobre o sucesso? O que é para vós ter sucesso na escola?
2. A vossa escola é diferente da maioria das escolas no nosso país. Porquê? Sabem?
3. O que mais gostam de fazer nesta escola?
4. Na vossa escola trabalham temas que despertam interesse em vós, o que acham disso?
5. **a)** São capazes de comunicar e trabalhar em equipa, ou acham difícil? Porquê?
b) Que tipo de benefícios o trabalho em equipa pode ter para o vosso futuro?
6. **a)** Normalmente quando têm de realizar pesquisas que recursos utilizam?
b) Os recursos que utilizam para aprender são importantes? Porquê?
7. **a)** Quantos professores têm na sala de aula, ao mesmo tempo?
b) Acham importante haver mais do que um professor? Porquê?
c) Os professores apoiam-se mutuamente? Podem dar um exemplo?
8. **a)** Os professores trabalham em colaboração? Por exemplo, é natural os professores trabalharem em conjunto em sala de aula? De que forma é que o professor fica a saber as dificuldades que vocês têm nas aprendizagens?
b) Acham importante a ajuda dos professores quando têm mais dificuldade?
c) Acham que os professores aprendem com vocês, ou eles sabem sempre mais? Porquê?
9. **a)** Relativamente à avaliação vocês realizaram fichas de avaliação ou são avaliados de outra forma? Se sim, qual?
b) Acham correta essa forma de avaliar? Porquê?
c) É natural pedirem a vossa opinião sobre a avaliação?
10. **a)** Descrevam-me a vossa sala.

b) Gostam de trabalhar nela? Porquê?

c) Será que nas outras escolas é igual? O que pensam sobre isso?

1.1. a) Os [vossos?] pais participam nas atividades da escola? Acompanham o [vosso] processo de aprendizagem e ensino?

12. a) Existe alguma fórmula mágica para terem sucesso na escola?

b). O que mais gostam na vossa escola?

13. O que modificariam na vossa escola?

Anexo VII - Focus Group a 8 crianças da instituição

Idades: 8, 7, 6, 5, 8, 10, 10, 8

1. O que sabem (acham) sobre o sucesso? O que é para vós ter sucesso na escola?

- Ganhar alguma coisa.
- Ser reconhecido.
- Ser popular.
- Divertido.

2. A vossa escola é diferente da maioria das escolas no nosso país. Porquê? Sabem?

- Porque nós não temos trabalho de casa, temos uma coisa que é tipo trabalho de casa, mas a diferença é que nós podemos escolher o que queremos e com uma ficha temos de dizer como é que o descrevemos;
- A cada 6 ou 8 semanas, temos um projeto, e o projeto não é só aprender com livros a ler sentados numa carteira em que não podemos andar pela sala, na instituição que é esta escola podemos levantar para ir à casa de banho sem pedir, fazemos roda no chão para fazer o “ai do arte”, que é um caderno onde nós apontamos o que vamos fazer no dia e em que apontamos algumas funções, temos o relaxamento, o silêncio, os tabuleiros, varrer, a arrumação.
- Esta escola tem um ensino alternativo, que não tem trabalho de casa e em que não se trabalha em função de leis;
- Esta escola é assim porque a diretora da escola já foi a minha antiga escola que era parecida com esta e deve ter gostado da ideia então fez esta;

3. O que mais gostam de fazer nesta escola?

- Jogar Bayblades;
- Ginástica;
- Artes;
- Trabalhar;
- Jogar futebol na ginástica;
- O dia-a-dia na escola;
- O que se passa no dia-à-dia;

- Brincar, fazer artes e jogos de tabuleiros que as professoras pensam todas as semanas e que vão distribuir por nós;

4. Na vossa escola trabalham temas que despertam interesse em vós, o que acham disso?

- Eu acho bem, porque noutras escolas as pessoas não têm essa liberdade;
- Acho que as crianças também devem ter opção de escolha do projeto, porque ser só os adultos a escolher podem fazer as crianças ficarem tristes, zangadas e eu acho que as crianças também tem que dar uma opinião e antigamente em que eram os adultos e quando são os adultos a escolher, as crianças podem não gostar;
- Eu acho bem, porque as crianças também devem ter liberdade de escolha e assim podemos aprender coisas novas sem ser as áreas de antigamente;
- Acho muito bom, podemos escolher os projetos que queremos fazer e não apanhar seca quando são os professores a escolher o projeto;

5. a) São capazes de comunicar e trabalhar em equipa, ou acham difícil? Porquê?

- Acho que é muito difícil, mas acho que é possível;
- Acho que é bom e mau porque em algumas situações eu e outro menino podemos não fazer uma boa equipa mas também pode haver outra situação em que já fazemos boa equipa, depende da situação;
- Acho que é difícil, mas é possível, porque em momentos de trabalho, não nos conseguimos organizar, a forma de trabalhar em equipa;
- É difícil porque alguns têm outras ideias e por vezes, é difícil termos todos uma ideia em conjunto;
- Por vezes é difícil, por vezes é fácil, porque há exercícios em que temos de escolher entre muitas opções e é difícil, porque o professor podia ajudar a escolher, mas se for um jogo de futebol, por exemplo, já é fácil;

b) Que tipo de benefícios o trabalho em equipa pode ter para o vosso futuro?

- O meu sonho é ser policia e quando for grande, como agora estamos a começar a trabalhar em equipa, quando for policia também podemos começar a aprender a trabalhar em equipa e assim vai ser mais fácil;
- Quando formos adultos vai ser bom, porque nos vai ajudar, porque às vezes quando trabalhamos em equipa conseguimos fazer melhor as coisas do que quando trabalhamos sozinhos;

- Vai-nos ajudar a fazer escolhas e aceitar as escolhas de outras pessoas;
- É uma coisa boa para o futuro, porque quando formos grandes, no trabalho, vamos ter de trabalhar em equipa e assim, já estamos habituados;

6. a) Normalmente quando têm de realizar pesquisas que recursos utilizam?

- Tablets;
- Computadores;
- Livros;
- Saídas;

b) Os recursos que utilizam para aprender são importantes? Porquê?

- Em alguns momentos são, mas noutros não são, porque acho que podíamos aprender com outras coisas, como fazer jogos, ir a passeios e aprender a brincar;
- Com os tablets por um lado é mau, porque a minha mãe sabe de casos em que algumas crianças que estão a ficar viciadas no tablet e se eles viessem para esta escola, começavam a usar os tablets para trabalhar, mas depois começavam a utilizar para jogar jogos. Acho que é bom porque se pode ir à internet e é mais fácil pesquisar do que ir a saídas, contudo nas saídas é mais divertido e na internet muitas vezes aparece coisas que não tem nada a ver;
- Tablets podem ser maus, porque alguns meninos, algumas vezes, passam muitas horas e isso pode ser mau. Mas podem ser bons porque podes pesquisar coisas e saber mais mas com os livros, também podem ler muito e saber mais;

7. a) Quantos professores têm na sala de aula, ao mesmo tempo?

- 3;
- 4;
- 4 de manhã e 3 à tarde, porque uma das professoras tem de sair para ir trabalhar para outra escola;

b) Acham importante haver mais do que um professor? Porquê?

- Sim, porque nós somos 36 e se só houvesse um professor na sala ia haver grande confusão e menos ajuda;

- Eu acho que é importante, porque uns meninos têm mais dúvidas do que outros e se fosse só uma professora, ela ia ter que ir para muitos sítios diferentes para tirar as dúvidas diferentes e ia ficar muito confuso. Já andei em escolas com 1 professor, 2 professores e nesta onde há 3 ou 4, eu acho que é mais correto.

c. Os professores apoiam-se mutuamente? Podem dar um exemplo?

- Sim, porque fazem todas juntas as fichas muito divertidas para depois nós fazermos;
- Sim, porque uma das nossas professoras não sabe bem inglês e por isso, as outras professoras sabem e ajudam mais;
- Ali ao fundo, está a planificação e as professoras ajudam-se todas umas às outras a planificar o projeto;
- Eu acho que as professoras se ajudam porque quando uma não sabe uma coisa, pergunta à outra e já fica a saber;
- Eu já vi a acontecer uma professora perguntar à outra como se escrevia uma palavra;

8. a) Os professores trabalham em colaboração? Por exemplo, é natural os professores trabalharem em conjunto em sala de aula? De que forma é que o professor fica a saber as dificuldades que vocês têm nas aprendizagens?

- À poucos dias o meu grupo dos incríveis portou-se mal, eu sou o chefe do grupo e depois tivemos de ficar a espera e para recolher os dados do inquérito e as professoras ajudavam-nos, uma dizia uma coisa e a outra apontava e em 30 segundos conseguiram fazer aquilo;
- Olham para nós e ouvem, ficam atentos, observando-nos e quando temos dificuldades, sabem que não sabemos e ajudam-nos;

b) Acham importante a ajuda dos professores quando têm mais dificuldade?

- Sim, porque se eles não nos ajudassem, tudo o que nós não sabemos, não íamos saber;
- Acho que sim, porque imagina, se não houvesse professora e tu tivesses que fazer 30 fichas, não ias conseguir fazer porque não tinhas a ajuda da professora e nós precisamos da ajuda dos professores;

c) Acham que os professores aprendem com vocês, ou eles sabem sempre mais? Porquê?

- Sim, eles aprendem connosco. Ainda a semana passada, uma professora disse que aprendia connosco;
- Eu acho que nós ensinamos as professoras, tal como elas nos ensinam a nós, por exemplo, no nosso projeto, os meninos da creche estão a perguntar as pessoas no edifício transparente como se sentem em Matosinhos, mas eu acho que isso não faz sentido nenhum e eu vou dizer aos professores, porque aquilo fica no Porto e não em Matosinhos;
- Sim, eles aprendem connosco porque a professora de ciências diz que aprende as coisas connosco e na última aula Houve um menino que ensinou uma coisa a professora sobre morcegos que ela não sabia;
- Sim, porque tanto os adultos aprendem com as crianças, como as crianças aprendem com os adultos porque as crianças conseguem ver coisas que não existe mas que no futuro pode existir e que os adultos não conseguem;

9. a) Relativamente à avaliação vocês realizaram fichas de avaliação ou são avaliados de outra forma? Se sim, qual?

- Somos avaliados de outra maneira, porque às vezes sentamo-nos todos em roda, viramo-nos todos para o quadro e escrevem questões e cada um expressa a sua opinião sobre cada questão e nesse momento, estamos a ser avaliados.
- Nós temos um ensino alternativo e no ensino alternativo tu invés de teres testes, os professores avaliam enquanto tu fazes os trabalhos e eu acho que eles têm mais atenção aqui do que nas outras escolas;
- Os professores avaliam-nos vendo e eu acho que não fazer as fichas é a forma correta de avaliar, porque, eu nos testes sinto-me muito nervoso e depois bloqueio e quando é num trabalho, não fico tão nervoso como no teste e assim, também já não tenho que decorar tanta coisa como tinha para os testes;

b) Acham correta essa forma de avaliar? Porquê?

- Sim
- Sim
- Não sei
- Sim

c) É natural pedirem a vossa opinião sobre a avaliação?

- Sim, eles perguntam-nos o porquê de coisas que nós fazemos por exemplo, e depois se nós fizemos algo de mal, tentam nos corrigir;
- Sim, às sextas feiras, ao final da tarde, nós temos um autocolante e se acharmos que um colega fez alguma coisa bem também podemos dizer a professora para dar um autocolante.

10. a) Descrevam-me a vossa sala.

- Tem muitas prateleiras, é mais ou menos grande;
- Tem mesas retangulares, dois quadros;
- Tem gavetas, barulho, muito barulho;
- Tem o sótão, tem algumas coisas penduradas;

b) Gostam de trabalhar nela? Porquê?

- Algumas vezes sim, algumas vezes não;
- Sim, gosto muito de trabalhar na sala;
- Eu gosto de trabalhar na sala só que não gosto é muito do barulho que se faz;
- Sim, porque gosto do ambiente da sala de aula e porque as professoras são queridas;
- Sim, porque a sala é bonita, porque não temos de trabalhar sentados, podemos trabalhar no chão, está bem decorada e bem feita;

c) Será que nas outras escolas é igual? O que pensam sobre isso?

- Não, porque eu já estive em duas escolas diferentes para além de esta e nas outras escolas sentávamo-nos todos em cadeiras e não podíamos nos sentar no chão, não tínhamos momentos de leitura e quando acabavam as aulas nós saíamos e ninguém queria saber. Na minha segunda escola, nós sentávamo-nos em cadeiras mas tínhamos momento de leitura e nesta escola, podemos nos sentar no chão e as carteiras são diferentes;
- Não, porque na escola antiga tínhamos de nos sentar todos em cadeiras, tínhamos todos estojos, uma ficha à frente e secretárias o que era muito seca;
- É muito diferente porque as outras escolas são quase todos os dias sentados e aqui não, podemos ir à casa de banho quando queremos, é muito diferente;
- É muito diferente porque na minha antiga escola só brincavam e trabalhavam pouco e aqui, trabalhamos mais;

11. Os [vossos?] pais participam nas atividades da escola? Acompanham o [vosso] processo de aprendizagem e ensino?

- O meu pai já veio aqui porque neste projeto em que estamos a fazer uma aplicação, e o meu pai explicou-me que nenhuma professora queria fazer a aplicação e que por isso a diretora teve de chamar os pais todos a escola e o meu pai foi um dos pais;
- Há uma aplicação que os nossos pais tem, que se chama classe de hoje e que todos os pais tem e que tem possibilidade para ver o que estamos a fazer e algumas vezes eles vem aqui a escola;
- O meu pai há muito tempo já veio aqui a escola fazer bolo de chocolate da caneca;

12. a) Existe alguma fórmula mágica para terem sucesso na escola?

- Skates, Bayblades;
- Virem aqui fazerem estas entrevistas e quererem saber mais sobre nós;
- As professoras serem amigas;
- Saber fazer alguma coisa muito bem;
- Ser um génio;
- Um estojo;

b. O que mais gostam na vossa escola?

- Bayblades;
- Futvolei;
- Ginástica e playfull learning;
- Brincar;
- Das cores;
- Da escola toda;
- Da escola e da cave;
- Da comida;

13. O que modificariam na vossa escola?

- Queria que tivesse um campo enorme de futebol;
- Os projetos;
- Um campo enorme de basket;
- Encurtar o tempo de aprendizagem e aumentar o tempo de brincar;
- O tamanho do recreio;

- Os projetos, porque todos os meses fazemos um projeto que todos os meninos gostam;
- Aumentar a nossa sala.

Anexo VIII - Guião de inquérito por entrevista à diretora da instituição em estudo

No âmbito do Sucesso Educativo, estou a implementar uma investigação que tem como finalidade definir quais os pontos importantes para se obter o sucesso educativo.

A sua colaboração nesta investigação é fundamental. É-lhe ainda garantido todo o anonimato e confidencialidade dos dados recolhidos.

1. Como define o sucesso educativo?
2. A escola que gere é apontada como inovadora e bem sucedida; o que pensa sobre isso?
3. Aquando a construção da instituição, pensou particularmente na estrutura física e como a mesma, poderia influenciar nas aprendizagens das crianças? Porquê?
4. Quais as vantagens de organizarem as crianças com idades diferenciadas na no mesmo espaço de aprendizagem?
5. a. Nesta escola trabalham por projeto; tal é uma garantia para promover o sucesso educativo aos alunos? Porquê?
 - b. A maioria das vezes acha que para os orientadores/docentes é fácil conseguirem observar as dificuldades que os alunos têm ao trabalharem por projeto? Porquê?
 - c. Para além do trabalho por projeto adotam mais alguma metodologia promotora da aprendizagem nesta escola?
6. Pode explicitar a ideia/os temas do Projeto e os interesses manifestados pelos alunos?
7. a. O que pensa sobre a promoção do trabalho colaborativo desde cedo/tenra idade?
 - b. Que benefícios pode trazer o trabalho em equipa para o futuro deles?
8. a. Cada vez é mais importante a utilização de recursos tecnológicos na sala de aula. Na sua opinião, as novas tecnologias são um problema ou um aliado nas aprendizagens dos alunos? Porquê?
 - b. Os orientadores/docentes deixam os alunos pesquisarem informação através desses recursos?

c. Acha que existe professores com receios relativamente a determinados recursos nesta escola?

9. a. É importante existir mais do que um professor no espaço de aprendizagem? Porquê?

b. Enquanto diretora, sente que os orientadores/docentes colaboram uns com os outros? Ajudam-se mutuamente? Quer destacar algumas evidências deste trabalho?

10. Enquanto diretora acha que os orientadores/docentes aprendem com os alunos todos os dias ou são apenas os alunos que aprendem com orientador?

11. Como funciona a planificação nesta instituição? Podemos considerar que o modo como planificam é diferenciador? Porquê?

12. a. Relativamente à avaliação das aprendizagens, o que gostaria de destacar?

b. Existe um modo mais eficaz de avaliar? Porquê?

c. Os alunos podem fazer a sua autoavaliação?

13. a. A sala onde os docentes trabalham é diferente da sala tradicional, o que acha sobre isso?

b. Considera que poderia haver mais alterações na estrutura no espaço de aprendizagem? Quais?

14. Para si como designa “uma escola para todos”?

Anexo IX - Entrevista à diretora da instituição em estudo

1. Como define o sucesso educativo?

Para nós o sucesso educativo é um bocadinho mais do que aquilo que tradicionalmente nós vivemos nas escolas. Nós não associamos o sucesso educativo só ao cumprimento das metas de aprendizagem porque nós entendemos as aprendizagens num sentido mais global, mais integral. Nós conseguimos que as crianças se apropriem das atitudes, das competências e dos pensamentos que lhes permitam de facto explorar o mundo construir conhecimento e aplicar esse conhecimento. Mas, engloba não apenas a produção dos conteúdos programáticos, mas muito além desses conteúdos programáticos.

2. A escola que gere é apontada como inovadora e bem sucedida; o que pensa sobre isso?

Nós temos sempre algumas reservas nos rótulos, porque nós não estamos propriamente a fazer uma inovação, pelo menos não no sentido eruptivo que as pessoas geralmente pensam na inovação. Nada do que nós fazemos aqui é excepcionalmente novo, nós não inventamos nada em específico, o que nós fomos buscar são metodologias que já existem à muitos anos, são princípios de olhar a criança e de pensar no desenvolvimento da criança que já existe à muitos anos, mas que por força das circunstancia, das estruturas e das burocracias que se deixaram de aplicar. Nós fomos repescar essas ideias e esses princípios, pensamos como é que queríamos conceber a escola em função desses princípios, como é que queríamos pensar a criança e que futuro é que queríamos proporcionar às crianças e construímos um modelo de aprendizagem para isso. O sucesso daquilo que fazemos, acho que se mede muito mais na satisfação com que as crianças estão na escola e na forma como conseguem relacionar o que aprendem na escola com a vida la fora também. Portanto, o envolvimento deles, a capacidades de levarem o que estão a trabalhar aqui para casa, e conversarem com os pais sobre os temas, de trazerem ligações que encontram em casa com os sistemas que estão a aprender, tudo isso são indicadores do projeto que construímos.

3. Aquando a construção da instituição, pensou particularmente na estrutura física e como a mesma, poderia influência nas aprendizagens das crianças? Porquê?

Pensamos, porque o espaço tem uma influência muito grande no modelo de aprendizagem que nós temos, e ainda que nós não estejamos com o modelo ideal, não estamos com o espaço ideal, com as características ideais. Grande parte do que temos cá foi de facto construído depois de um trabalho de pesquisa muito grande sobre como é que desenhávamos o espaço para proporcionar oportunidades de aprendizagem. Este exercício foi feito por nós e feito pela equipa educativa e depois, foi feito em apoio com a colaboração do arquiteto que nos ajudou a redesenhar este espaço que já existia, mas sempre numa lógica de construir um espaço que proporciona-se oportunidades de aprendizagem.

4. Quais as vantagens de organizarem as crianças com idades diferenciadas na no mesmo espaço de aprendizagem?

Nós escolhemos trabalhar por ciclos, portanto para nós funciona sempre não em função da faixa etária, mas do ciclo de desenvolvimento em que as crianças estão e o que nós ganhamos com isto é de facto a capacidade de eles se apoiarem mutuamente, e de não sentirem que estão a ser alvo de uma bitola que é a mesma para todas as crianças que tiverem seis anos e estiverem no 1º ano, de sete anos e esteja no 2º ano eles não sentem essa distinção. Portanto, eles estão todos juntos, eles não sabem qual é efetivamente o ano curricular deles, eles sabem que têm áreas em que estão a trabalhar com crianças mais velhas, áreas em que estão a trabalhar com crianças da mesma idade, mas não têm necessariamente essa divisão por faixa etária e portanto, permite-lhes crescer nas áreas em que eles já estão mais desenvolvidos e em que têm mais interesse e permite-lhes crescer ao ritmo deles naqueles que eles têm algumas lacunas e precisam de mais tempo para se desenvolverem e permite-lhes sobretudo ajudar os outros a crescer.

5. a. Nesta escola trabalham por projeto; tal é uma garantia para promover o sucesso educativo aos alunos? Porquê?

Nós escolhemos trabalhar por projeto porque nos permitia construir este modelo transversal e bem como todos os conhecimentos, competências e atitudes que se conseguem ligar umas às outras e estar ao serviço de um objetivo. Fizemos isto, porque isto é depois o que eles vão ter pela vida fora. Nós quando estamos na nossa vida pessoal, familiar e profissional o que nós fazemos são projetos de vida, sempre e nós temos de ser capazes de ligar múltiplas pessoas. Por isso, relativamente aos projetos depois de eles saírem daqui e depois conseguirem colocarem isto num contexto real e de eles perceberem as ligações entre os

temas e de como é que aplicam as aprendizagens, tem muito a ver com a construção de significados para eles. Eu preciso que eles percebam e que construam dentro deles a noção de porquê que eu quero aprender isto, porquê que isto é importante aprender, porquê que mesmo sendo um tema não é da minha esfera pessoal de interesses eu vou precisar de aprender isto na mesma, porque eu vou precisar de aplicar isto em determinado contexto. Portanto, os projetos permitem-nos dar este enquadramento e criar aqui esta moldura e permite-lhes perceber como é que tudo o que estamos a fazer aqui, vai ser útil, vai fazer sentido para eles no contexto do percurso deles de vida.

b. A maioria das vezes acha que para os orientadores/docentes é fácil conseguirem observar as dificuldades que os alunos têm ao trabalharem por projeto? Porquê?

Sim, porque permite de facto esse olhar individualizado para cada um. Quando eu estou num contexto tradicional e eu tenho 25 alunos e eu estou a fazer um exercício de gramática por exemplo, todos estamos a fazer o mesmo exercício ao mesmo tempo e eu no fim recolho os exercícios dos alunos, corrijo e eu consigo identificar aquela dificuldade no exercício, mas eu não consigo perceber o quê que motiva aquela dificuldade e nem consigo depois ter tempo para trabalhar o potencial de desenvolvimento daquilo. Aqui não, aqui ao trabalhar por projeto e porque eles estão muitas vezes em grupos, ainda que possam só estar a fazer um trabalho individual, mas estão sempre em grupos e eu tenho múltiplos olhares sobre as crianças. O professor não tem que estar necessariamente a ser um para o grupo, nós temos vários orientadores em sala e os próprios alunos, também funcionam muito neste registo de apoiar quem está ao lado e portanto, constroem-se muito mais pontes, para conseguirmos perceber quem são aquelas crianças, que potencial é que têm, quais são as lacunas que têm e como é que os podemos ajudar a ultrapassar essas lacunas e realizarem aquilo que é o seu potencial.

c. Para além do trabalho por projeto adotam mais alguma metodologia promotora da aprendizagem nesta escola?

Nós usamos muito o playfullen, que para nós é muito importante, usamos muito o jogo como ferramenta de aprendizagem e pode ser nos períodos que nós temos específicos para jogo. Nós temos duas horas por semana para jogos de tabuleiro, que são momentos de aprendizagem ou pode ser a

própria construção do projeto, que é sempre feita numa lógica que implica alguma lucidada. Portanto, o lúdico aparece sempre associados à aprendizagem. Depois temos muitas ferramentas de designer que usamos com as crianças, que ajudam a desenhar o projeto, ajudam a introduzir os tópicos, que ajudam a fazer a geração de ideias, ajudam a fazer a prototipagem, mas depois também ajudam sobretudo naquilo que são os períodos de feedback e nós fazemos feedback semanal, fazemos o feedback no fim de cada projeto que demora entre 6 a 7 semanas e há muitas dimensões neste feedback, que vem também destas ferramentas de designer think. Depois nós vamos buscar um bocadinho de muitas coisas, vamos buscar Reggie Emilia, bebemos de diferentes correntes conforme o projeto que estamos a fazer para complementar melhor o desenho daquele projeto em específico.

6. Pode explicitar a ideia/os temas do Projeto e os interesses manifestados pelos alunos?

Olha neste momento, por exemplo o projeto é “viver mais com menos” e é um projeto que nós lançamos, e aqui foram os adultos, os orientadores que lançaram o tema, porque percebemos a seguir ao Natal que como todas as crianças, nós temos muitas coisas e quanto mais coisas temos e queremos receber e depois não sabemos o que fazer com as coisas que temos e portanto, estamos muito cheios de produtos e itens que não lhes atribuímos significados e não sabemos como é que eles nos fazem crescer. Portanto, começamos este projeto por isso, porque permite-nos trabalhar uma série de dimensões que nós gostávamos de trabalhar desde a financeira, a relação com a comunidade, mas permite-nos sobretudo chegar ao fim do projeto e nós estamos a uma semana e meia para terminar o projeto com uma consciência muito maior de que há muitos modelos de organização da sociedade, não tem necessariamente de serem baseados nesta lógica do ter, do possuir, do comprar, do dinheiro mas podem basear-se em trocas, podem basear-se em relações entre a comunidade e a comunidade suportar-se e ajudar-se mutuamente e foi por isso que fomos buscar este tópico. No próximo projeto já vamos entrar mais numa lógica da história e mais até na história da Europa do que propriamente na história de Portugal que já fizemos um projeto nessa área porque percebemos que era um tópico que eles começaram a trazer alguns livros e eles estavam interessados em descobrir e quem era o Alexandre Grande e o quê que ele fez. Portanto, vamos montar um

projeto a partir desses interesses que eles começaram a partilhar e os projetos nascem sempre ou destes desafios que nós adultos queremos lançar às crianças ou de ideias que eles vão trazendo. Nunca é um projeto que são eles que desenham do principio ao fim, porque eles anda não têm maturidade para fazer esse desenho de aprendizagem, mas os temas nascem sempre de alguma coisa que ou nós sentimos que eles precisam de olhar ou eles nós lançam pistas de que são ideias que gostavam de explorar.

7. a. O que pensa sobre a promoção do trabalho colaborativo desde cedo/tenra idade?

Nós recebemos agora um prémio e nesse prémio foi-nos pedido que as crianças que vão rebe-lo, falem sobre uma das competências que o modelo da entidade que gere o prémio e valoriza muito e nós valorizamos muito, que é o trabalho em equipa. Mas a verdade é que provavelmente é a competência mais difícil de se trabalhar nesta idade, porque as crianças estão num período naturalmente, nestas faixas etárias centradas em si, no seu auto conhecimento e não estamos aqui propriamente disponíveis para sermos solidários e ajudarmos o outro deixarmos os nosso interesses as nossas necessidades, os nossos desejos de parte é sempre mais difícil. O estarem em grupo, em projeto e nós trabalharmos continuamente esta noção de ajudar quem está a trabalhar na minha mesa, ajudar a comunidade, fazermos projetos em prole de um impacto positivo para a comunidade ajuda-os a desenvolver essa consciência. Se eles já são mestres nesta competência, não de todo. Mas o que nós achamos é que estamos de facto a lançar as sementes pra que eles consigam no futuro desenvolverem essa competência e quando chegarem a um efetivo trabalho em equipa não seja, vamos dividir tarefas, mas que seja de facto um verdadeiro trabalho em equipa, de colaboração, de construção em conjunto.

b. Que benefícios pode trazer o trabalho em equipa para o futuro deles?

Pois, nós temos esta convicção de facto não há grande caminho no futuro para um trabalho que seja muito individualista. Há pouquíssima profissões que se esperam no futuro que venham a funcionar de uma forma individual e portanto importa que eles sejam capazes de trabalhar em equipa porque isso vai ser-lhes necessário em termos de vida profissional. Pra nós, mais ainda é que de facto aquilo que nós queremos é que eles sejam capazes de sair daqui e sejam capazes de ajudar a

construir um mundo que achem que faz sentido lá fora, porque ninguém constrói o mundo sozinho. Portanto ou eles conseguem trabalhar em conjunto e em conjunto pode ser com pessoas que estão ao lado deles, pode ser com pessoas que estão do outro lado do planeta, mas ou eles sabem fazer este trabalho colaborativo ou dificilmente eles vão conseguir isso que é a missão principal da escola, que é eles serem capazes de construir esse mundo melhor, com que eles sonham e pra fazer vão ter de precisar de ajuda.

8. a. Cada vez é mais importante a utilização de recursos tecnológicos na sala de aula. Na sua opinião, as novas tecnologias são um problema ou um aliado nas aprendizagens dos alunos? Porquê?

Eu acho que são um aliado para os alunos e um problema para a maior parte dos professores porque não tem formação nesta área e portanto parte-se do pressuposto e eu não sou professora mas assusta-me muito a ideia de cada vez que é lançada uma moda nova seja na área das metodologias de aprendizagem quer seja na área das tecnologias que de repente o professor tenha que se apropriar daquilo e que tem que começar a usar e que tem que ser muito eficiente na utilização daquela tecnologia e que tem que de introduzir aquilo na sala de aula e conseguir que todos os alunos sejam capazes de utilizar. Isto cria do nosso ponto de vista muito mais obstáculos do que benefícios pois estamos a pedir aos professores que sejam capazes de fazer tudo em simultâneo em todas as dimensões e em todas as frentes de batalha não é possível. Nós usamos a tecnologia como recurso, mas usamos a tecnologia da mesma forma que usamos a arte, que usamos os livros, que usamos o sair para a rua e falar com as pessoas, para nós é mais um recurso que os professores tem a seu serviço e sempre que queremos introduzir no âmbito da tecnologia alguma coisa nova, o que fazemos é primeiro capacitar os professores porque percebemos que eles tem que se sentir confiantes e perceber como e que aquela tecnologia os pode ajudar em contexto de sala e só depois e que começam a utilização, agora temos plena noção que estamos ainda muito longe de usar todas as ferramentas que nos podiam ser uteis, mas ainda não temos de facto terreno suficiente para conseguir capacitar os professores em tudo portanto há sempre alguma coisa que fica para trás.

b. Os orientadores/docentes deixam os alunos pesquisarem informação através desses recursos?

Os alunos podem fazer pesquisas no computador, varia muito consoante os temas dos projetos e a pesquisa não é completamente livre, ainda que eles tenham acesso e possam pesquisar no Google, trabalhamos também com os alunos a consciência do que é que é uma pesquisa, como se faz uma pesquisa na internet e quais são as fontes de informação que são mais uteis. Como eles trabalham em grupos heterógenos, eu posso ter num grupo alunos com idades diferentes e eles ajudam-se mutuamente, agora o trabalho de capacitação para a pesquisa e feito com todos, nós explica-mos por exemplo, e é muito comum, eles procuram uma palavra que não conhecem ou procuram um tópico que não conhecem e das primeiras páginas que lhes aparece é a *wikipedia* e eles estavam todos convencidíssimos que a *Wikipedia* era uma fonte de informação fidedigna. Está lá escrito e então é porque é verdade e nós trabalhamos com eles esta noção de que nem tudo o que está na internet é de facto correto e que é preciso filtrar esta informação e muitas vezes as pesquisas são guiadas, temos uma pré-seleção de sites onde eles podem ir retirar informação porque de facto também há uma diversidade muito grande de conteúdos que eles podem utilizar na internet e uma pesquisa não orientada pode torna-se num projeto de um ano inteiro portanto tem que ser muitas vezes guiado.

c. Acha que existe professores com receios relativamente a determinados recursos nesta escola?

Eu acho que todos os professores que vêm para cá, os que estão cá, os que vieram e já saíram, todos os professores têm receios, pois o que nós estamos a fazer é de facto radicalmente diferente daquilo que se faz em contexto de escola e isso, naturalmente assusta. Portanto nós quer como pessoas, quer como profissionais, temos também as nossas dúvidas e muitas vezes temos que saber partilhar essas dúvidas, o que também não é fácil porque o professor também é por tradição alguém que trabalha muito sozinho, que está na sua sala, não tem este registo de partilhar com outros, de discutir, de debater e o exercício que nós fazemos aqui é muito esse, de construir uma equipa que seja de facto muito coesa, que tenha esta capacidade. O feedback também entra para os professores e nós fazemo-lo muitas vezes com os professores, quer seja alunos a dar feedback aos professores, quer seja professores entre si fazerem, para construírem essa capacidade de partilharem os medos que têm e de se apoiarem mutuamente naquilo que seja as dificuldades que vão surgindo.

9. a. É importante existir mais do que um professor no espaço de aprendizagem? Porquê?

Para nós sim, primeiro porque o modelo assim o exige, eu não consigo fazer projetos só com um professor, é humanamente impossível e depois, porque nós acreditamos de facto que quanto mais figuras de referência eles tiverem, com perfis diferentes, mas que se complementem, mais rico é a experiência que eles tem de aprendizagem. Portanto, nós temos aqui professores de diferentes áreas curriculares, temos professores que são mais orientas para a tecnologia, outros que são mais orientados para uma parte mais estética e mais artística, temos professores que são muito mais orientados para o pensar, portanto refletem muito mais com eles e fazem muito mais debates, mas esta riqueza de perfis diferentes é que os ajuda a crescer.

b. Enquanto diretora, sente que os orientadores/docentes colaboram uns com os outros? Ajudam-se mutuamente? Quer destacar algumas evidências deste trabalho?

Nós procuramos construir esta equipa e isto é um exercício quase que diário, eu tenho a certeza que a equipa que cá está neste momento faz este exercício de um trabalho muito colaborativo e isso, nota-se por exemplo no esforço que até as equipas de diferentes níveis, do pré-escolar e da iniciação, fazem por ter atividades em conjunto. Se de repente e acontece muitas vezes aqui na escola, nós estamos a fazer determinada atividade com os alunos mais velhos e aparece uma questão de comportamento por exemplo, nós paramos logo tudo o que estávamos a fazer e se calhar precisamos de ficar só com um grupo mais pequeno e o outro grupo fica com o resto do perfil dos orientadores que temos cá, seja do pré-escolar, seja dos que vem só fazer as atividades extra curriculares, porque há esta noção de apoio, porque há esta noção de que se eu interrompo uma atividade que está a acontecer e para a atividade porque vou discutir um tema qualquer, nós confiamos em quem está a fazer isso e portanto sabemos que se a pessoa interrompeu a atividade que estamos a fazer, tem um propósito para o fazer e não aparece lá só por acaso e por isso, tem que haver essa relação de confiança mutua e nós temos que estar muito alinhados um com os outros e sabermos olharmo-nos e sabermos também o que é que está a acontecer no dia a dia.

10. Enquanto diretora acha que os orientadores/docentes aprendem com os alunos todos os dias ou são apenas os alunos que aprendem com orientador?

Não, acho que eles surpreendem-nos muito, em grandes aprendizagens que eles já fizeram e que nós não tínhamos essa percepção e que de repente eles mostram aquilo que são e aquilo que sabem, em pequenos detalhes em que nós percebemos que do ponto de vista emocional e social eles evoluíram imenso desde que cá estão e depois em pequenas coisas que são falhas nossas e que nós descobrimos por acaso. Nós neste projeto por exemplo lemos dois livros, duas histórias em inglês que contavam histórias de meninas, um era sobre uma menina que recebe uma bolsa de estudos porque era muito pobre e precisa daquela bolsa para ir estudar, mas aquela bolsa não é suficiente e os pais e os irmãos precisam de se juntar para trabalhar e receber dinheiro extra para pagar o alojamento dela na faculdade e a outra história, fala de uma menina que é muito boa aluna, que é brilhante e que recebe uma bolsa de mérito para ir para os Estados Unidos para estudar. Trabalhamos estas histórias durante duas semanas e durante as duas semanas, nenhum dos adultos e nós de facto temos muito este trabalho de estarmos atentos aos pormenores e estarmos atentos às crianças, mas em nenhum momento nós não percebemos que eles não sabiam o que era uma bolsa, eles perceberam que uma bolsa era dinheiro, mas eles atribuíram sempre à bolsa o significado literal, de ser uma carteira que vinha com dinheiro lá dentro e que aquelas meninas recebiam. Mas numa discussão em roda estávamos a falar e alguém menciona a carteira que ela recebeu com o dinheiro e foi quando nós percebemos que andávamos à duas semanas a fazer aquilo sem termos tido a sensibilidade de perceber que de facto crianças destas idades não têm que saber o que é uma bolsa, porque é um conceito demasiado abstrato para eles e nós não tínhamos desmontado aquele conceito. Então partimos do pressuposto que eles tinham percebido e de facto, este sinais permitem-nos de facto conhece-los muito bem, mas temos depois de estar disponíveis para parar tudo e explicar os conceitos.

11. Como funciona a planificação nesta instituição? Podemos considerar que o modo como planificam é diferenciador? Porquê?

É necessariamente, nós usamos uma metodologia de planificação que se chama os arcos de aprendizagem que está muito relacionada com a metodologia de projeto que usamos cá, que está muito relacionada com os princípios de

design tinking e portanto, nós quando planificamos e usamos arcos, usamos porque nós sabemos que se eu vou lançar um arco de determinada aprendizagem, esse arco tem que aterrar e portanto eu tenho que garantir que as crianças não só vão conseguir entender o conceito, mas vão conseguir apropria-lo desse conceito e vão conseguir utilizar esse conceito. Muitas vezes os arcos durante um projeto repetem-se e um arco que lanço agora só o vou validar daqui a 3 semanas e portanto, eu tenho que ter isso no meu horizonte previsto e por isso é que nós não planificamos por dias, não planificamos em caixinhas do Excel, mas sim num papel de cenário enorme porque eu tenho que conseguir ver as 6 ou 7 semanas do projeto, as ligações entre os temas, as ligações entre as metas ao longo daquelas semanas e eu tenho que conseguir perceber que determinado conceito que eu estou a lançar agora eu vou obviamente avalia-lo no momento em que o lanço mas se calhar ele vai aparecer mais 3 ou 4 vezes no projeto e eu tenho de o ancorar em algum momento e isso, tem que estar tudo previsto na forma como nós planificamos.

12. a. Relativamente à avaliação das aprendizagens, o que gostaria de destacar?

Quanto à avaliação, nós não temos um registo muito formal de avaliação, nós não temos testes, não temos notas quantitativas, fazemos obviamente muita avaliação e todos os dias as crianças estão em avaliação porque estão em observação, tudo aquilo que eles fazem cá é um momento de avaliação que me permite avaliar a aprendizagem formal, mas também permite-me avaliar as competências e atitudes que têm que estar a ser desenvolvidas e depois, os registos mais formais de avaliação, são os portefólios, são as apresentações que eles fazem no fim de cada projeto, são os jogos, entre outros. Por exemplo, nós fazemos os Kahoot que são testes de aprendizagem, através daquela ferramenta, no computador é lúdico, é quase como um concurso, funciona como o Quem Quer Ser Milionário portanto, eu tenho opções, escolhas e isto, é um registo de avaliação e eu chego ao fim e tenho um resultado quantitativo e eles tem noção que estão a ser avaliados e não entendem isso como um elemento que preponderante, não temos este registo.

b. Existe um modo mais eficaz de avaliar? Porquê?

Nós achamos que ainda estamos muito aquém do que gostaríamos de fazer em termos de avaliação, o problema é que não há muitos modelos de avaliação para esta metodologia que nós usamos, não há grandes correntes

de investigação que estejam a estudar a avaliação especificamente nestes contextos, começa a aparecer nos países nórdicos e nós tentamos acompanhar o que se está a desenvolver nessas universidades, mas ainda sentimos que há muitas lacunas que nós precisamos de consolidar mais até, não ao nível das aprendizagens porque essas são mais fáceis, mas mais ao nível das competências e das atitudes. Era muito importante nós conseguirmos encontrar aqui algumas ferramentas, conseguirmos construir essas ferramentas que nos permitam fazer essa monitorização da evolução. Eu tenho competências que para nós são críticas, estão no nosso projeto educativo, a liberdade, a curiosidade, a responsabilidade e como é que eu consigo monitorizar essa evolução, que indicador é que uso, que instrumentos de avaliação é que uso portanto temos essas lacunas que nós sentimos que ainda precisamos de melhorar.

c. Os alunos podem fazer a sua autoavaliação?

Eles fazem todas as semanas, todas as semanas há um exercício de feedback que inclui a autoavaliação, a avaliação dos pares, a avaliação dos professores e a avaliação do design do projeto portanto esses registos eles têm que ter obrigatoriamente.

13. a. A sala onde os docentes trabalham é diferente da sala tradicional, o que acha sobre isso?

As salas aqui são muito flexíveis, tem a ver com o design do espaço que nós pensamos no início. Há esta flexibilidade que nos permite estar ou em grande grupo ou em grupos mais pequenos, ou com alunos individualmente e portanto, para podermos ter este registo que está sempre desenhado também na planificação do projeto. A sala tem que ser também diferente e mesmo nos momentos que eles estão todos juntos, eles estão sentados em roda e não virados para o adulto que está a falar, eles estão em roda porque é suposto eles verem-se todos uns aos outros porque isso ajuda muito no projeto de crescimento pessoal deles e ajuda a reconhecer os outros, a saber ler as emoções dos outros, a saber ver se eles estão a ser capazes de acompanhar a explicação ou não. Muitas vezes são eles que fazem essa leitura e dizem que acham que há alguém que não está a perceber e que eles gostavam de explicar melhor, mas para isso nós temos de estar em roda e de nos ver e também, por isso é que os espaços têm que ser tão flexíveis.

b. Considera que poderia haver mais alterações na estrutura no espaço de aprendizagem? Quais?

Nós sentimos algumas dificuldades, devido ao facto de os espaço não ser tão grande isto apesar de nós não querer-mos um espaço muito grande, mas neste momento já sentimos algumas dificuldades na gestão do espaço. Porque eles já são mais autónomos na aprendizagem e portanto muitas vezes já se querem isolar, querem sair da sala e ter um espaço onde possam estar a trabalhar e nós não temos espaços suficientes para todos. Tem a ver com o facto de alguns projetos que nós ainda não lançamos por não ter essa capacidade dentro da escola, não termos um centro de materiais, não termos a carpintaria a funcionar porque já não cabem aqui e depois, tem a ver com a própria gestão da dinâmica do projeto. Nós percebemos que vamos ter que instalar por exemplo a curto prazo algumas placas de isolamento por causa do som pois não é possível calar as crianças em projeto, porque de facto implica a interação deles mas nós temos de procurar ferramentas técnicas que permitam limitar um bocadinho o ruído, pois o ruído também perturba o seu processo de aprendizagem e nisso também sabemos que temos que melhorar.

14. Para si como designa “uma escola para todos”?

Nós temos uma visão muito peculiar desta noção de uma escola para todos, se nós pudéssemos ter alguma opinião sobre qual é o modelo de escola que existe em Portugal, o que nós gostávamos de dizer era que de facto não deve haver um modelo de escola, para haver uma escola para todos, tem que haver modelos de escolas diferentes e as escolas têm que ter projetos que sejam de facto muito mais relacionados com a comunidade onde estão, a cultura onde estão, a própria equipa de profissionais que lá está e também, os alunos. Portanto a cultura da escola para todos constrói-se em cada escola e eu tenho que saber adaptar e construir aquilo que é o meu projeto educativo, em função daquilo que é a localidade onde eu estou mas também, em função da comunidade que eu tenho e a comunidade são os meus alunos, são os professores, os pais e todas as pessoas que interagem connosco. Portanto é preciso criar essa escola para todos, mas não com um modelo único. Nós não aprendemos todos da mesma maneira, porque aprender em Lisboa não é o mesmo que aprender em Vila Real, porque há tantas variáveis a influenciar que se calhar essa escola para todos tem que ser contruída em cada escola.